*

Cândida corpinho magro, nua, pelo terreiro, o cheiro das maçarandubas, as bostas das cabras, das vacas e dos jegues, canta e ninguém entende, mas amamos. Antonio também delgado, já bem duro, não canta, corre, trepa nos angicos e olha de cima, vai ver do alto. A nudez de Cândida enche o terreiro [...].

(“Casamento e viagem”, *Revoltoso Ribamar Pereira*)

*

[...]
poema do poema
teoria / ética
teorética:
texteoria crítica
minha poética

(“Umbral”, *Poema Ser Poética e Mais Oito Pré-textos*)

*

Como nas cartas do tarô onde
me leio
– eis-me aqui espelho grande
quebrado ao meio

(“Autorretrato”, *Lição do Mundo*)

*

– Sou poeta coisíssima
nenhuma
(Já disse isto algumas vezes)
– Sou plateia

(“Poeta”, *Bandeira Vermelha*)

SOBRE ADAILTON MEDEIROS

Adailton faz parte do grupo de poetas que, sem ligações entre si, cada um na sua, selecionei como representantes de uma nova tomada de ar da poesia brasileira. (ANTONIO OLINTO)

*

Concordo, Adailton, com sua permanente procura como poeta que exige caminhos novos e não fôrmas e círculos fechados do crer ou morrer. (CASSIANO RICARDO)

*

Não se canse nunca da sua condição de Poeta. O grande tema de sua poesia é e há de ser sempre a condição humana e seus conflitos. (ANTONIO CARLOS VILLAÇA)

*

Estimado Adailton Medeiros, venho lendo a sua poesia com muito interesse. Atraem-me não somente o pesquisar da linguagem, mas especialmente certos túneis escuros de onde assomam graves acusações. A poesia maldita é cada dia mais necessária. (NÉLIDA PIÑON)

*

Conhecendo, contudo, o perigo da sua própria marginalização poética, por haver ido além do fácil entendimento, Adailton, que pretende ser uma testemunha do fazer comunitário, não se arreceia de tentar paradoxalmente esse perigoso lance de dados [...]. (NAURO MACHADO)

*

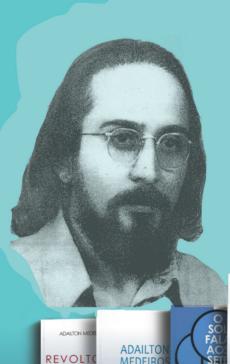
Uma obra segura de um poeta que não faz o inventário dos que o precederam, mas que se envolve com a sua própria obra, criando-a a cada passo e transformando-se numa grata revelação [...]. (AGUINALDO SILVA)

*

[...] Adailton Medeiros é um dos que mais se afirmam por sua consciência formal e sua autenticidade. (FAUSTO CUNHA)

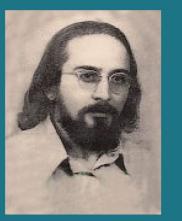
9 786599 065200

ADAILTON MEDEIROS OBRA REUNIDA

i

ADAILTON MEDEIROS

OBRA REUNIDA

Oculto Piano [1958/59?]
O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves [1972]
CristóVÃO Cristo : Imitações [1976]
Revoltoso Ribamar Palmeira [1978]
Poema Ser Poética e Mais Oito Pré-textos [1981]
Lição do Mundo [1992]
Bandeira Vermelha [2001]

imprimatur

NESTE LIVRO

Compondo Caxias do passado, / que presente nada mais é, / lá está o Alecrim pasmado / pois lá, há de pasmar até!...

(“Através da história”, *Oculto Piano*)

*

Hoje sinto aquelas águas / no ver potes de chuvas / e saudade neste pobre poema / que vai aguando meu coração

(“Mar rio ribeiro riacho da minha terra”, *O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves*)

*

– Peregrinos por estradas e serras / estrangeiros no campo de origem / crescem loucos por amor do / homem: no mosteiro provam / que fora deles só existe a dor

(“Mosteiro”, *CristóVÃO Cristo : Imitações*)

ADAILTON MEDEIROS

Obra reunida

imprimatur

Rio de Janeiro
2022

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Produção Editorial

Cacau Costa
João Saboya
Julia Neves
Julia Roveri
Matheus Nogueira
Rodrigo Fontoura
Valeska Torres

Revisão

Edmilson Sanches
edmilsonsanches@uol.com.br

Capa: Edmilson Sanches / Wesley Almeida

Design: Wesley Almeida

A íntegra desta Obra Reunida, de Adailton Medeiros, está disponível para livre acesso no link abaixo:

https://bit.ly/3ofuAHM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)
Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

M4880 Medeiros, Adailton.

Obra reunida / Adailton Medeiros. – 1. ed. – Rio Janeiro : Editora Imprimatur, 2022.
560 p.; 15,5 x 23 cm.

ISBN 978-65-990652-0-0.

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. I. Título. II. Assunto. III. Autor.

CDD B869.91
CDU 82-1 (81)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Literatura brasileira: Poesia / Prosa.
2. Literatura: Poesia (Brasil).

2022
Viveiros de Castro Editora Ltda.
Rua Visconde de Pirajá 580 sl. 320 – Ipanema
Rio de Janeiro | RJ | CEP 22410-002
Tel. (21) 2540-0076
editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

Sumário

APRESENTAÇÃO

Edmilson Sanches

Esta *Obra Reunida* de Adailton Medeiros (1938—2010) há muito deveria ter chegado às mãos dos leitores. E não foi por falta de esforço dos irmãos Medeiros e da Editora, que tanto fizeram para o livro estar em circulação.

Coincidentemente, sem nada premeditado, *Obra Reunida* sai exatamente no ano — 2022 — em que no Brasil se registram três datas "redondas" relacionadas a movimentos culturais, literários e poéticos aos quais, pode-se dizer, vincula-se o fazer poético-literário de Adailton Medeiros: o centenário do Modernismo (com a Semana de Arte Moderna, 1922), os 70 anos do Concretismo (com os poetas da revista *Noigrandes*, 1952) e os 60 anos da Poesia Práxis (com o livro *Lavra Lavra,* de 1962, do paulista Mário Chamie, amigo de Adailton). E entre essas efemérides, uma outra, cara à bibliografia de Adailton Medeiros: em 2022 também completam-se os 50 anos de publicação de seu primeiro livro, *O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves*, de 1972.

Nascido em 16 de julho de 1938 no povoado Angical, em Caxias, Maranhão, onde também surgiu literária/mente, Adailton Medeiros faleceu em 9 de fevereiro de 2010, no Rio de Janeiro (RJ). Viveu 71 anos, 6 meses e 24 dias, mais de oitenta por cento desse tempo na capital fluminense, cidade de protagonismos e coadjuvações e de convergências e dispersões de fluxos e influxos culturais, (r)evoluções artísticas e feitos literários e seus efeitos *co/literais.*

Mas, se habitava numa capital, Adailton, em si e em sua obra, nunca se desabitou de seu interior — porque não desabilitou o rememorar, não desativou o revivescer. Infância, juventude e adultidade compõem a santíssima trindade que o faz ser ele o mestre de obras que se replica nelas, suas obras de mestre.

Nesse processo, a "Princesa do Sertão" (Caxias) se une à "Cidade Maravilhosa", com a geografia literária adailtoniana, com seu próprio *tópos*, mostrando que o Riacho Praquê deságua no Rio de Janeiro. O Praquê, riacho onde diziam ter ouro enterrado, era lindo e o caminho para ele, limpo. Caminho de árvores, flores. Caminho de pedras. (E

me vem à memória "Caminho de pedra", música de Tom Jobim e Vinicius de Morais, gravada em 1958 por Elizeth Cardoso: "*Velho caminho por onde passou / O meu carinho chamando por mim, ô, ô / Caminho perdido na serra / Caminho de pedra / Onde não vai ninguém / Só sei que hoje tenho em mim / Um caminho de pedra / No peito também*".

ESCREVENDO SOBRE O HOMEM – Foi no povoado Angical, nas proximidades do Riacho Praquê, em Caxias, que Adailton Medeiros expatriou-se do ventre máter, depois de evoluir de "espermatozoide feio e raquítico",[1] com cauda, para um "lagarto sem rabo".[2] Nasceu numa "casa de palha",[3] onde havia quintal com "folhas das trepadeiras que se escancham na cerca".[4] Nasceu sobre um "jirau, [...] nobre catre",[5] numa "bela manhã"[6] daquele sábado, 16 de julho de 1938. (Neste mesmo dia e mês, cinquenta anos depois, apesar dos pesares e pensares, da vida ascética, anacorética, à inflexão para a lida literária, poética, Adailton, "criança cinquentenária"[7], reconhecia: "*— como deve ser bom / nascer crescer envelhecer e morrer*".[8]

Adailton foi o primeiro de dez irmãos, filhos do casal maranhense Dª Raimunda Borges de Lemos e Sr. Nadir Medeiros, proprietário de uma terra onde marido e mulher trabalhavam e de onde tiravam o sustento e tocavam a existência. Sobre o irmão, Maria Hilma, professora, escreveu: "*Adailton Medeiros — 'Dudu', como era chamado pela família —, um grande exemplo de dedicação e bondade, o esteio da família na formação de seus irmãos no Rio de Janeiro. // Foi Irmão Cirilo Alexandrino no Mosteiro de São Bento por 4 anos, no Rio de Janeiro. Renunciou à vida religiosa para dedicar-se à vida de escritor, pois seu maior objetivo era deixar seu nome nas páginas dos livros, ser imortal. // Como irmã caçula, minha dedicação ao meu inesquecível 'Dudu': Um sonho que se foi — a vida. / O silêncio calou sua voz — a*

1 "Autorretrato", in *Lição do Mundo.*
2 "Autorretrato", in *Lição do Mundo.*
3 "Quartinha Bordada", in *Lição do Mundo*.
4 "Meu Amor", in *Lição do Mundo.*
5 "Autorretrato", in *Lição do Mundo.*
6 "Questão Ontológica", in *Lição do Mundo.*
7 "Homenagem", in *Lição de Mundo*
8 *(idem)*

morte. / Um cérebro que não morre — a Sabedoria. / A saudade que fica para sempre — o adeus".[9]

Mas antes de sair do Angical para a cidade grande, Adailton foi para uma grande cidade — a dele, Caxias, terra e rima de Gonçalves Dias, de Teófilo Dias e de Celso Menezes, precursores, respectivamente, do Indianismo e do Parnasianismo na poesia e do Modernismo nas Artes Plásticas brasileiras; terra de Coelho Netto, indicado ao Prêmio Nobel de Literatura, introdutor do cinema seriado no Brasil, o escritor mais lido do Brasil e Portugal em sua época; terra de Ubirajara Fidalgo, criador do Teatro Profissional do Negro no país; de Liene de Jesus Teixeira, engenheira agrônoma e doutora em Botânica, primeira mulher a se formar em Agronomia na Universidade Federal de Viçosa (MG); de Raimundo Teixeira Mendes, criador da Bandeira do Brasil, redator de leis que, pioneiramente, no Brasil, levaram à separação Estado/Igreja, à proteção do doente mental e da mulher e do menor trabalhadores; terra de João Mendes de Almeida, que em São Paulo foi advogado e jurista, jornalista, presidente da Assembleia e principal redator da Lei do Ventre Livre; Aderson Ferro, pioneiro da Odontologia no Brasil e primeiro brasileiro a escrever e publicar livro sobre essa especialidade paramédica; e de tantos outros caxienses que, mercê de seus talentos, coragem e trabalho, legaram ontem um Brasil melhor hoje.

Com a família, Adailton mudou-se do Angical e foi para a zona urbana de Caxias, para o bairro Cangalheiro, Rua do Fio[10] — que, nos anos 1950, antes de ser a via por onde também passava a fiação do telégrafo (daí o nome), era chamada de Rua dos Velhacos, denominação que Adailton recupera e data em poema onde acopla uma cópula entre flor e folha, pendão e concha de plantas quiçá hermafroditas do novurbano quintal[11]. A literatura adailtoniana rima — inclusive em versos brancos — poesia com (auto)biografia. Nada de egocentrismo, mas, sim, muito humanismo.

---

9 Fotocópia de texto manuscrito entregue para Edmilson Sanches.

10 Redenominada como Rua Dirceu Baima, nome que ainda não "pegou".

11 "Meu amor", in *Lição do Mundo.*

No mundo citadino caxiense, novas situações e emoções, peripécias e personagens se foram adentrando na vida e no imaginário de Adailton. A família mudou-se para a Rua do Cotovelo, onde a casa até hoje é dos Medeiros. Entre os personagens (de)cantados em poemas, o "grande" Ilário da Costa Veloso, o Seu Ilário, da Rua do Angelim, homem peiudo, de genitália acavalada, motivo de gozação da meninada e de gozo da mulherada (segundo Adailton alinhavou em trinta e quatro versos igualmente... desmedidos...[12]). O velho Ilário se inscreveria na memória menina e na poesia madura de Adailton Medeiros, espaços onde já pulsava, por exemplo, o cantador e rabequista Zé Baú[13], preto velho do povoado caxiense de mesmo nome — Baú —, amigo da família Medeiros. Zé Baú cantava bem, "tirava" Reis, isto é, executava música, canto ou oração no Dia de Reis, que a tradição cristã "calendarizou" como 6 de janeiro. Maria Hilma (re)lembra uma quadra do reisado: *"Senhora dona de casa, / saia à porta da rua, / venha ver o Santo Reis, / que vem à procura tua".*

No início da adolescência, aos 13 anos de idade, o talentoso Adailton, aluno do Ginásio Caxiense, por seu desempenho nos estudos (1º lugar), ganha bolsa do Governo do Maranhão (à época, administrado por Eugênio Barros, nascido politicamente em Caxias, onde foi prefeito). O garoto vai para o Rio de Janeiro, matricula-se no famoso Colégio Pedro II e, motivado e preparado, volta a cursar o restante do hoje Ensino Fundamental.

Mas, como se diz pelos desvãos da hinterlândia brasileira, às vezes, quando Deus dá com uma das mãos, o Capeta vem e sorrateiramente tira com a outra... Eis que o garoto Adailton é contagiado por um vírus e desenvolve parotidite, que não é outra senão a caxumba, a papeira. Fica 15 dias fora das aulas. A doença passa, Adailton volta para a escola, a doença passa... para o outro lado — porque, em pobre lutador, desgraça pouca é bobagem. Mais 15 dias sem ir ao colégio. Total: um mês — e o rigoroso e quase bicentenário estabelecimento de ensino federal não teve misericórdia com quem tanto merecera estar matriculado nele... O menino Adailton voltou para a terra natal. Perde

12 "Retrato n.º 3 – o desmarcado (Ilário da Costa Veloso)", in *Lição do Mundo.*

13 "Rabequinha de mandacaru", in *Lição do Mundo.*

um ano. Reinicia outra vez os estudos. Torna-se líder e referência estudantil em Caxias. Vai crescendo e se desenvolvendo. Na Escola Técnica de Comércio, criada pelo amigo Monsenhor Clóvis Vidigal (falecido), presidiu o grêmio e, com a irmã Adailma, formou-se em Contabilidade. Estreia literariamente em jornal (o *Cidade de Caxias*), onde tinha seu nome no expediente. Assim nascia em letra de fôrma o jornalista e literato que anos mais tarde, em 1961, de volta ao Rio de Janeiro, trabalharia em Contabilidade com a irmã Adailma e depois sairia desse mundo de números para voltar-se para o universo das Letras, formando-se na última turma de Jornalismo (Comunicação Social) da antiga Universidade do Brasil, depois Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, onde também fez mestrado em Literatura. Como se diz, Deus escreve certo até por linhas incertas.

O retorno de Adailton ao Rio, sabe-se, é protagonizada pela irmã Adailma, que, tendo se mudado para a Cidade Maravilhosa, para lá levou de volta o primeiro irmão. Mais velha das irmãs, Adailma fora para o Rio trabalhar (inicialmente, com Contabilidade, numa editora e nos Correios), ser professora e fazer novos estudos. Formou-se em Administração e em Direito, tornou-se advogada e aposentou-se em cargo de destaque na área jurídica de uma das Forças Armadas do Brasil. Adailma é personagem e referência em poesias do irmão; leia-se, por exemplo, em "No divã amarelo", poema do livro *Lição do Mundo*: *"Ah – minha irmã (a que se encontra mais próximo) me liga / sempre e assim relemos antigos palimpsestos – Ocorre que / (apesar das nossas variáveis psíquicas) somos unidos e mais: / depositários e cúmplices de alguns segredos de família / [...]"*. No poema "O casmurro", no livro *Bandeira Vermelha*, o Poeta lembra-se da irmã quando conta/canta sobre Zé Aleixo, homem caboclo vindo de Loreto (MA), onde protagonizara um terrível drama familiar, e que era "pau pra toda obra", de semear grãos a enterrar defuntos: *"Mana – a minha irmã Adailma / – ele* [Zé Aleixo] *a chamava com saudade / da sua pobre menina morta / O velho Zé-Aleixo era casmurro: / "homem calado e metido consigo"*. Em muitos textos, nos diversos livros, em títulos, citações e dedicatórias, Adailton traz para perto de si a família — pais, irmãos, sobrinhos e outros, ascendentes, colaterais e descendentes.

De 1990 a 1994 Adailton Medeiros viveu no multissecular Mosteiro de São Bento, localizado no morro de mesmo nome, no Rio de Janeiro. Ali era o Irmão Cirilo Alexandrino — certamente uma referência ao grego Cirilo, grande nome da Igreja, o Patriarca de Alexandria, que viveu nos séculos 4 e 5 e foi homem de elevada erudição e grande fecundidade na produção escrita.

Entretanto, o espírito beneditino do Verbo parecia menos intenso que o espírito bendito das Letras. Aquele exigia desapego, abandono, rejeição; estas, serviam (para) busca, encontro, subversão. Onde o espírito beneditino do Verbo impõe renúncia e cala, o espírito bendito das Letras põe denúncia e fala. Em um caso o escritor é interdito; no outro, é internúncio.

E Adailton queria voltar a se dedicar à vida de escritor... Desde o início da carreira literária a até seu período monástico, já escrevera oito obras e publicara sete: *Oculto Piano* (a primeira obra; inédita); *O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves* (1972)*; Cristóvão Cristo : Imitações* (1976)*; Revoltoso Ribamar Palmeira* (1978)*; Braçada de Palmas* (1981)*; Poema Ser Poética e Mais Oito Pré-textos* (1981)*; Floração de Minas* (1982)*;* e *Lição do Mundo,* que saiu em 1992, no meio do período da vivência monacal. Toda esse vigor literário, toda essa força literal trouxeram um bilhete azul para o monge beneditino e uma *Bandeira Vermelha* para o escritor bendito. Adailton saiu do mosteiro secular para continuar testamenteiro do século. E voltou a publicar.

Com duas edições em 2001, a primeira com o título *As Mulheres & As Coisas* (cuja edição, do Governo do Rio de Janeiro, Adailton classificou como de "péssima qualidade"[14]), o livro *Bandeira Vermelha* é, na primeira parte, uma tertúlia, um agrupamento de familiares, amigos e personalidades de A de Adélia a Z de Zuleide. Em outros livros (por exemplo, *CristóVÃO Cristo : Imitações*), seja com poemas, em epígrafes ou dedicatórias, Adailton também exibe uma saudável destimidez ao tornar público seu apreço e carinho em relação àqueles que lhe são cara referência e para os nomes a quem dispensa rara reverência.

---

14 "Quanto ao livro que ele relançou mudando o nome – *Bandeira Vermelha* –, que foi patrocinado pelo Governo do Rio de Janeiro com a Academia Brasileira de Letras, ele [*Adailton Medeiros*] o achou de péssima qualidade. O caso foi isso." (Mensagem em áudio da advogada e administradora Adailma Medeiros, irmã do Autor, em 11/01/2022).

SOBRE O HOMEM QUE ESCREVE – A obra de Adailton Medeiros junta-se às tantas obras dos tantos autores a merecerem estudo mais acurado. Aspectos literários e linguísticos, históricos e geográficos, políticos e sociais, pessoais e que tais, entre outros, ululam e pululam, passam e perpassam nos/pelos textos adailtonianos. Um exemplo de pessoalidade, entre tantos, lê-se em "Objeto torturante", do livro *Lição do Mundo*:

> *"Quando eu era menino desejava ter*
> *– algum dia – um relógio de parede*
> *pra bater como um sino de hora em hora*
> *(bam bam bam) contando o tempo*
> *Mais tarde percebi que esse objeto torturante*
> *não consegue contar o tempo que é unitário*
> *agorúnico*
> *Ele vai contando – isto sim – nossos passos*
> *para a morte"*

A gênese desses versos vem, como dito no poema, do tempo do Adailton menino, que, ao visitar residências de pessoas "de condições", via dentro delas o relógio, o que fazia germinar nele a vontade de ter um objeto igual em parede de sua casa.

Os aspectos pessoais — como os já referidos aqui – compreendem desde as mais ancestrais lembranças da infância na zona rural, as referências à primeira professora, Rosa Martins ("Recordações" e "Minha Mestra", por exemplo, em *Oculto Piano*), às mais comuns ou improváveis ocorrências da maturidade na urbanizada metrópole carioca.

Desencoberto pela irmã Adailma no Rio de Janeiro, pós-morte do Autor, *Oculto Piano* era o primeiro livro que Adailton Medeiros pretendia publicar; fora escrito em Caxias, concluído provavelmente em 1958/1959, quando o Autor, com pouco mais de 20 anos, trabalhava na prefeitura local. Mas, pelas razões que nossa desrazão sequer atina, os originais — bem organizados, como organizado era o Autor[15] – foram ficando... ficaram esperando. Até familiares próximos desconheciam a

15 "Adailton era metódico" (declaração de Maria Hilma Medeiros, professora, irmã do Autor, em 14/12/2021).

existência desse *Piano* realmente, sem fazer blague, *oculto*. Adailton, os irmãos reconhecem, era de "temperamento fechado" em relação a certos assuntos (e quem não?).

A pretendida obra inaugural *(Oculto Piano)*, quando se lê nela logo se vê: o Poeta (diletantemente?) se desafia, ousa, experimenta e experiencia — comete um soneto assonante hexassílabo em "A", isto é, com todas as 40 palavras iniciadas por essa letra, da monossilábica interjeição "ah!" ao polissilábico adjetivo "arcangenal"[16].

As referências a Caxias e ao Maranhão, ao tempo passado e às lembranças presentes, sejam lugares, pessoas, fatos, reflexões etc., iniciam-se com esse livro e, como um cambo ou fieira, vão elas transpassar praticamente toda a obra adailtoniana. Um trabalho de Onomasiologia, Onomatologia ou Onomástica e um Glossário, para esse e para todos os livros, poderiam destacar, explicitar e enriquecer mais ainda os termos ou expressões que, em muitos casos, jazem ou subjazem apenas como nomes próprios ou vocábulos ou acepções regionais ou unidades lexicais destinadas a "iniciados".

Em 1972, logo no primeiro mês, como se abrindo as homenagens pelos dez anos da Poesia Práxis[17], Adailton Medeiros publica *O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves*, dedicado aos pais, Dª Raimunda e Sr. Nadir. Adailton parece estar à vontade: inicia o livro com um poema ("Concubinato dele & dela") formado de oito estrofes (sete septilhas e uma oitava), somando 57 versos eneassílabos perfeitamente metrificados (observadas as sinalefas próprias). Em seguida, adentra a obra com a variada configuração multicênica e polissêmica que o Modernismo, em especial a Poesia Práxis, adota ou rejeita, em termos de forma e conteúdo. Nesse encontro de contrários (tradição da escansão X introdução da inovação), o leitor vê e revê aliterações (como "jorro brotado no brejo do busto"); neologismos ("agorúnico", "brasilindo", "senxual", "sisifuriosamente", "textória" etc.); internetês, ou a linguagem abreviada da Internet (como o "q" [que] no verso "ante boca q engole [...]"[18]; e um caudal de paronomásias ("de porto e parto",

16 "Aurora", in *Oculto Piano*.

17 Adailton Medeiros escreve "praxis", sem acento, seguindo a opção gráfica do iniciador desse movimento, Mário Chamie, em 1962.

18 No poema "Pré-texto para Pobrícia/Lavadeira".

"nave de neva de limo e lume", "de sinos cimos", "das misérias eternas / e ternas do tempo", "tu âmago [...] / ou ômega [...]", "barro berro", "porto perto", "plano / salão / pleno", "asfalto bom creme / assalto com crime", "terra torre", "Aída // a ida", "pela pele / velar levar", "prolíferas — proles e feras [...]", "meninos sem rugas nem rusgas", "poeta — o poema independe de formas / de firmas [...]").

Em 1976 Adailton Medeiros publica no Maranhão (São Luís) seu terceiro livro: *CristóVÃO Cristo : Imitações*. À contenção formal da primeira parte, com 60 poemas de estrofe única com cinco versos (quintilhas), o Autor ajuntou sete "pré-textos", com as características da Poesia Práxis, oferecidos para quatro grandes nomes da Literatura brasílica — Cassiano Ricardo, João Guimarães Rosa, Mário Chamie e Mário de Andrade —, além de um para o pai, outro para a mãe e o último para o filho (ele mesmo). É claro que, sendo um dos principais nomes da Práxis no Brasil, o caxiense diversificou na forma e, no conteúdo, referenciou e referendou obras daquele fantástico quarteto literário, "praxizando" os textos com a disposição das palavras e/ou versos, o aproveitamento, realce ou exploração das possibilidades visuais e semânticas dos vocábulos e linhas, a construção de neologismos e a desconstrução de termos etc.

O ano de 1978 marca a estreia de Adailton Medeiros em prosa de médio (per)curso, uma novela, um pequeno romance — que o Autor, em curta nota prévia, antecipa ser texto mal estruturado *("narrativas descosidas, flácidas"),* com língua sem maior coesão *("não muito consistente")* e linguagem claudicante *("amparada por muletas quebradiças").* Essa advertência preambular parece exagerada e, sempre ali presente, parece cilício cingido à vista ao corpo da obra, sujeitando-a ao voluntário sacrifício de uma imprópria, indevida (des)consideração. É assim que Adailton Medeiros "apresenta" *Revoltoso Ribamar Palmeira*, obra de "maranhensidade", indicada para os que sabem e para os que querem saber de alguns recortes acerca de coisas e causas, de conflitos e conflagrações e peculiares contornos de características históricas, político-sociais e regionais do estado. É um ótimo livro, gostoso de ler, com o Maranhão presente na linguagem e nos ambientes e com boas "surpresas" linguísticas/literárias, como rimas internas e alite-

rações (*"sangue de lama, de limo e lodo", "cachorros bebem, bala berrando, metralha malha"*) e assonâncias (*"um véu de urubus escurece teu tempo"* — neste caso, o som /u/ presente em todas as palavras, exceto a preposição).

Em 1982 Adailton Medeiros torna público um "corpo estranho", como foi classificado em texto prefacial[19]. Trata-se do livro *Poema Ser Poética e Mais Oito Pré-textos.* A "estranheza" da obra é que se trata de uma dissertação de mestrado apresentada em... versos — o que era inusual naqueles idos e, creio, ainda hoje incomum. O Autor explica que o trabalho acadêmico recebeu o conceito "excelente", com o que conquistou o título de mestre em Ciência da Literatura. *Poema Ser Poético* apresenta-se sem os penduricalhos ("detalhes") metodológicos da dissertação, mas "compensa" com os "pré-textos" incluídos no título, oito poemas "praxísticos", seis deles já constantes de livros anteriores e dois em homenagem ao baiano Adonias Filho e ao maranhense Josué Montello. Em *Poema Ser Poética,* o Autor exclama e, didático e incisivo, ensina:

> *"[...]*
> *dura porém verdadeira distinção*
> *aclaradora: artista* versus *ho-*
> *mem comum. Pois no primeiro a*
> *imaginação é produtiva ao passo*
> *que reprodutiva no segundo no*
> *homem comum: na gente domada."*

Uma década depois, em 1992, Adailton Medeiros tem lançado seu livro *Lição do Mundo,* obra demarcadora na vida do Autor — que, em um de nossos raros encontros em Caxias, em maio de 1998, pessoalmente ma ofereceu, com singela dedicatória: *"Para o Escritor e Acadêmico Edmilson Sanches, caxiense de sempre, com a admiração, estima e o abraço do Confrade e Conterrâneo Adailton"*).

Lição do Mundo, dedicado a Honorato Medeiros, avô paterno (portanto, homem de muitas "lições do mundo"), reúne poemas do

---

19 "Teoria & Prática", de Francisco Venceslau dos Santos, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

período de 1978 a 1990, este exatamente o ano de ingresso de Adailton na ordem beneditina. O próprio Poeta caracteriza essa obra como linha divisória de sua biografia. Ele escreve sobre o livro, em pequena nota antes do primeiro poema: "*[...] encontrarás nele* [no livro] *as alegrias e as tristezas de um viver que se finda, e os gestos iniciais de um novo existir, pleno em busca da Justiça e da Graça*". Parece que o Poeta estava se despedindo, ou, como aqui e acolá se diz acerca dos que optam pela vida religiosa de renúncias e clausura, parece que estava "morrendo" para a existência secular e "renascendo" para a essência espiritual. *Lição do Mundo* é quase uma autobiografia, repleto de autorreferências, de lembranças da infância, de tempos idos e vividos na terra natal. Tem até poemas com a data completa de nascimento e de aniversário de Adailton Medeiros, além de referências a seu cinquentenário,[20] sua solidão, a religião/espiritualidade, a política, as citações citadinas, a sensualidade e o erotismo, a metapoesia, a Poesia Práxis, personagens e personalidades, as dedicatórias para familiares, amigos e colegas escritores dali e d'além Mar/anhão. E a exclamação visceral: " *– Caxias! / — Caxias! / — Caxias! / — ó Pátria [...]".*[21]

Esta particular heptalogia — *Obra Reunida* – de Adailton Medeiros se encerra em 2001 com *Bandeira Vermelha*, redenominação e reedição revista e aumentada do livro *As Mulheres & As Coisas*, lançado no mesmo ano. Na nova edição, o Poeta manteve "as coisas" no lugar e ampliou com mais dois poemas a seleta de mulheres, todas homenageadas com o nome como título do respectivo poema. Na segunda parte ("Sentido de Coisas"), o Autor traz de volta mais memórias de criança e escreve sobre o povoado caxiense onde nasceu — Angical: "*[...] as terras de meu avô / são apenas / palavras vazias / mapas rasgados / lugares mortos [...]*".[22] Pareceu-me ouvir semelhante – e anterior — lamento de Carlos Drummond de Andrade: "*Alguns anos vivi em Itabira. / Principalmente nasci em Itabira. / [...] / Tive ouro, tive gado, tive fazendas. / Hoje sou funcionário público. / Itabira é apenas uma fotografia na parede. / Mas como dói!*" ("Confidência do itabirano", *in Sentimento do Mundo,* 1940).

20 "Questão ontológica" e "Autorretrato".

21 "Caxias recordada".

22 "Fazendas".

VANGUARDA POÉTICA – Adailton Medeiros é referência na vanguarda poética brasileira. Tem seu nome como verbete em enciclopédia e texto seu como exemplo em antologia — e aqui se tratam de obras de referência e excelência como a *Enciclopédia de Literatura Brasileira* (2001), dos respeitados Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa, edição conjunta da Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras, e a igualmente (re)conhecida *Antologia dos Poetas Brasileiros: Fase Moderna* (volume 2, 1967), organizada por uma dupla de peso da grande Literatura Brasileira: o pernambucano Manuel Bandeira e o gaúcho Walmir Ayala.

Os livros de Adailton Medeiros mereceram a apreciação escrita de nomes entre os maiores e melhores da literatura, no Brasil e além — professores, escritores e críticos, conhecidos na Academia e reconhecidos no País e no Exterior. Entre estes nomes, Affonso Romano de Sant'Anna, mestre e doutor em Literatura, poeta, professor universitário e crítico literário mineiro; Afrânio Coutinho (1911—2000), bacharel em Medicina e doutor em Letras, professor de Literatura, ensaísta e crítico literário baiano; Antonio Olinto (1919—2009), contista, dicionarista, ensaísta, historiador da Literatura, novelista, poeta e romancista mineiro; Assis Brasil (1929—2021), crítico literário, cronista, ensaísta, jornalista e romancista piauiense; Carlos Drummond de Andrade (1902—1987), poeta, contista, cronista e farmacêutico mineiro; Cassiano Ricardo (1894—1974), jornalista, ensaísta e poeta paulista; Cunha e Silva Filho, piauiense, doutor em Letras e pós-doutor em Literatura, professor, crítico literário, escritor, amigo e biógrafo de Adailton Medeiros; Fausto Cunha (1924—2004), crítico literário, biógrafo, contista, novelista e romancista pernambucano; Foed Castro Chamma (1927—2010), ensaísta, poeta e tradutor paranaense; Francisco Venceslau dos Santos, doutor em Literatura, escritor, crítico literário, ensaísta, professor (Universidades estadual e federal do Rio de Janeiro), membro da Academia Brasileira de Filologia; Laís Corrêa de Araújo Ávila (1928—2006), bacharel em Línguas Neolatinas, poeta, editora literária e ensaísta mineira; Leodegário A. de Azevedo Filho (1927—2011), professor titular e emérito das Universidades estadual e federal do Rio de Janeiro, ensaísta e filólogo pernambucano; Luciana Stegagno Picchio (1920—2008), filóloga, historiadora da cultura e crí-

tica literária italiana, especialista em Literatura Brasileira, entre outras áreas, com mais de 500 publicações sobre as literaturas e culturas de língua portuguesa, considerada a mais importante pessoa da Europa em estudos luso-brasileiros; Mário Chamie (1933-2011), fundador da Poesia Práxis, doutor em Literatura, poeta e crítico paulista; Nauro Machado (1935—2015), escritor maranhense, de reconhecimento nacional e internacional; Nelly Novaes Coelho (1922—2017), professora, crítica literária, ensaísta e pianista paulista; Sílvio Castro, escritor fluminense (poeta, romancista, ensaísta e crítico literário), graduado em Filosofia, doutor em Letras, livre-docente e professor de Literatura Brasileira na Universidade de Pádua, Itália; Telênia Hill, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutora em Letras, escritora e crítica literária.

Especificamente quando se fala sobre Praxismo/Poesia Práxis, o nome de Adailton Medeiros logo aparece ali entre os primeiros, com Mário Chamie. Trabalhos vários confirmam essa importância histórico-literária do poeta caxiense, inda que só em 1965 ele tenha aderido à Práxis, iniciada, como dito, em 1962, um ano depois do retorno definitivo de Adailton para o Rio). Alguns registros:

— o texto "Decisão – Poemas Dialéticos", de Assis Brasil, publicado no número 15 da *Revista de Letras* (Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1993) historia: *"E temos, enfim, a linhagem dos poetas construtivistas, reunindo-se aqui as Vanguardas: Concretismo, Praxismo, Processo, em destaque Augusto e Haroldo de Campos, Wlademir Dias Pino e, a esta altura, os menos ortodoxos Mauro Gama, Armando Freitas Filho, ADAILTON MEDEIROS"*. O texto é sobre o livro de mesmo nome (*Decisão – Poemas Dialéticos,* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983; 2ª edição em 1985), de Pedro Lyra (1945—2017), professor, poeta, ensaísta e crítico cearense);

— Nielson Ribeiro Modro, em sua dissertação *A Obra Poética de Arnaldo Antunes* (Universidade Federal do Paraná, 1996), relaciona: *"Mário Chamie foi não apenas o criador da poesia Práxis como também o principal poeta desta manifestação literária. Entretanto, podem ser citados ainda Cassiano Ricardo, Armando Freitas Filho, ADAILTON MEDEIROS, Camargo Meyer, Antônio Carlos Cabral, Mauro Gama, Ione*

Gianetti e mesmo Chico Buarque de Holanda que, em composições como 'Construção', utilizou o 'espaço em preto'". Nielson Modro é professor universitário em Joinville (SC), com mestrado em Literatura, Ciências Jurídicas e Direito;

— o artigo "Uma Odisseia no Centro Histórico de São Luís", de Dinacy Mendonça Corrêa, publicado na *Revista Garrafa*, nº 22 (setembro/dezembro 2010), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, historiografa: *"Os anos* [19]*70/80, aqui (no Maranhão) convencionados Geração Luís Augusto Cassas, abrem-se com o poeta Jorge Nascimento (1931), continuando com Arlete Nogueira (1936), Eloy Coelho Neto (1924), Cunha Santos Filho (1952), João Alexandre Júnior (1948), Chagas Val (1943), Francisco Tribuzi (1953), Alex Brasil (1954), ADAILTON MEDEIROS (1938)... Este último, tendo participação confirmada na vanguarda Práxis, no eixo Rio/São Paulo, sob a liderança de Mário Chamie"*. Dinacy Corrêa é mestre e doutora em Letras e professora da Universidade Estadual do Maranhão;

— em texto inominado, publicado em *blog* na Internet[23], Francisco Miguel de Moura escreve sobre o poeta pernambucano Jamerson Moreira de Lemos e a certa altura destaca: *"[Jamerson Lemos] Deixou muitos inéditos, entre os quais "Istmo Soledad", ao qual dei um prefácio já publicado aqui e alhures, situando sua poesia e seu fazer poético entre os melhores cultores da poesia-práxis, uma corrente derivada do concretismo, cujos poetas brasileiros mais conhecidos são Mário Chamie, Armando Freitas Filho, Mauro Gama e ADAILTON MEDEIROS (este natural de Caxias - MA)"*. Francisco Miguel de Moura é crítico e cronista, poeta e romancista, membro da Academia Piauiense de Letras;

— o livro *Música Popular e Moderna Poesia Brasileira* (São Paulo: Nova Alexandria, 2013), de Affonso Romano de Sant'Anna registra sobre a Poesia Práxis, nesta ordem: *"Poetas: Mário Chamie, Armando Freitas Filho, Mauro Gama, ADAILTON MEDEIROS, Ione Gianetti, Camargo Meyer, O. C. Lousada Filho, Antônio Carlos Cabral, Cassiano Ricardo e o crítico José Guilherme Merquior"*;

---

23 *Link* do texto: http://krudu.blogspot.com/2012/01/jamerson-lemos-nos-suburbios-do--ocio.html.

— e, mais recentemente, o livro *Pedro Geraldo Escosteguy: A Poética que Ultrapassa Fronteiras* (Porto Alegre: ediPUCRS, 2021), de Soraya Patrícia Rossi Bragança, que anota: *"Participam do movimento Práxis, além de Mário Chamie, os poetas Armando Freitas Filho, Mauro Gama, Adailton Medeiros, [...]"*. Soraya Patrícia é graduada em Letras e em Ciências Jurídicas e Sociais e mestre e doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Adailton Medeiros foi membro de diversas instituições: Academia Brasileira de Literatura, Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, Academia Internacional de Ciências Humanísticas (Uruguaiana – RS), Academia Uruguaianense de Letras (Uruguaiana), Associação Brasileira de Imprensa, Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana, International Writers and Artists Association (Toledo, Ohio, Estados Unidos), Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro e Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro. É claro, Adailton era membro efetivo da Academia Caxiense de Letras (ACL), em sua terra natal. Éramos confrades na ACL — e lembro-me das boas conversas nas poucas vezes em que nos encontramos. Saíamos da Academia rumo ao tradicional Excelsior Hotel, onde sentávamos a uma das mesas postas na larga calçada.

NOTAS EDITORIAIS – I) Nesta *Obra Reunida* promoveu-se atualização ortográfica mas, em respeito ao próprio processo do fazer poético na Poesia Práxis, preservou-se o uso do hífen do jeito que o Autor originalmente grafou — por aglutinação ou contração ou justaposição — diversas palavras compostas, inclusive antropônimos e neologismos. Evidentemente, em raríssimos casos, quando o texto e seu contexto não davam pretexto para uma hifenização "artística", justificada pelo processo criador e criativo e pela liberdade poético-literária, decidiu-se, na forma das Bases XV, XVI e XVII do Acordo Ortográfico de 1990, pela atualização ortográfica da palavra até então composta — como é o caso, por exemplo, de "sub-povo", tornada "subpovo", a exemplo de "subpor", "subprefeito", "subproduto".

II) Por outro lado, note-se e anote-se a eliminação do hífen como um recurso da Práxis de Adailton Medeiros: "ajudarme", "sonharte", "apertarme", "descobrirme", "roemte", "consolate".

III) Havia também duplo modo de grafar palavras e expressões estrangeiras, ora utilizando-se a tipologia normal, ora aplicando-se itálico, este que se preferiu, igualmente respeitada a permanência em normal para casos de nomes próprios e em situações que a razão do Autor preferiu não grifar.

IV) Os títulos de poemas, de livros e publicações periódicas também acomodavam grafias distintas, embora a tendência de o Autor ser majoritariamente pelo uso da grafia em caixa alta (para títulos de poemas) e, na forma da Base XIX, 1º, "c", do Acordo Ortográfico, com maiúscula inicial no primeiro e nos demais vocábulos, à exceção de alguns elementos específicos, como preposições, conjunções etc., desde que no interior do bibliônimo, título ou intitulativo.

*

Contam os irmãos Adailma, Amaury e Maria Hilma — e o confirma Cunha e Silva Filho,[24] amigo: era desejo recorrente de Adailton Medeiros reunir seus livros em volume único. Foi feita sua vontade.

No futuro, estou torcendo, a produção de Adailton Medeiros ganhará sua "Obra Completa", com fixação de textos e com:

1) elementos pré-textuais – textos laudatícios de irmãos e outros familiares, apresentação, introdução, nota editorial, perfil biográfico, cronologia / linha do tempo;

2) elementos textuais – a) todas as dez obras publicadas — as sete aqui reunidas mais os discursos *Braçadas de Palmas* (de 1981) e *Floração de Minas* (1982) e os "Quatro Ensaios" (1985); b) os textos esparsos (poesia e prosa de antologias e outras obras coletivas, de revistas, jornais e outras publicações); c) os textos inéditos (manuscritos, datilografados, digitados e, havendo, os textos gravados em áudio e/ou áudio e vídeo); d) as entrevistas; e) a correspondência expedida (ativa) e recebida (passiva); e

---

24 Blog "As Ideias no Tempo – Cunha e Silva Filho". *Link*: https://asideiasnotempo.blogspot.com/2010/02/adailton-medeiros-perda-de-um-poeta-e_5988.html

3) elementos pós-textuais – a) comentários e textos críticos e acadêmicos (fortuna crítica) sobre o Autor e sua obra; b) dedicatórias para Adailton Medeiros; c) iconografia (fotografias, documentos, imagens de objetos e outros itens); d) Imprensa / Internet (*clipping*: recortes – de jornais, revistas e outras publicações, impressos; *print screen* de textos e imagens em portais, *sites*, *blogs* e outros espaços da rede mundial de computadores e grupos sociais em telefones celulares); e) glossário (lista de palavras específicas da obra de Adailton Medeiros — termos regionais, neologismos, palavras menos usuais etc., para maior compreensão do universo literário e pessoal do Autor); f) referências (relação de livros, revistas, jornais etc. consultados; arquivos particulares, públicos e institucionais visitados e utilizados); e g) índices cronológico, onomástico-enciclopédico e geral do volume.

Portanto, acima, nesta apresentação, e mais adiante, nas obras reunidas, está o que, por enquanto, se deseja e o que, por enquanto, se oferece em termos da produção literária de Adailton Medeiros. Acerca dele, duas constatações finais, fraternas e eternas:

— do Adailton ser humano ficam nos irmãos as recordações do germano mais velho, que, como se fosse obrigação de primogênito, como se fosse dever de pairmão, acolheu, estimulou e protegeu os demais o quanto pôde. São lembranças fra/ternas;

— e do Adailton intelectual, acadêmico, escritor, poeta, novelista, ensaísta, orador, professor (breve período nas Universidades Gama Filho, privada, e Federal do Rio de Janeiro) fica uma obra farta, forte, fértil, em livros autorais e antologias (inclusive no Exterior) e textos em publicações dispersas em revistas e jornais e mesmo inéditos — toda uma rica obra carregada de intensidade, técnica, criatividade, ousadia, emoção e muita referência e reverência à terra natal: a cidade de Caxias e sua caxiensidade. Lembranças e/ternas.

E falando em "caxiensidade":

Angical, onde nasceu Adailton Medeiros... Boa Vista, onde nasceu Gonçalves Dias... Canabrava, onde nasceu Salgado Maranhão, amigo e, talqualmente Adailton, residente no Rio... Na História e na Geografia de Caxias, esses lugares – Angical, Boa Vista e Canabrava, todos na

zona rural, ou ontem ou ainda hoje — coincidentemente formam um ABC simbólico da Grande Poesia brasileira, maranhense e caxiense que está varando séculos, por sua qualidade e identidade. Esse imprevisto ABC diz-nos que talento, Poesia, Literatura, Cultura são tanto necess/cidade *capital* quanto revel/ação *interior*. Nesse diapasão, estendo ao que já escrevi e indaguei: "*[...] haveria no solo caxiense, no seu ar, na água, no ambiente, alguma etérea substância, uma intangível matéria, um invisível elemento ou uma especial propriedade que, por razões que a razão desconhece, se introduzisse, se infiltrasse em um ser e nele se impregnasse, hibernasse e homeopaticamente liberasse um poder, uma energia ou uma força que estimulasse a pessoa a esculpir caráter, a ter comportamentos e fazer brotar talentos e trabalhos diferenciados em relação ao comum da população? Enfim, pode a terra em que se nasce ter ou conter algo que influencie positivamente a inteligência e o desempenho de um filho dela? // A resposta parece ser sim. / [...] // Há quem defenda a influência direta dos fatores geográficos e climáticos na formação de pessoas e sociedades*"[25].

*

As cinzas do corpo de Adailton Medeiros estão depositadas no Mosteiro de São Bento, na cripta de Nossa Senhora do Pilar (título espanhol e o mais antigo da Virgem Maria; outro título é Nossa Senhora do Carmo, cuja data litúrgica, 16 de julho, é o dia em que nasceu Adailton Medeiros. Não se sabe de um santo de devoção de Adailton, mas ele era um grande admirador de Santo Agostinho [354—430], o bispo de Hipona, filósofo e teólogo baluarte do Cristianismo).

A morte do talentoso maranhense de Caxias, após cirurgia para tratar de problemas no estômago, na madrugada de 9 de fevereiro de 2010, desapossou a Literatura brasileira de um dedicado escritor e dos mais consistentes cultores e representantes da Poesia Práxis. Tendo nascido numa manhã e falecido de madrugada, pode-se dizer que Adailton Medeiros saiu mais cedo do que chegou. Cedo demais...

25 Veja-se *Teixeira Mendes – Esse Nome é Uma Bandeira* (2ª edição, 2019), de Edmilson Sanches.

Antes de mudar de vida, ainda havia muito a escrever e muito escrito para publicar.

*

Eis assim, aqui, um tanto do Adailton Medeiros. Com sua emoção, seu telurismo, sua humanidade, suas utopias. Como, no ser humano, é de praxe.

Eis assim, aqui, um tanto do Adailton Medeiros. Com seu talento, sua inventividade, sua polifonia e polissemia. Como, em Poesia, é da Práxis.

Boa leitura.

EDMILSON SANCHES
edmilsonsanches@uol.com.br
Da Academia Caxiense de Letras
Do Instituto Histórico e Geográfico de Caxias
Do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão
Da Academia Maranhense de Ciências

OCULTO PIANO

[EDIÇÃO DO AUTOR]

LÁGRIMAS DE CIGARRAS

(ao saudoso Olegário
– Príncipe dos Poetas Brasileiros)

Cerrei, cerrei, oh! lágrimas
saudosas.
– FAGUNDES VARELA

Lágrimas de Cigarras

Eram seis horas de modesta tarde,
à sombra grande dum tamarindeiro,
eu ouço de seu píncaro um canto alarde,
estridente, dum orfeão brejeiro.

Aproximei-me, e cigarras em "gueema",
num oculto piano dedilhavam
bela melodia que era um poema
harmonioso quelas descantavam.

Interroguei-as: Por que cantam, amigas?
Responderam: vivemos sem tormentos...
Não seguimos o viver das formigas,
pois o cantar nos serve de alimentos...

Cantamos mais a tarde que já se vai,
a serena brisa que a noite oferta,
o orvalho que das ramas em gotas cai
e amigo poeta que nos alerta...

Cigarras! o cantor já faleceu...
Num outro orfeão, trêmulas entoaram
preces ao poeta que as enalteceu,
e com tristes lágrimas lamentaram...

CICATRIZ

Tu acreditas, inocente!
ainda o quanto acreditamos!
– JUNQUEIRA FREIRE

Cicatriz

Soando o pranto... Que diz
a augusta voz gemida
no interior da ermida?
Dor de cicatriz...
Cicatriz da moral ferida,
por um ousado, sem pudor,
violento, injusto, sem amor.
Alívio busca à singela ermida.
Ao ângelus chora a bela,
pedindo a Deus recompensa
ao injusto, como uma sentença.
Arquiteto da dor que a gela...

Entra o sacerdote e mira.
Já sabendo, emprega conselho.
Acalma-te. A ele virá o espelho,
e a ti o som duma lira.
E ao som do verbo santo,
repousa em leito espiritual.
A moral logo volta ao normal,
calma, co'alma vestida de manto.
Calma, alegre a fiz, consigo dia
o sacerdote. Mas da esquecida
resta, da grande ferida,
a mancha, a dor, uma cicatriz...

RECORDAÇÕES

Terra crescida, plantada
de muita recordação.
– JOAQUIM CARDOZO

Recordações

Bogaris... com que suave amor
senti, no alvorecer d'aurora,
cálido aroma que desprendes
dos teus galhos brancos em flor,
recordei só; paixões d'outrora...

Mamorana... velha e saudosa
recordo-te! Teu bonançoso
agasalho me fez lembrar
a dócil voz da meiga Rosa,
donde ouvia o sabiá saudoso...

Velha casa... pálida, triste,
quase tombada. Do curral
ao lado recordei bravuras,
vaqueiros... nada mais existe,
somente, o vasto babaçual!

BORBOLETA MULTICOR

... à mercê do vento;
pausa aqui, voa além, até vir o momento,
em que de todo, enfim, se rasga e dilacera.
Ó borboleta, para! Ó mocidade, espera!
– RAIMUNDO CORREIA

Borboleta Multicor

Aqui risonha
flor, acolá
alegre broto
não faltará...

Mais p'ra lá, poço
d'água na rua,
sinal de chuva,
desce, flutua

a borboleta
multicor; fico
a contemplar
seu corpo rico...

Despercebido,
o dia nem noto
desfalecer,
ao som remoto...

Pousando vai,
de flor em flor,
a procurar
melhor odor...

E continua
a borboleta,
sem encontrar
alguma peta...

Assim, eu sou
sem uma flor!
nega-me tudo:
qualquer amor...

POUCA INSPIRAÇÃO

É o Último Número, atro e subterrâneo,
parecia dizer-me: – "É tarde, amigo!"
– AUGUSTO DOS ANJOS

Pouca Inspiração

Ah, se houvesse fragrância,
da flor de rosa e jasmim,
no querer, na dor e na ânsia
de cantar! Cantar pra mim...

Mas, para o que é venturoso
jamais eu tive pendor...
(O estro, copo saboroso,
nega-me a musa o sabor...)

Ando! vejo o mar e o espaço,
tudo em nada se resume...
Julgando eu louco e palhaço,

tranco-me à velha mansão,
clamando de ódio, de ciúme:
DEUS! que pouca inspiração?

RELÂMPAGO

Pois dava o céu, ameaçando riscos,
Com assombros, com pasmos e com medos,
Relâmpagos, trovões, raios, coriscos...
– GREGÓRIO DE MATOS

Relâmpago

Preparava-se no nascente
a argamassa da correnteza...
Nem ligava para a tristeza
no planalto a gente contente!

Trabalhava... Concreta noite
aquela. Infausto casarão
desabava rumo do chão.
A faísca olhava de açoite...

Desligando-se do edifício
as paredes da correnteza
clareavam-se. Sem sacrifício...

Beijava raio caído o chão,
ferindo-se. (E foi-se em tristeza!)
Deixando amor no coração...

MINHA MESTRA

É que há mais luz nas letras do alfabeto
que nas constelações do firmamento!
– BASÍLIO MAGALHÃES

Minha Mestra

Pequena rosa – rosita,
rosa, rosinha, rosália,
oferto-lhe meiga dália
duas rosas feitas de chita.

É meu preito p'ra você
ao recordar o passado:
minha voz em tom cansado
– cantarolar no a-b-c...

Ouve em preces e louvores,
das mestras sempre a primeira
odes ornadas de flores:

– dálias, rosas e jasmins...
Quem foi, de mim, a primeira?
Foi você –Rosa Martins!

MEU SOL

Mas o sol, inclinando a rútila capela:
– pesa-me esta brilhante auréola de nume...
– MACHADO DE ASSIS

Meu Sol

Abrasando a terra aparece o sol,
rubro de fogo, tão robusto e loiro!
E tu, trazendo p'ra mim no arrebol,
loucã no bailar das madeixas d'oiro...

Sol quente, brincalhão na cabeleira,
ao colar a boca em outra se sente
odor de ébano... Loucura, cegueira,
é meu prazer, quando meu sol é quente.

A terra envolta de sol jorra, medra
dos regatos o sangue. Vira pedra
a terra fresca, se o sol for tão quente.

Dorme a terra e soluça, arqueja o sol,
vegeta o dia, nasce d'um farol,
quando se torna pedra o sol da gente...

ATRAVÉS DA HISTÓRIA

No virginal pudor das primitivas eras.
– OLAVO BILAC

Através da História

Compondo Caxias do passado,
que presente nada mais é,
lá está o Alecrim pasmado
pois lá, há de pasmar até!...

Na história do Maranhão
com a Balaiada se resume...
De lembranças resta um canhão
enferrujado lá no cume!

Hoje, vivendo do passado...
No presente, topografado
para sonho de irrealidade.

Coberto de dor e saudade,
e verde folhagem, que invade
os escombros abandonados...

NOITE NEGRA

Na noite tão preta como carvão
A gente falava de assombração.
— ASCENSO FERREIRA

Noite Negra

Pretinha, sutil, surge da noite
e com malícia beija-me morto!
Imploro-lhe p'ra que se me açoite
ao mar, às docas d'um outro porto...

Ouço de súbito uma voz calma,
com medo assombro-me e, vou correndo,
alcança escura noite, minh'alma...
Que horror! sonhei que estava morrendo.

Também nas quebradas da montanha
agouro era a voz do bacurau...
Encontrei na rua u'a mulher estranha,

algum notei, senti medo, ciúme,
olhou-me, eu ia para um sarau,
olhei-a, nada... Um simples vaga-lume.

OS QUATRO

Me insinuarei nos quatro cantos do mundo.
– MURILO MENDES

Os Quatro

O Quinze, João Miguel, Caminho de Pedras,
estética obra, num só, e As Três Marias
monumento edificaram dest'arte... Frias
e aquecidas lembranças de nossas terras.

Reminiscências das vozes dos sertões
agora encontramos, bailando abraçadas...
Sim, eu sei: histórias, de gentes, contadas,
de bichos, de trovas, batuques, canções,

e vaqueiros... Bandoleiros do Lampião,
todo esse povo, rígido e forte,
d'olhos num lançar colheu, do Leão do Norte
talvez, da Serra Grande ao meu Maranhão.

Justiça editor! lançar quatro faróis
entre duas paredes. Vivença criadora,
luzes dos dínamos da grande escritora;
homenagem justa à Rachel de Queiroz!

VIDA E CHUVA

E a vida, este galpão de sortilégios.
– LÊDO IVO

Vida e Chuva

No capim do brejo
chuva fina caindo,
afogando as pedras
e da crosta saindo.

Do brejo das pedras,
da sombra correndo,
mergulhando o rosto
no vale... Sabendo?!

Gameleira falha,
chuva fina sou
chuvada na palha.

Capim da metralha,
do brejo falhou;
a gente se espalha...

SOMBRA

[...] são incessantes,
convites para a morte e para a sombra.
– ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

Sombra

Além eu do muro parado estava
observando da solitária rua,
nem eu, nem muro, mais nada restava.
No muro achei parada a sombra tua!

Vagando só andei à cidade inteira
ocultando, não te encontrei em nada.
Voltei ao muro. Era duma faveira
a sombra, que já estava apagada.

Nem o muro, nem a rua, nem eu mais
na neve densa, tudo era ilusão:
a sombra tua, de faveira do cais...

Melancólica estava a rua sem fim,
a sombra era eu, minha tosca visão,
tudo era eu, corri com medo de mim...

AURORA

Onde estão as que cantavam e tinham sinos, flores
Na voz de aurora?
– AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

Aurora

Alva, alta, acariciei
absorto... Arcanjenal
alegria, angelical
aurora, alegre amei.

Abismado andei além!
Além... Ando agarrado.
Abracei, abraço atado,
absurdo... Apartou alguém...

Aurora! agreste alvura,
augusto amor, abrigo
amável. Amo-a, altura,

aroma, afeto, ação,
afago, acorde amigo...
Aurora: ah! aspiração...

AFOGADO

Ah, não me afogueis em flores, poemas meus, voltai aos livros
Não quero glórias, pompas, adeus!
– VINICIUS DE MORAIS

Afogado

No caos da vida
mergulhei.
Desci, desci até lá.
E nunca lá cheguei.

Voltei.
Tomei pé, tomei pé,
falhou força, falhou fé.
Onde, não sei que fiquei.

Nadei.
Cansado, cansado à tona
d'água subi suado.
À correnteza gritei:

Saber,
ó desgraçada, morto
fiquei eu. Beber-vos-ei
pomba sem fel. E partirei.

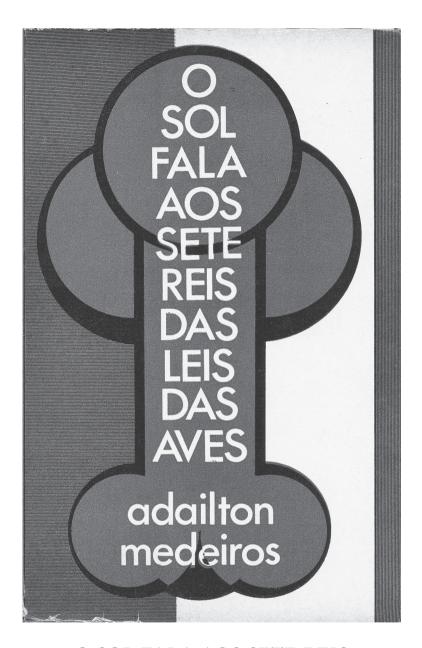
Mergulhei.
Nem sei mesmo em quê.
Rodopiando na lona da maratona
subi. No caos, no caos... me afoguei.

FLOR DA SAUDADE

Mas a fonte é minha.
[...]
Mas a tarde é minha.
[...]
Mas a flor é minha.
– CECÍLIA MEIRELES

Flor da Saudade

Por insólita vereda o guinchar
reboava, do pampa velho cavalo.
Que amor! (E da infância me fez lembrar:
o curral, a vaca café e o galo...)
Íngreme, verdejante, estava o monte.
Donde a cauã à tarde com agouro
imitava a morte. Na fria fonte,
do Turari eu queria um besouro...

(No sertão era eu um monge do mosteiro.)
Umas bananas feitas de sabugos
o pampa camia lá no terreiro.
A balsa lancei no mar. Fui. Dos jugos
me livrei... Lembrei-me do Turari
velho do riacho. Adeus besouro (flor),
já vou na balsa! Da cor do açaí
meu coração ficando de temor

O SOL FALA AOS SETE REIS

DAS LEIS DAS AVES

[1972]

a Raimunda Borges Medeiros
e Nadir Medeiros
meus pais

Que mãos, postas em meio a tua ausência
Clamorosa, puderam resolver
O enigma dos eclipses dêsse sol
Alegórico, altivo?
– MARIO FAUSTINO

I

SORUMBOS

O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber.

– GUIMARÃES ROSA

1
Concubinato
Dele & Dela

bocas e vinhos nunca bebidos
de amar lábios beijados lírios
dele e dela no todo são fedros
árvore da figueira nascida
da mesma manhã do mesmo dia
geração de sete vezes mil
ó ada meu ornamento mau poeta

ídolo de são (ilton) andrógino
filho de jacó maçãs e ovelhas
camponês brasilindo e sua rês
expulsos os fetos nasçam folhas
puras das naus chegadas aqui
e no céu dos altarosas planto
morro e flora e fauna de betel

encontro de antes dos deuses castos
ao pé das covas de nossas amas
de cactos vindas dos mutuns
foi lá boi olhar longo viu vaca
acompanhada de seus rebanhos
de leite cheirando a macaúbas
aí lavraram o chão com beijos

os filhos os servos do geral
repartidos estão inclinados
beberam no jarro grão de sangue
as mulheres passado o rio mel
naquela noite além do vau brigam
homens até o nascer da aurora
face face os amados se abraçam

ilton e ada se vivem no altar
na mesma manhã do mesmo dia
e se conhecem: moramos na
cidade meu na rua do virém
o número é treze a cama azul
a irmã supre o irmão e berram:
vem jeva filha de onça pintada

bel voz de pássara ambivalente
embriaga os amados do álcool lemos
este barro é nosso mulher minha
sei bom camponês lio minha tez
nosso cadáver lio minha tez
nosso cadáver menino cheio
de porto e parto ao lombo do rio
urdindo o poema que não destila

o sol fala aos sete reis das leis
das aves vogais de campo largo
ó terra dos joás ó deus vário
ave em ti flui josé e seu jumento
altar de rosas cravos e bredos
nave de neva de limo e lume
saiba o cortejo de monstro e medos

sopraram búzios piar de mochos
cantam corujas balindo as cabras
cobras e peixes e acauãs virgens
grinalda de planaltos vestido
mar aliança de tucum órgãos
e berimbaus bramam o cangaço
ao próprio caule do cisne borco

livro lambido casal confuso
ilton e ada um herói de são
morena filha do meu sertão
triângulo verde-ata das veredas
de-floração raiva dos irmãos
colheita de ave eva uva pecada
gliomel urutu e milhos sabãos

quinze mil anos de feliz vida
até um dia chegou um moço demônio
e nos descobriu existir o sexo
toda-via são soles consequentes
preferem sim sangue derramado
fugi ela comigo foi fiquei
pois ele ficou sendo eu vendido

2
Exílio Dele
nas Urubuguáias

exilAdo nas urubuguáias
boi serapião do buriti
corre nos cerrAdos e grotões
tal marruá de tamAnca e reza

andarilho sem ôdres de couro
um patori desaplumbeAdo
na travessia das grAndes estórias
construindo em sete mil dias Dios

um antropomOrfa como
o veAdo do mistéRio
de gelos e vinhos tintos

ou o carCará castrAdo
vindo dos salES noturnos
furnicAdo de marinhas

é dia e noite
ao mEsmo tempo
em jericó e
no val do bugre

perto dos rios
do poraquê
chorAmos qual
filhos do joão

no angico brAnco
debruçam nossas
violas cansAdas
ao rés do chão

levAdos presos
cantam canção
embOra NUnca
longe da terra

a trEva e o sol
são a mesma coisa
informe talmo
no ventre mãe

cavErna laço
na minha estrAda
clAmor de angústia
do seu soldado

molha o sEu pé
quAndo um entrar
no cemitéRio
de sinos cimos

serTão de pobre
mAto sem/fim
grAnde mufumbo
cAnto do galo

brEve maTula
e currulepos
a lamparina
rebrialumens

o dia da morte
muito melhor
que o nasciMento
da ganga/braba

melhor o luto
na casa/grAnde
do fim dos homens
sem corAção

o sábio cEgo
discernirá
o temPo e modo
do puro/tempo

aqui nos serEs
sozinho NU
cedro cativo
dos cíRios secos

mugido carlos
lição de coisas
Ada deixAdo
sem matulão

sempre notei
sombra no cérEbro
negAção da
REvelação

por um cantAr
sonOro/triste
do sapo/boi
que somos ser

pela SOMbra
SOLdado sol
idão SOLda
do soliDÃO

soldAdo morto
tombAdo verde
na grAma azul
e cÉu rompido

ato parido
vida boçal
dum aniMal

mosca azul
como mó
de sofrer

dante/gEma
POPulosa
ó mulher

dista do seu
pArte do todo
ilton euCida

hoje viÚva
fôra princEsa
de angiCal

prAnto e afLição
maconha e fel
da serVidão

betel rião
ó itapecuru
ó buriti

os mOrtos são
de espAda e fome
nossa semEnte

guerra é farra
matam-nos filhos
dorMentes pAis

neste vale líRico
de tempOral épico
jovem esta OPção
deuses ou baTalha

será amAda minha
podeRei voltar
ao despido corpo
as aves aqui
são moUcas ao cantaro

3
Cantares Dela ao Buritizeiro

a Zora e Antônio Olinto

se pudessem os pombos
chegar do meu cadáVer
verás buritizeiro
nossa univoCidade
assinalAdos barros
espadArtes sem mAstros

verás também o NUnca
sepArar-se do canto
porque os sapos soRumbam
nos tEus brejos ossAdos
enquanto dos cabElos
nos deCifram o mEsmo

o grÁvido cantar
engasgAndo tEu pássaro
é livrança da morte
poliForma do amor
concubina órfã dos
estandArtes sem peixes

ouVe buritizeiro
companheiro e irMão
ds esTio no serTão
nosso segredozinho
das verEdas sem nomes
pareces com meu amAdo

não há dissOciação
de ação tempo e espaço
mas tessiTura flor
saroNina plantAda
nos vasos bifurcAdos
da individualidade

há sim passividade
nos cânticos das fEras
e na alfazEma sacra
dos poemas de adão
talhAdos na parreira
da curva da memóRia

ou na margem do crAvo
feito de sexo e téDio
dos meus cabRitos rUivos
lançAdos ao corcel
de reSina de amesCla
queimAda no domingo

entre SOnho e verDade
ouço o mugido tímido
do amAdo minha voz
de pásSara diversa
em copo-porcelAna
tão lindo de morrer

antes ele dizia
paLavras pAra mim
asSim como lutAr
explOração do homem
integRação social
até amor anônimo

tamBém cação do mar
osso deRA espadArte
esse duRO estandArte
boi plantAdo nas mãos
nosso adro sojigAdo
rosilho serapião

quem dirá de nosso ch
EIRO
se é nosso nome simbi
OSE

chama-nos o rei a sua
CELA
de alegre e negamos v
INHOS

desses rebanhos dubla
DOS
nas retortas da razão
AMO

transviados nós serem
OS
nas barbas das nossas
ROSAS

pergunta sem meia res
POSTA
ó buriti o meu buriti
GOSTA

nas pisadas das capem
BAS
um ramo para meu mach
O

pareces éguas nutrida
S
nos campos zinco da p
AZ

faces de barro vermel
HO
num pescoço de açafrã
O

moldura de prata velh
A
enfeitando nossos sei
OS

olhar de pombo-correi
O
como seixo do ama-zon
AS

resistentes eucalípto
S
chá para corpos febri
S

no ventre da chuva no
VA
exala aroma das pedra
S

semelhante ao gamo co
RNO
rebrilhando pelos chi
FRES

ou senão filho do vea
DO
nascido do galho murc
HO

com sabre e túnica má
RMORE
de exércitos catarina
S

talo marfim capins de
OURO
de nós pende a existê
NCIA

esmagada pelo marchar
RUDE
do amado pela estrada
AZUL

aberto o peito a lanç
A FRIA
quebrou-se não estava
FUGIRA

buscando nem motivo achei
gritei nos prenderam solertes
e pela pele fomos vendidos

ouve esta vez mais
nosso medo origem
bom buritizeiro
o tambor total
da bomba fatal

II

MININADA
1958/1964

Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?
– MARTIN HEIDEGGER

Pássaro Preto e Signos de Adros

a Renato Silveira

súbito notei estarmos
à beira do abismo
fomos esperar a noite
escrava no abismo

(a noite o é
nada morrer)

ao chegarmos lá o
dia ainda cruzou
por nós no cais
assistimos a
morte dele sós
nasce no mar a
noite negra sem cor

fico margeando o
abismo mundial
parecendo vaca
intransponível

sozinho
e os outros
e as guerras

tudo na escuridão
embora bombalva
morre o dia e
seus familiares
mortátomo alheio
das convulsões humanas
ao prazer dos

perfumes famintos
às pesouro ambições
oceânicas libertárias

ninguém compartilha
desta angústia
algemado nesta
prisão sinto meus
risos em ser todo
contradição
só me resta escolher
as profundezas
do mar ou a
vastidão do abismo
    (tudo oriental é abismo
    tudo ocidental é mar)

me atiro ao mar
encontro lembranças
das misérias eternas
e ternas do tempo
não me nasço então
pois do tempo besta
tudo é de barro
punhais desejados
soma saque sangue

há feras aqui por baixo
ou matemática pura
qual nada acontece uma
serenata subversa
olho para trás uma
chama corna ou tarada
me convida
me sabendo
uma flor abstrata

a voz subindo em
fumaça porque
tudo é de clorofila
    e fogo anterior

corro como os loucos
indiferentes ao sexo
só os assexuados deve
riam existir se há
para que o sexo se
a terra independe

a morte sossegada
atrás dos loucos corre
a morte é também
de barro e atrás
dela faca amarela
atentamente
se a observa

ninguém mais pedre
gulho abarrotado
vivendo a vida e
a morte cantando
harmonia no espelho
das águas e no
lodo de indecifrável
abismo (nós & sós)

mudo os olhos cobiçando
agora o passado
desinteressante
o futuro duvidoso
o presente barrento

é uma glória ser
rocha cascalho
neste mundo de
barro berro bílis
me desgasto no seu
desgastar-se dos livros
sendo eles coisas
óvulo esperma
cristo cão nau

aquele cântico agoureiro
de amedronto selvagia é
deles ave-de-pedra
peçonha da meia-noite
me morrendo após
longo cantar calorento
da chama corna
no abandonar o mar
assexo que me desposa

divorciado prefiro
o abismo que é a
noite minha vida
noite insonolenta
e cheia de barro em
comunhão popular
é grande a caatinga
murada de barro
amo viver na penumbra
de mim sob formas
opacas e sombrias
desfalecido de luzes

no abismo
incomensurável
da espera

a noite escura lá do
cais arquiteta o
abismo da terra indi
ferente ao popular
de cá esperamos a
mutação do falo/povo

nem vi que vivemos
desaparecidos e sós
graças a passividade
das coisas ativas

ouço
prefiro ouvo
sorumbos
sorumbos so rum bos
sorumbos so rum bos so rum bos
sorumbos so rum bos
sorumbos
de sapos
olho
eles

que maldição
são os barros dos
vizinhos cantando
na lagoa dos veados

me torno um violeiro
de ponta de arrabalde
imito os sapos
nos brejos da serra

eu pobre pedra rolando
no barro da vida
nada encontro dizendo
do possível amor

só me resta eu de mal
a pior vivendo da
oscilação dos vermes
das bactérias dos
abutres numa eterna
procissão paradoxal
ao constituir-se das
cavernas alimentadas
de detritos malé
ficos e divinais

estou vivendo
          como
vivem os barros
          (o homem mudo de olhos
          cobiçosos que conduz
          a visão nos abrolhos
          verga ao peso da cruz)

o mundo deflorado nada
mais é que o abismo
da noite depauperado do
belo sem seres vivos
somos uma charneca
na margem do oceano
mudo os olhos cozidos
pelo não vitável vivo
compondo este espaço
vazio e virginando

me esfarelando total no
turbilhão das vagas vilas
sou um eterno esquecido
e vazio sem alguém
a estender-me o braço
(bom assim ser anjo)

sentado num banco me
extasio vendo a cobra
ou a giração da terra
os outros veem como eu
esta é a pergunta que
nunca me darei resposta

eu desço girando no
destino fatal se há
uma praga confesso
me atiraram os bispos
fui feliz antes

de existir
de ser/vir

serei infeliz
porque amo o belo
que me nega além
da condenação
dos vizinhos por isso
caminho o meio
lutar morrer à bala

uma ação de construir-se
diário subtrai o dom
marginal que te sedimenta
ó adros meu pobre poeta
porque ocultas teu nome
se te sabes céu e bom

tudo é barro na
vida e continuo
sendo pelos marnéis
dos deuses um pássaro
cor de rosa j'aime
delemoselvazulária

cantando trancoso
os desgostos o abismo
    (eu sou os sapos
    eu sou os barros
    eu sou os povos)

as paredes do meu
quarto são de barros
estou lendo

O CAPITAL

e as danadas
monologam vamos matá-lo
ele é deus é marginal
somos a sociedade a
conspiração em marcha
do tempo besta
da fome do verme
do poeta sem deus

meus livros se
devoram no tempo
interrogo sempre
porque a diária
insinuação de sexo
se é a desgraça
dos amantes das
artes sensoriais

são barros a fatalidade
o belo os cristos
bem sei a morte a
vida pederastas
a vida é uma lâmina
que em ponta de pés
esculhambando-nos

atravessa o caro corpo
a morte não é surda
espreita pela frincha
da janela e trota
facilmente ao lado
dos barros

a oculta
a displicente
a perfeita

à medida que a viola
devora o vento hoje
os dentes rangendo
batendo as asas horas
um gargulejo abafado
no porão da goela

mestiçado de sons
desafinados notas
roxas gemidos profundos
da verdade lentos
legados ao tempo
em canções póstumas

naquele cantinho ermo
entre quatro paredes
limites do abismo
e o mar me componho
inverso para o nunca

eu vivendo no
escuro receando
perscrutando

o visível
o terrível
o comparável

do velho e novo
na guerra burra

indiferente e torcendo
em defesa de que
o homem faça tudo que
a vontade por-exemplo
o belo-marginal
peça indiferente

espreito minha silhueta
um corpo de santo barroco
no espelho gume quebrado
das ondas quando
azula a vista e
os urubus vêm
pousar nas carniças

se ao menos se pudesse
amar qualquer coisa
mesmo que fosse
sem posteridade
uma flor anônima
um punhal um copo
de holocausto fim

entretanto o amor foge
porque o belo é
impossível àqueles
diabos-deuses neobíblicos
a semelhança não
outorga direitos
poderes amplos
para se amarem

o sabor da serpente
fará o meu poeta
ó adros real e eterno
se houver mundo
sou morto ainda não
nasci o todo tudo

nem tudo está perdido
como o tempo laser/maser
a luta assexuada
criará santos os
novos novo mundo
se eu existisse gostaria
de amar esférico

da aranha no olho
esquerdo a teia
guardo as pulgas
morcegos vivem na
frente do direito
mais o caranguejo

passo a passo voa
uma ave criada
pelos homens
fatalando as asas
fêmea de amanhã

n o barro
e o passo
d o poeta

imóvel olhos mudos na miragem
do sumidouro será uma avestruz
não um pássaro preto de passagem
sacudindo as asas apagando a luz

longa noite onde estamos
mergulhados sem memória e nus

Quint'ilhas quintas

a Walmir Ayala

tempo rapaz é
deixar a besteira
ser real abstrato
amando de fato
as figuras mesmas

buscar qualquer coisa
estátua do tipo
zimeriano sempre
loucura de gramas
urdidas com rochas

perder-se na teia
tecida de nervos
dos juncos do trauma
um pântano podre
de lesma e lacrau

cadáver de móvel
geometria ruiva
gamando galáxias
sim extemporâneas
verdum escritório

paquero inconsútil
novilho brabo ouro
esquema de louça
escultura transpo
razão do meu poema

chutar da memória
a impossibilidade
dum tronco de flecha
luar ternura no ômega
ou solar no charco

o HOMEM é um santo
de vagem ou pênis
nos chifres de esfinge
e o corpo do santo
urge a construção

transviado abúlico
das mangas urbanas
meio porco meia fruta
fêmur triturado
mundo multidão

mais canal ascético
petróleo e cobalto
fazendo o diálogo
de escarro com peixe
retalhos de flandres

fantasma e cavalo
após um soluço
brotado nas tripas
diz luvas no mar
também landra dada

escultura transpo
não tema nem forma
um abstrato real
com físico vivo
de leite e jacuba

pássaro de limbos
meu parafernália
complexo ligúrico
de sales palavras
em formas ninfose

sorumbos noviças
linas catedrais
fezes de formigas
ou psiu de rimbaud
no pólen damigas

âmbar ruficórneo
e sobrosso cláustrico
do bifronte bode
plantadas estacas
no barro rotundo

semens lapas urras
crivam olhos fundos
aos vales cristinos
abridos lajedos
nos campos chardinos

tu âmago abstrato real
ou ômega concreto flui
interdou ao deus (céus)
por pássaro com fluído
no confluir da retidão

Uma
Frase
Para o
Poeta
Maior

a natureza
chorou no dia
da viagem
de CECÍLIA

grande lágrima
de cor se tor
nou o longo
mar estrada
fácil para
um morto andar

deuses invisí
veis velavam
o sono de gê
nio – irmão
das coisas fu
gidias – con
fundindo-se
com as rosas
vermelhas do
silêncio-lei

o leito negro
de cruz e o
véu finarosa
em sua intimi
dade talvez

concentrassem
sons inaudív
eis de longín
quos alaúdes
amigos de an
tiga cantiga

(adeus meu sa
biá violeta!)
foi a simples
despedida dei
xada em uma f
olha de papel
qual/quer por
esta mão de
carne mortal
muda de canto
não de pranto

Rosto
Sem Rosto

no capim do brejo
barro berro cando
afogando as terras
e da crosta sando

do brejo das terras
da sombra correndo
mergulhando o rosto
sem rosto sabendo

burro boi trabalho
homem há despalho
brejo barro zoo

fero olho cascalho
campo cal batalho
bel brejo do voo

Do Anônimo
Quase Poema

se no encontro com a pessoa gostada
se desse o amor
pouco interesse me há
por instrumento de que se dá

o amor
possível o impossível o anônimo
com nome próprio e letra grande

o amor
jorro brotado no brejo do busto
esfarelando o abacate escarlate
fruto recluso na cela do peito

o amor
do jarro apunhalado
com a coifa ceifada

pouco me há
de que se dá
o gato combinado
a flor improvisada

Três Quartetos

a Moacir Moura

não ser nada ser ponte
nem cá nem lá diverso
mas estar no meio se
a flor roxa for fonte

não amor convenção
nem querer viver só
contudo diferir-se
qual madona de cera

não ser nada ser poeta
nem saber a canção
do tudo mas ser a
flor roxa que me afeta

Comungar

desliga o rádio
desliga eros a tv
mesmo os galhos
árvores do bach

basta o círio ro
xo do corredor a
mar o clarão da
rua em cachaçada

senxual nos vel
ará eterno pelo
vidro da janela
rua do amar sem

nome anda desce
o contrato sobre
a cama um sabre
hemo oco o fato

quero dormir mo
rrer aproveitar
o sono da rua a
loucura falha o

erro ermo valho
lua tua anda aj
udarme sonharte
apertarme desco

brirme cornos o
incógnito vero V
anda abraçarAme
ver a diferença

por certo o ind
ecifrável achar
apalpar esta es
tátua/sonho sic

porto perto cav
o de ulha e con
tradição: comun
gar corpo()corpo

Canção
do Neutro

nar mariposa pousa
no mar e
posa

no mar pleno
salão
plano

cantando dançando
o leve o balão
pousa mari pousa
no mar da mão
voz de violão

plano
salão
pleno
te com som em vão
tristerrôneo neo

erro
tristalegre agre

ogre
elas
eles

só lhe dão a
solidão
solidão
só lhe dão a

vida
ida
vi a
e o
mundo
mu do
do
N u
EU
a TRO

marinfverno sa/lão
o dia/bo o ba/lão
NÃO fêmea SER
SER macho NÃO

Mar Rio
Ribeiro
Riacho
da Minha Terra

o rio são francisco é
genuinamente o maior do brasil
mas o riacho do praquê
amando minha mente passa
alagando quando o inverno
é grosso minha terra natal

o itapecuru orgulhoso também
é meu traga tanta terra ri
quezas sólidas nas enchentes
ribas se vão no aluvião

o menino sente nostalgia
e eu apoeta do canto da jia

lembrando o rio maracanã que
conheci quando conheci copa
cabana longe no sertão
hoje me recordo de um cão

lembrando também as enchentes
do praquê que sem querer
formavam como se formam
poços rasos onde a gente
se banhava lá na fon
tinha desde meus avós

hoje sinto aquelas águas
no ver potes de chuvas
e saudade neste pobre poema
que vai aguando meu coração

sentimos nostalgia o menino
e eu das águas do meu praquê

Edifício
Belo

quem dera ser-se
edifício/belo
portões largos
guardas neles
para deixar
somente entrar
cavalo mar
pássaro azul

quem dera usar-se
o certo caótico
nada ocultar
nem semiótico

eis por exemplo:
largos portões
almas cruzando
veros peões

Balada da Quebradeira de Babaçu

muito longe o sol de nascer
lá sobre a linha do horizonte
deixa sua choupana-de-palha
pacará n'ua mão vara na outra
machado macete coragem
do lavrador a companheira
quebradeira de babaçu
no fim fica de bundaroxa

com bagos de coco e farinha
seca faz o quebra-jejum
ainda bem turvo no vasto
cocal trabalhar a mulher
começa atrás da ruma grita
todo dia batendo o jucá
quebradeira de babaçu
no fim fica de bundaroxa

em casa os meninos com fome
danam a cantar <<faz um mês
que mamãe (coitada) tá doen
te sentada quebrando co
co gemendo com dor de dente>>
é de noite vai fazer almoço
quebradeira de babaçu
no fim fica de bundaroxa

trabalha trabalha o dia inteiro
e nunca manda em seu terreiro
quebradeira de babaçu
no fim fica de bundaroxa

Cine/
mudo

aqui risonha
flor acolá
alegre broto
não faltará

mais pra lá poço
dágua na rua
sinal de chuva
desce flutua

a borboleta
pluricor fico
a contemplar
o corpo rico

despercebido
o dia nem noto
desfalecer
sem som remoto

pousando vai
de flor em flor
a procurar
melhor sabor

e continua
a borboleta
sem encontrar
alguma meta

desde que seja
a mesma flor
nega-se sempre
o gato mor-te

Poema
Total

a Carlos Alberto Miranda

gostaria de fazer um poema
como quem lenha a miséria
como quem libertará o HOMEM

usando as mãos –

entretanto mãos artífices
da cidade e do campo
mãos realmágicas

da arte
ciência
do HOMEM

usando os pés –

toda-via pés de oleiros
ajudantes de pedreiros
amassando o barro
pés caminhantes

de retirantes
desertores
do HOMEM

usando o corpo –

enfim um corpo qualquer
com essas mãos
com esses pés
feitos de sofrer
feitos de amar
corpo vivo vital

da coisa global
mundo mundo
do HOMEM total

gostaria de fazer um poema
com o HOMEM exato sem credos
sem compromissos liberto
como o suicida após o mergulho

(um pé de perdão nasceu
na minha horta morta
soldado defunto cedo
cuidado leões de chácaras)

Trivital

auroro	calçada
auroras	sombra
auroramos	amor

AMAR
AMOR

arbusto	ternura
arbustas	crimes
arbustamos	amor

AMAR
AMOR

anoiteço	sarjeta
anoiteces	téxtil
anoitecemos	amor

AMAR
AMORAO

Gelo

cubo-pedra água transparente
| (SÓLIDA) |

inerte verde-vertigem cor
| (PEI/XE) |

glacial beleza oceânica
| (FLO/CO) |

cubo-pedra anestesia vítreo
| (NERVOS) |

III
TEXTÓRIA

Praxis não é possível sem conhecimento teórico profundo [...]

– EMIL STAIGER

Men
Mendigo
Digo

MURO abrigando homem in/teto DIGO
nenhum brigo abrigo a/feto rosnar
de dente intento aliado ente vaga

verga o MENDIGO sem quê
é sócio SEM DIA e bócio
inhaço NEM VIA pedindo
calçava ME DIGO a calça

caça na lata deda o repolho podre
ente na feira pobre feito rato va
GIDO travo ratando homem sem RUMO

CARNE formando gente adulta MORTE
nem um braço abraço aberto clamar
de vulto indulta elaele luta pelo

apelo o MENDIGO sem ser
é dócil A SORTE e fócil
cachaça A MORTE bebendo
contado AMA IGO a conta

cota na sobra pede o almoço sofre
luta na porta cobre porto ralo do
TEMOR cravo ralando gente e NÉCAR

TODA vegetar o corpo deforma VIDA
nalgum ponto aponto a ponte morar
de dorme disforme trapo mero anda

manda o MENDIGO sem ver
é bécio TODAVIA e nécio
cansaço TUA CIA matando
vulgada CONTIGO a vulga

vaga sem feijão guando coroço pão
mero em corre guandu corva vão dá
DIVA bravo valando corpo nem DOTA

E-tapa

fazer nosso OSSO diário ÁREA
faz a massa ESSA trilha ILHA
testa trust ESSO pretwo ÓLEO
bulha bilha ASSA carvão ULHA
nosso fazer AZAR cresce ESSE
nos é pulha OLHO social ISSO
ÁRIA diária ASAS missa e fiz
ILHO trilho SOIS fazer nasce
ALEA tralha RAZA vos é palha
LUHA berrão SESA cilha culhã
ESSE crasso ALAH besta bosta
SOSI social SÓSÓ nasce fazer

Favela S
Favelado S

a Mário Chamie

favela falando
amar ela flor
negra nega morro
fá-la nega marra

– NEGA
– FALA
– NEGA
– FLOR

barraco roçando
ruço lomba feito
peito lambe raça
ruça burra caço

– ROÇA
– EITO
– RAÇA
– URRA

germe sob deitado
sobre curva barro
omem marge barra
deita turva sobra

– OMEM
– OBRA
– ERMA
– TADO

janela ver dele
nela jaula aberta
mulher ter aborto
colher muquirana

– ORTO
– DELE
– AULA
– NELA

barreira incanada
seca latão cana
ladrão face nado
saca faca berra

– SACA
– CANA
– SECA
– FACA

carne aval maconha
asfalto bom creme
assalto com crime
cunhã bamba samba

– REME
– ALTO
– RIME
– LATO

Ex-
cozinheira

um copo de figos
na copa cozidos
a colher o bife
um bofe a mulher

BIFE
MULHER
COPA

pratão e quitute
que todo patrão
a sopa é querer
beber copo o lar

BEBE
PATRÃO
SOPA

do bule de leite
um bebê sem pai
vai no leito vê
voz e chama dama

BEBÊ
CHÁ-MA
DAMA

ex-pulso da casa
na rua cai mari
posa cozinheira
cara e alho coze

ALHO
COZIDO
CARO

És tu Dante Autor da Divina Comédia ou Ferina Camélia na Praça se Praça

ao Poder Jovem

cuidado caio é dedo
muidado calo é duro
soidado cabo é rude
da cara e a máscara
caia mas sol é dado
ao lugar em vez de
um lugar ao sol se
caio na praça falar
a praça para aponta
a porta do lot/ação
dele coração de mãe
carro faixa amarela
se caio cai na cela
preço do sol é dado
a porrada sem preço
por dentro do peito
da mãe seio/lotação
carro/coração corre
morre jovem e movem
nem respeito o seio
a mãe caixa amarela
fere caio e se more
em dez/graças praça
na praça mesma raça
pobre sem cobre nem
nobre vem sobre meu
jovem caio na praça
sem ciência nem con
sciência meio/ganho

teu emprego tem é o
prego que prega ego
teu braço broca teu
eu sem saber do bem
que caio cai porquê
pobre da praça paço
donde a praça pobre
fere caio e se more
vá caro caio arante
se para caio avante
ara a praça árida e
faça a praça a faca
na face da praça vá
é fraca não ursos e
usa só a praça paço
raça vai foi/se ide

Poema do Osso

a Mauro Gama

corpo cobra
o rio corre
o fio corda
osso e obra

beira borda
o rio balsa
a bio balda
osso e eira

terra torre
o fio linha
o rio lanha
osso a erra

homem morte
o dia curto
o rio corta
osso é omem

morte clima
o rio torra
o cio porra
osso e limo

corpo campo
balda o rio
canta e mia
osso ar dor

o fio corda
corta o rio
gente fraca
osso a rasa

flora moita
lenha corpo
flagelo rio
osso é flor

cobra corre
o pio pinto
o dia lindo
indo a obra

campo homem
brota a bio
bruto o cio
osso e rota

rio é homem
omem é deus
deus é fome
fome é osso

osso a osso
osso e osso
osso é osso
osso o osso

Pré-texto Para João Cabral de Melo Neto

era a cabra preta correndo
uma cabra preta nem falada
ela mesma própria se cabra
ser mãe do cabrito lavrado
bem diferente sendo animal
ver morrer cabra inocêncio
embora parece outra falada
ela a cabra cabral do joão

cabral derivação da cabra
fê-la dele cabra não bicho
gente e local produto duro
estudo e mistura compondo
cabra macho mato capacho
outra cabra minha animal
vezes igual fato fenômeno
ser bicho em começo sexual

Pré-texto
Para Carlos Drummond de Andrade

das pedras dos caminhos pedrados
fica a fala das pedras dos fícus
amêndoas qual se seco fá-las dor
se seco do tucum sem amar doeira

tem mito há mato quando fazendas
se fazem das matas mito há falas
da ana apenas sentida na dor dói
na dor do arboi que fula ana tem

das rosas dos povos também lutar
pela e pala das gentes das dores
palavras como em bate avras elas
em bate de para onde ao desa-fio

com a paz da paz carlos-carlitos
viço e talo fala do anjo a lição
e sambando na calçada após a paz
há uma cadeira para nosso abrigo

Pré-texto
Para Pobrícia/
Lavadeira

concreto corpo paralelepípedo oco
corpo cinco/faces boca arregalada
saliva da terra e lábios molhando
morro roupas passam robustas mãos
com cáusticos sabãos branqueando

alheia mistura saliva/pasta posta
ante boca q engole ELA no ganhar
curvado corpo ao calor quase gelo
vermelho/avental lava gira ginga
dia/dia vai a vida sem mais/valia

Pré-texto
Para Aída Lobo

a ida caminho caça ninho
ninho saído cada cisne
lobo devora vosso cisne
lobo demora nosso cerne

guerrilheira do bel sertão
camponesa urbana guerra
ser tão lobo do campo não
ser tão lobo canto de mão

canto de mão a manequim
de causa inveja ao bom di
a ida caminhar passo raro
ainda veja lobo-pássaro

cisne morena e durobelo
duro de mó belo de rena
a ida caminho cada cisne
o lobo-pássaro a manequim

cigana menina caça ninho
gana e c/ouro bolsa-anéis
lorions lobo canto a mão
a ida morena mó de belo

Rádio de Pilha

rádio de pilha
grande subversivo
tiraste a paz
do povo da palha

rádio de pilha
ser e comunicador
tiraste a paz
do dono da palha

rádio de pilha
meio e mensagem
sub versão sobre
o campo de inês

rádio de pilha
desgraça de graça
do povo do dono
sábio é pulha

rádio de pilha
subversivo objeto
levas o ver ao
broque de roque

rádio de pilha
na roça de roque
no campo de inês
é fogo na palha

Gravura

a Joaquim Marinho de Araújo

P
O
O V O
A V E
RES   IRA
E
S I M
T Ã O
E
T Ã O
S I M
E
ARI   SER
E V A
O V O
O
P

Es/Cultura

o
ovo ovo
pela pele
velar levar
da vela ao vale
fero fogo limo lava
duro pico pelo bico
soltar violar
o rico o ouro
a faca a água
forçar entrar
no rio do réu
ou rei da dor
porque o amor
é deus severo
prazer sofrer
e este impuro
de ter negado
em via do ser
o ente quente
que da vida é
um dia e anos

IV
HOMEM SEM VITÓRIA

Todos os dias saio
sempre em busca
de outro caminho
– FRIEDRICH HOLDERLIN

Homem
Sem
Vitória

a morte é a única realidade real
como o poema é necessidade fisiontológica
ou coisas sidas e pensadas – viu homem
viu bicho – animal rupestre – poeta a
catarse si mesmo na perda do suor rolado
pela pele – comunicação tátil – tu mesmo
homem nada de opinião – idem tradução
pensar mesmo meu velho
os jovens existem e exigem desconfiados
ah geração violentada – a nossa
é grande pelos caminhos
essa multidão solitária

2

único tempo convergido sem vagido
responso de tudo – inclusive esta derrota
na rota toda rota deste rato sem queijo
nem dente – sem gente nem beijo
tempo sem antes nem depois – agorúnico
tempo-nosso (TN) tempo-universo (TU)
tempo-besta (TB) tempo-teu (TT) – homem
os ratos roemte os passos
os ratos fazem procissão – tocam as músicas
que gostas – depois te condenaram
prolíferos – proles e feras – a cidade toda
contaminam – alegoria camuseana – quem sabe
homem consolate que a peste pode ser o belo

3

talvez um dia venças o egoísmo corporal
em busca da liberdade – e livre
embrenharse no ser/tão até o sem/fim
fatalmente – finalmente – homem
recordas: infância povoada de medos – pobreza
cobras – assassinos desertores – no meio
da mata – e os bichos virados de gentes
juventude perdida entre privações
projetos e nada nas cidades pequena e grande
porque ninguém acreditou em ti ou fez fé
taças quebradas na festa que não houve
pobre coitado
ente na ambiguidade – homem

(imagens horríveis estas que construo –
lamentos – podre podre – ficam assim mesmas
– sei lá o que é verdadeiro (quem saberá?)
o homem é tudo – queridos – porém morre
e apodrece)

quando descansares em paz
tempo que apaga o bem e o mal
(faces da mesma moeda) também ninguém
se lembrará de ti – ó felicidade
como distinguir entre bem e mal
se não entendes nada com um só lado

4

cão com clã: cartaz no peito do
menino-morto depois de castrado
menino porque acreditaste em algo
casto ou castro se te sabias
anjo do céu com asas brotadas nas

costas – ente real – e não uma ave
concreta como o urubu
ou jato supersônico
castrado: mas testículos não tem
ideologias meu menino:
sêmen plantador em profundo

5

homem – porque contemplas a estátua
do homem a matar a fera enquanto o
relógio da glória marca o tempo
agorúnico – se não tens vitória
tímida figura procurando o que deveria
ser – narciso às avessas – brasões em cacos
angélica – coruja da madrugada: florfalus
ganhaste bolsa – estudaste no colégio-padrão
na filosofia – sim: a filó – chegaste mesmo
a bacharel – professor na universidade
até candidato a deputado (cruzes – perdão)
– onde estás?
– amaste? – não
– venceste? – não
afinal – que é vencer – pergunto
vives a ver o que evola de ti para ser
catando alga-rismos e construindo
enormes pirâmides com bolas de gude
sisifuriosamente
pré-postulante do mosteiro
homem sem vitória és poeta:
sofredor de ver
fingidor de ser
fingeras o poema que tens
talvez uma flor seca para o povo

6

outro lado: ciência tua verdade
é orrorosa
com O mesmo
o H do homem
não cabe no teu adjetivo
mas é uma verdade
e como enfrentá-la?
enfrentando-a – ó homem

aterra-me a foto de hoje
nos jornais: uma cabeça degolada
pelos cabelos suspensa é exibida
troféu macabro – meu poeta

ciência tua verdade
invade os campos – os algodoais
a liberdade – estupra – salva
mata – não ouve – não diz – faz
a comunicação já era

7

homem: os jovens querem a paz
a vida – o corpo – o amor
não a guerra
a velha garra dos velhos

meninos sem rugas nem rusgas
estão morrendo no oriente
e no ocidente – mas não querem
morrer – nem podem morrer
meninos não morram – vocês são belos
não bolos para serem repartidos
vendidos – comidos
vocês são belos – meninos sem partidos

8

poeta
não desesperes:
um computador sem quem
programe a dor é verdadeiro
saco de pedras na via do
empregado que sente a dor
sufixo de quem emprega

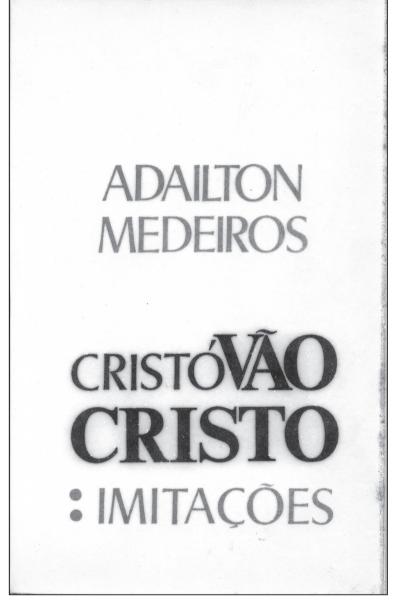
poeta
há o poema que não te
deixará morrer de parto na
delivrance do teu ser
prenhe de amor

9

menino talvez perdido
no tempo do tempo
poeta talvez abúlico
podemos orar – vamos dudu:
divo eros uva selvagem
dáme tua mão quero !
beijarte a face máscula
e viver/morrer em solidão

10

poeta – o poema independe de formas
de firmas – só carece de ser
vir existir – de vir a ser
poema tuas formas são teus
conteúdos e estes tuas firmas
poema teu nome não é poema
poesia também não é

poesia é tua estrutura-antes
tua não-distância
o suor na pele
poemas tuas firmas – razão/social
tem um nome:
HOMEM

CRISTÓVÃO CRISTO: IMITAÇÕES

[1976]

Nada há de permanente debaixo do sol, onde tudo é vaidade e aflição de espírito.

– ECLESIASTES, II, 11

Porque o homem propõe e Deus dispões; e não estão nas mãos do homem os seus caminhos.

– JEREMIAS, X, 23

Se o poema é uma verdadeira criação, o conhecimento que nos traz não é "sobre" alguma coisa. É o conhecimento mesmo na sua plenitude.

– ALLEN TATE

O que não se pode falar, deve-se calar.

– LUDWIG WITTGENSTEIN

Aos que descendem direta ou
indiretamente do tronco de Abrahão

À memória do
POETA JOSÉ DE OLIVEIRA FALCÓN
amigo e companheiro /
nascido na Bahia e morto
na República do Chile /
primeira grande baixa
em nossa geração

(teoria do conhecer em si mesmo totalizador)

Rastro

– Caminhamos: tudo é sol frontal
no rastro de Cristóvão Cristo
e seus rípies livres sem noite
no pulsar vidente seremos
corpo belo da nossa salvação

Vereda

– Corpo santo de nossa curtição
enigma de toda beleza espinhos
violência sangue vida ser bois
morte vereda seguimos um texto
digital a mão: pata metafísica

Viagem

– Cristóvão encabeça o desaguar da
viagem: vários desacreditam vão
eles zangados querem ouro
impuros de amor negado sabem
das coisas pobres não sentem

Terreal

– Outros: homens livres rípies sem
algemas sentidores nada sabem
do terreal abandono todavia
olham ouvem sempre o som
do outro alegres caminhamos

Frutos

– Vagabundos de Deus nas sendas do
tempo levam corações por frutos
não vistos os visuais são podres
graças nas mãos: amantes do chefe
somos vaidosos meninos de húmus

Fracos

– Lavrador de terra servidor sem
ciência sobrevoa o sábio-cego
ignorante confessado despreza-se
bom ser nada: perfeito enfim
fracos somos ninguém mais assim

Coisas

– Felizes meninos ouvem o verbo
de vera também da gente dentro
ressoa aura simples vida
proclama a paz do coração: as
coisas criaturas de Cristóvão

Lição

– Escrituras assentadas livros ditos
lemos sem olhos de ver signos
com raios de luz vimos: a lição
edifício da vontade em silêncio se
narrar é resistir ela em nós pão

Avaro

– Sem quietude sente-se aquele em
busca sem rumos a procurá-la
a lição avaro tudo querente não
para: parou vencido na morte
tentação remorso sua paixão

Ciúme

– Desvergonhados damos por amor
dele sem pobreza entretanto não
cremos neles mundanos: corpos
formosos fortes na doença
desfigurados pelo ciúme eterno

Fauna

– Falar pequeno com os garotos e
extras nem abrir a qualquer a
janela alta da esquerda: ricos
rãs morcegos mulheres desejam
íntimo só com ele e os pombos

Campo

– Mandar é tenebroso e adverso aos
viajantes da solidão aroeiras
esguias no sertão: melhor ser
carneiro branco no campo da vida
e morte obedecendo obedecendo

Esterco

– Barulho das ruas nos reduz a
esterco dos séculos mesmo se
ouvido puro sem interesse:
palavras palavras as inúteis
doem fugimos homens calados

Pegadas

– Nas pegadas dele contemplamos a
perfeição: árvores pássaros
feras na paz sem darmos ao
agir dos outros vencendo vícios
antigos e ofertados consolos

Embiras

– Dentro de si recorda ao coração
voltar o exílio onde algum elo
não vale esperar: vida demais
enfadonho fardo contigo vamos
Cristóvão libertos das embiras

Soldados

– Soldados vitais pelos caminhos
são trabalhadores tentados que
não dormem pois o devorador
está rondando: resistiremos no
corpo as raízes da macieira

Carregar

– Igualdade na paciência ver branquear
as flores alvaçãs na antemanhã das
taipocas: frouxidão defeitos deles
suportamos eles os nossos e assim
carregar uns dos outros a carga

Mosteiro

– Peregrinos por estradas e serras
estrangeiros no campo de origem
crescem loucos por amor do
homem: no mosteiro provam
que fora dele só existe a dor

Carga

– Exemplos de padecer nos vagares
perseguidos servindo-lhe no gelo
nus nada de comer beber dormir
cansaço da carga: nos odiamos
aqui para nos termos no azul

Deserto

a Paul Meir

– Valas de horrores genocídios graves
vales de magros defuntos grotas
de sádicos desejos: povo eleito
sacode o pó das alpercatas após
as ossadas e flora no deserto

Águas

a Rudd Teltz

– Após as ossadas também os meninos
que mandados eram as felpas da
morte nos dorsos doeram:
negaram-lhes águas de beber
e secos racharam é bom dizer

Homizio

– Presos nas grades dos calabouços
perigosos garotos (perigos de que
Cristóvão): o sol quadrado vivem
houvera antes o homizio nos
domingos hospitalidade que pagam

Encontro

– Caminhos de estrepes machucam
nossos pés embora os tivéssemos
nas nossas mãos mas não estão:
ele sabra traça vai na frente
seguimos ao encontro vigilantes

Solidão

– Devem evitar o ajuntamento deles
onde serão homens ridículos: nada
verão perene sob o sol queridos
queremos a solidão do soldado
prisioneiro de corpo e fala

Miséria

– Aqueles que não o seguem amor
pubam imbecis na miséria carnal
e miseráveis carecem de fogo
e mar: absorvendo o mortal
chegamos milicianos ao paiol

Morte

– Quando menos pensarmos um dia
Cristóvão chegará e aí veremos
o passado terrível longevidade
e faustos meditemos: a morte
é a única realidade real

Nomear

– Indivíduo mais indivíduo cada um
na sua é que é o todo (clã grei
grupo sociedade): sempre doemos
pelo muito não o um apesar dele
nomear seus bois um por um

Órfãos

Viciados de ervas e apetites terão
suas masmorras nuas ganchos e
fornos de lenhas e agro azeite
latirão sem donos: doutro lado
galos cantam os risos dos órfãos

Caminho

– Lembramos que o sol nos conduz às
cabeceiras do caminho búfalo tempo
agorúnico pois não se volta ao
que já foi e cientes queremos
dureza burel salmodia: sal o dia

Candeias

– Nessa fequete-varos a vida vai se
danando (que preta cidade): a
luz é breu o corpo (cadeia) quer
as candeias na noite para o voo
dos seus meninos nus passarinhos

Código

– Cristóvão é ovo ave voo cruzado
gral grão no chão belo água na
moringa código: digo leis das
aves que são leis totais como
cantar livre sem caçador e voar

Hebreus

– Cristóvão é um só mil multidão
homem filho marginal santo pai
pão vinho hebreus búfalo boi
encabojado: falo boiúfalo raças
todas nas veias bom corredor

Pluma

– Cristóvão é uma álula de rola
rolando no espaço solta pluma
planando sorrateira pela paz
difícil mas não impossível: um
dia será o pio ópio dos galos

Imagem

– Cristóvão é chuva oblíqua água
corredeira no lombo das várzeas
dos traumas montando juncos pés
tocos calhaus: imagem suprarreal
enfile de pingos grade molhada

Pedra

– Cristóvão é pedra na estrada da
gente ao escalarmos os montes
ele próprio: caminhamos badalando
altos sinos com dedos verdes em
louvores do guerreiro de almas

Cálice

– Cristóvão é gente cálice paraíso
perfeição amor amigo livro livre
perdizes ápice trabalho leal terno
azul pecador pendor pé e dor luz a
prata pátria isto é: ave judeia

Total

– Cristóvão é mundo visão mais que
terra herói super e anti visível
invisível fazedor da verdade de
tudo total aquém além: parcos
números amam a cruz (formigas)

Criação

– Cristóvão é sonho sombra palavra
nome coisa anjo istímungue ponte
entre oleiros e tijolos bilhas
referente pessoa carlos joão e o
da cruz e o f(r)ederico: criação

Lâmina

– Cristóvão é faca facão falcão
lâmina na face matemática physis
ética arquitetura brasília rosa
de minas minério mitos máquina
darte: matéria que se modela

Teoria

– Cristóvão é severo andar desde o
esquecido ao esquecer: história
estória fluir confluir no temporal
humano amugla serva pois criar é
fingerar a teoria até a imensidão

Poesia

– Cristóvão é sério bando talvez
ser o rio sírio círio em chama ao
ler a vida líbio lírio branco
manto cortina entre calor e dor:
pura poesia sangue para o livre

Poética

– Cristóvão é índio china afro ho y
cherp cipri tupa turco grego árabe
petróleo só vi et cum usa na palma
geleia horror: mas ele o poema é a
poética ser verdade/falso o verbo

Flor

– Cristóvão é murilo e saudade riso
choro deus flor barro berro burro
a massa querendo matá-lo após
os milagres: morto vive o câncer
seca todavia nosso ódio cresce

Morada

– Mesmo no pantanal da interioridade
cheio de bichos e árvores se fiel
o marido faz sua morada: lá no
fundo das furnas a glória o belo
estão ambos sós sem mais ninguém

Paixão

– Se o possuirmos ricos teremos nossos
alforjes grávidos de amor e temor
hoje e amanhã: ele é uma rocha
nada de homens frágeis indecisos e
mortais a dor da paixão gozamos

Tronco

– Como a jitirana roxa morreu ao meio
dia nosso corpo vira carniça na sua
hora ramagem que o vento quebra:
abraçamos o grande tronco de cujos
galhos se penduram ninhos de xexéus

Lógica

– Nesses discursos ocultos e revelados os
homens cravam o sinal da pisadura nas
costas dos cavalos: estilo beleza mito
(lógica) a diferença queremos com
aperreios e arreios o canto das chagas

Poema

aos irmãozinhos de Foucauld

– Irmãozinhos nas favelas guetos mangues
mocambos roçados (nosso quibutizim)
neles mendigar o morto: tal a chuva na
palha o defunto na cova o fel na boca
o cisco no olho a realidade no poema

Passos

– Chanceler chanceler pássaro-matriz o
sonho da infância: a chance o ler
(desencontro talvez encontro)
bem sei bom grande sem ser nenhum
e termos os passos céus em ordem

Páscoa

à memória de Pedro Ferreira Coelho
– (1889-1973) – meu avô

– Amanhã será a Páscoa comunhão nossa
canção floresta de angicos brancos
donde se dependuram também ninhos
de corrupiões: rodas de festas na
porta da casa é uma recordação

Festas

– Rodas de festas na porta da casa é
ver ressurreição: (Santos Benedito
Gonçalo Raimundo Bento Cristóvão
Domingos Divino etc.) tarda mas
chega e subirá à casa dos seres

Vida

– Abismados em ânsias por futuros
reificados e encarnados seremos
no dia ícaros caídos em lagos de
desgraças: urge a construção da
vida desrealizando a vida visgo

Marcas

– Devoradores andam por aí caras
amigas lutando convencendo que
não existem: existem sim estão
em frente atrás dos lados de nós
pondo marcas em nossos corpos

Ferida

– Marca de morte no peito arca
deixada cadáver de seco ar o
cajueiro sob a marca olhamos:
de cá se via os pés juntos
botados apontar a ferida

Coluna

– Formigas na boca nos olhos de
cinza dissecando o passado
coluna de fé: Cristóvão Cristo
aluno belo duro chefe cabra
macho jaz podre o mataram

Sertão

– Lúrido homem lúdico anterior
na horizontal igual severino
pés caminhantes desertores
o sol nascente a pisarem:
flores herbáceas do sertão

Libertos

– Filho do homem preso na cruz
é caminho estrada vereda rua
rodagem avenida viela mar
rio ribeiro riacho ar corgo
veio vias: lá vão os libertos

Subida

– Carpimos verde angústia dor na
grama da esperança o grão no
chão floram sementes vermelhas
de cactos poeira: ele no sertão
só vimos a subida da sepultura

Aleluia

– Nuvem roxa neva nossa nave aleluia
enquanto eles fuziladores uivam
poluídos: alados marujos em galas
brancas violas tocam rudes salmos
sorumbos sem mal no arsenal do céu

Homem

– Continuamos a viagem: tudo é sol
frontal na trilha de Cristóvão e
vagabundos de Deus buscamos
corpo belo/santo para nosso V
curtir salvar poetas o vero homem

ALGUNS PRÉ-TEXTOS

Quanto a mim continuarei sozinho,
solitário como um estranho rio
de um território ainda não visitado pelos
geógrafos

abrindo sem descanso a minha estrada
certo de que alguém um dia
– anjo ou demônio –
caminhará por ela até a porta de meu nome.
– CÉSAR LEAL

Pré-texto Para Cassiano Ricardo

amanhã o bom dia
na difícil manhã
chão romã
clã reipã
no reVerSo SIGno
NU mEu poemachão
poemapa poemassa
fada fica
riso rico
falo fala
sobre/vivEntes e
ternos amigos do
peito ó Jeremias
sem choro
nem velas
canto RICo ARDOr
sabiádorosamente

Pré-texto Para
João Guimarães Rosa

travessia: pros rumos direção dum ser/tão sem/fim voltas volteandas em der/redor em torno trilhas funda d/entro das barrocas nos barrancos velhas veredas caminhos por serpenteantes andar adentro chãozão rumos do urucum urucuia e lá a cuida de azedar o leite coalhada queijo de minas e manteiga é meu remimento pra ti neste baile sem um corpo meu bailar amor/fo discurso todavia samsaras aleluia também tristura ver cujo olhar dos bois na carpição vacum lamentos bovinos em dias de dores cavação no barro

jo/gado pra riba do lombo sobre vestígios
da matutagem (boi/matado) de anterior dia
de antontem urraria saudosenta dum boiamo
adeus dos bois boi/dor lá nas urubuguaias
eta buritigente falo buritipalmeira verde
no chapadão mato cerrado campo geral roça
unha-de-gato capabode rasgagibão canarana
soca mama cachorra cipó-de-escada mucunã e
árvores arvoredos ave pássaros passaredos
crispim semfim peito-ferido é matimpererê
e matintapereira matintaperera matitaperê
relembranças dum entardecer maior de belo

e perigar “o possível de coisas ainda por vir, no avante viver, a vida está toda no futuro” a morte encantamento cantomemento rosa de minas rosa geral rosa rosato rosa rosário rosáceo rosão erosão florosa rosa joão joão jão jão ão ão ão ão ao ao ao ao au au eu pobre cão vira/lata não veredado sabedor nem campeador como ver aqueles os companheiros dos teus vaqueiros rudes nas vaquejadas galopes ê boi ê boiada vaquejo buriti/grande buritizeiro buritifalo real imaginário simbólico dominador do mato do

brejo dos homens – liodoro miguel zequiel
gual glória lala behú – brejão prima/vera
é amor no total roseiral mesmassim não se
pode esquecer de dizer os outros boniteza
de demais bonitos mesmo esquecendo outros
relembremos juca bananeira manuelzão rio/
baldo diadorim (dia/da/dor) miguilim como
um cantar sombroso sonorotriste (sorumbo)
ou simplesmente pessoas gentes entes ser/
tão-grande tudo nada simnão minha rosa sã
para ti rosapoeta só vale nenhum é de fita
papel crepom e palavra não é nada: **nonada**

Pré-texto Para
Mário de Andrade

há sempre um ma(r) rio longínquo =
corr/ente corre/dor águas da gente
beber matar a sede molhar a língua
onda onde remamos a lição do feito
peito de mamar como nadar de peito
nas águas do tietê ir v/ir até ati
ouça a onça viu bicho/gente e veja
iauaretê massapê muçambê cauê oquê
e o remanso manso do romance mouço
ê rei o rato rói nu/m ato e "herói
sem nenhum caráter" é ter cara não
agressão transgressão até os bagos

Pré-texto Para
Mário Chamie

há sempre um ma(r) rio proximoso =
re/gato forte caudal ver sete rios
sete quedas sete vales sete portos
sete partos sete palmos de fundura
no salto do alto acrobacias de ser
anima(l) ferino(a) felino(a): sete
fôlegos quentes de gentes ou fogos
chamas saltar do lugar na roda doa
tempo fazer rodízios no poema real
lavrar a lavra dor da terra terror
textor humor amor industrial carro
cigarro café pelé tv laço o abraço

Pré-texto Para Nadir Medeiros

Vaqueiro meu velho
pai veloz montado vai-se
por veredas curvas

Antes lerdo o porte
muda-se ao grito de pega
dentro nos sertões

Cavalo castanho
gibão de couro boi e vaca
tombam pelo rabo

Campos do menino
lá longe Aranquã Lavrada
e mais na lembrança

Correu correu forte
homem atrás do boi mesmo
boi-tempo é diverso

Pré-texto Para Raimunda Borges de Lemos Medeiros

judite judite judite
mulher mulher mulher
judite judite judite
mulher mulher mulher

mulher mulher mulher
judite judite judite
mulher mulher mulher
judite judite judite

mãemãe mãemãe muimãe
mulher mulher canção
judite que me inunda

mãemãe mãemãe muimãe
mulher mulher mansão
judite você raimunda

Pré-texto Para mim mesmo

Serei sempre só o que tinha qualidades.
FERNANDO PESSOA

(felizmen/te
sei/o creio)
aqui / confesso:
extroverto-me
degrado-me
humilho-me
invento incorporo dissemino
piadas repentes graças
etc.
faço tudo para e demonstro
ser alegre
alegre
alegria alegria
(só e si e deus)
mas de nada vale
sou triste mesmo
um doente de tristeza
dor e saudade
sem cura
condenado

Opiniões

A poesia de Adailton Medeiros me atraiu. Seu primeiro livro, *O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves*, é digno de atenção. O que ele faz aí é oscilar entre a não-palavra e a verbosidade. A oscilação já é uma vantagem porque prova uma libertação do poeta quanto às correntes da moda até há pouco tempo. Se por um lado parece provir da praxis e do concretismo, por outro mergulha também na palavra, uma palavra pegada de modo novo e quase não-vocabular. A sintaxe passou, nos versos de AM, por uma transformação, fugiu da prisão a que a submetem os gramáticos, embarafusta-se pelas palavras em busca de uma saída. Acho válida sua poesia neste momente de busca geral em que a palavra, tal como usada pelo brasileiro da segunda metade do século XX, quer ser poema. AM faz parte do grupo de poetas que, sem ligações entre si, cada um na sua, selecionei como representantes de uma nova tomada de ar da poesia brasileira: Nauro Machado, Carlos Nejar, Wilson Alvarenga Borges, Gilberto Mendonça Teles, Luís Paiva de Castro, Cid Seixas Fraga Filho, C. Ronald e mais alguns.

Antônio Olinto

* * * *

Trata-se de um estranho laboratório de ritmos, talhado em versos ásperos e primitivos, tentando recompor uma imagem veraz e dramática do homem.

Walmir Ayala

* * * *

Concordo, Adailton, com a sua permanente procura como poeta que exige caminhos novos e não fôrmas e círculos fechados do crê ou morrer. Em *O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves* no campo da semântica e da semiótica há descobertas que, dentro do livro, são pontos de impacto lembrando meteoritos ("Gelo", por ex., p. 68).

"Canção do Neutro": "pousa mari pousa/no mar da mão/voz de violão" tem subplanos de luz oblíqua. *O Sol Fala aos Sete Reis* "tem foguetes de freio" que você, poeta, maneja com perícia; inclusive quando apanha com mão destra o linossigno.

Cassiano Ricardo

* * * *

Sua poesia é desintegração e procura. Você está na vanguarda da poesia, com esta sua corajosa pesquisa. Continue a sua busca do formalmente poético. Não se canse nunca da sua nobre condição de Poeta. O grande tema de sua poesia é e há de ser sempre a condição humana e seus conflitos.

Antonio Carlos Villaça

* * * *

Estimado Adailton Medeiros, venho lendo a sua poesia com muito interesse. Atraem-me não somente o pesquisar da linguagem, mas especialmente certos túneis escuros de onde assomam graves acusações. A poesia maldita é cada dia mais necessária.

Nélida Piñon

* * * *

Conhecendo, contudo, o perigo da sua própria marginalização poética, por haver ido além do fácil entendimento, Adailton, que pretende ser uma testemunha do fazer comunitário, não se arreceia de tentar paradoxalmente esse perigoso lance de dados que, como o sabia Mallarmé, nunca abolirá o acaso.

Nauro Machado

* * * *

Voltando do Festival de Inverno de Ouro Preto, onde Affonso dirigiu o Curso de Literatura, encontramos aqui o seu livro, O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves – resultado de sua "angústia em busca duma linguagem". Angústia que é a de todo poeta, na perplexidade de agora e de sempre em torno de uma escritura poética. Creio que a sua encontra – se não uma saída definitiva (e há?) – ao menos um caminho válido, de opção pelo difícil, pelo áspero, pela autonomia da palavra como fato, ela mesma. Cumprimento-o com alegria por essa opção e estimulo-o, se posso, a continuar pela via da pesquisa, da experimentação, um trabalho que me parece dos melhores que ultimamente apareceram.

Laís Corrêa de Araújo

* * * *

Dos jovens poetas ultimamente editados é, sem nenhuma dúvida, o que possui mais força. Seu livro é de uma incrível unidade, nem mesmo quebrada pelas soluções à PRAXIS ou pela "contaminação concreta". Uma obra segura de um poeta que não faz o inventário dos que o precederam, mas que se envolve com a sua própria obra, criando-a a cada passo e transformando-se numa grata revelação – uma obra bem viva no nosso vastíssimo cemitério da poesia.

Aguinaldo Silva

* * * *

Poesias nutridas de cheiro da terra, da angústia do sexo, das paisagens do nascimento e da vida, do suor dos simples e desamparados, do homem e do inumano – enfim uma visão exultante do mundo, constituída de impactos sensoriais. Mundo complexo o do poeta, pois se integra de uma série de preocupações filosóficas e sociais. Poesia frenética e profunda, rica de energia selvagem, de base cósmica. Mais do que tanto, a posição mental de Adailton Medeiros: o poeta está fundamentalmente situado num meio que o explica e por ele é explicado.

Assim, é responsável espiritual pelas suas atitudes relativas à coletividade, cujos sofrimentos registra e deles comparte. Novos horizontes se abrem, com o livro, para a poesia nacional.

A. Tito Filho

* * * *

Não é o caso de antecipar ou analisar o conteúdo de *O Sol das Aves*. Na sua diversidade formal, o livro como um todo resiste a qualquer síntese. São mais de dez anos de poesia contínua, dois novos livros à espera da letra de fôrma. É uma nova geração de poetas que deseja abrir caminho na selva do consumo padronizado, e entre eles Adailton Medeiros é um dos que mais se afirmam por sua consciência formal e sua autenticidade.

Fausto Cunha

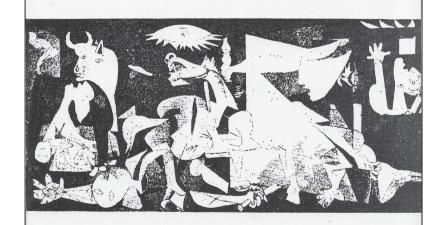
* * * *

Há em *O sol das Aves* uma unidade interior muito grande, consciência e coerência do poeta consigo mesmo até na escolha das epígrafes. "Homem sem vitória" é o grito de afirmação do homem hoje, acuado. Um canto um tanto ou quanto *underground*. Autobiografia, ânsia mística, desencontro, ou o encontro. A obsessão vocabular de Adailton Medeiros sufoca o seu lirismo. Logo que este aflora é domado pela palavra áspera. Assim como Stravinsky conseguiu nas suas pesquisas a harmonia da dissonância, o nosso poeta busca captar um grande ritmo dissonante e também consegue. Para concluir, é bom que se diga que esse poeta faz parte daquela fauna maravilhosa dos malditos (Baudelaire, Rimbaud, Whitman, Sousândrade etc.) que nem sempre o próprio tempo consegue revelar e aceitar inteiramente.

Carlos Alberto Miranda

* * * *

ADAILTON MEDEIROS

REVOLTOSO
RIBAMAR PALMEIRA

MATACAVALOS

REVOLTOSO

RIBAMAR PALMEIRA
[1978]

A veces los espíritus más enérgicos, más fuertes, están recubiertos de timidez.

– AZORIN

As narrativas (1967) apresentadas aí adiante, descosidas, flácidas; língua não muito consistente; linguagem as mais das vezes amparada por muletas quebradiças e usadas sem engenho e arte; são dedicadas aos que morreram, aos que morrem e aos que morrerão por amor às **leis das aves**: canto e voo livres.

São Luís Rebelada

Mudo, antes o tiroteio comeu alto, roçou de ponta a ponta: a lei falou sua fala. Sim, a fala-força dos fuzis, das balas, não belas, amarelas. Bolos de mortos. Para se ir à morte não é preciso passaporte. Um quieto domina a Praça Dom Pedro II. Gente morrida matada, corpos sangrando, lares sem pais, filhos, tudo, a prostituição. As gentes estavam rebeladas: a corrupção, as velhas estruturas, o caciquismo e o sindicato da fraude. Universidade da fraude (A mão maquiavélica de Vitorino. "Uma porca será eleita, até pro Senado, se ele desejar" – diziam) assim chamaram.

– Escuta esta, fala baixo, dizem que foi muita gente enterrada viva, só com a perna quebrada, por exemplo, mas era ordem superior. Moradores dali de junto do São Pantaleão contam que ouviam os gemidos, os apelos.

Naquela noite, sábado, agosto de 1949, uma vez mais, o trem chega atrasado. A impressão do homem que veio do interior é de que ele ia parar dentro do mar. Cheio de maresia, de mangue. Pisou terras da ilha de São Luís, desarvorado, tonto do sacolejo do trem, Riba.

Se fosse morar em algum hotel teria deixado lá sua ficha: José de Ribamar Palmeira, brasileiro, maior, natural deste Estado, casado no padre e no civil com dona Maria das Chagas Campos Palmeira, pai de cinco filhos: Antonio, Cândida, Maria dos Anjos (morta), Joaquim e José de Ribamar (Ribinha), filho de Antonio Joaquim Palmeira e dona Severa Ramos Palmeira, lavrador, nascido no dia primeiro de maio de 1914.

Não, não foi assim. Riba pobre, que sabia ler e escrever, foi ficar hospedado no João Paulo, na casa de um conhecido que o convidara.

– Riba, meu compadre, vem pra cá, deixa a família aí, depois, quando as coisas se ajeitarem, manda vir.

Homem barbado chorando.

Saudades de Das-Chagas, dos meninos, dos pais, dos amigos, do Lago-dos-Bois onde nasceu, do Buriti-Cortado onde conheceu a primeira mulher, da Mata-Virgem onde deixou sua gente, de Caxias onde pegou o trem.

Nos primeiros dias de Capital trabalhou de vender, nas ruas, xamató que ele conhecia pelo nome de tamanco. Vara no ombro: um bocado na frente outro atrás pendurados. Depois apanhou sururu na lama, papa-merda, detrás do cemitério. Esgotos despejando sujeiras. Maré baixa. Caranguejos. Pensamentos, reinações, cismas. Lia os jornais, quando tinha tempo não deixava de ir à Biblioteca Pública ver rever poetas, escritores, jornalistas, políticos, santos, canalhas.

– Um dia desses vou te apresentar pra Dra. Maria José Aragão, não conta pra ninguém não. Ela é líder no Partido e dona da *Tribuna*. Vai te dar mais luzes, acho, emprestar livros, e até remédios pode arranjar para o pessoal de Mata-Virgem. Muita gente daqui da Estrada, eles vão nessas reuniões. Mas cuidado com os entreguistas, acrescenta Benedito Ferroviário.

Quase dois anos mais tarde, São Luís pegou fogo, o Estado ficou quente. Primeira quinzena de março de 1951. Eugênio, o governador, tomara posse sem eleições complementares. A ilha toda era oposição. Revolta. Tensão. Cabras. Jagunços. De hora a hora o povo estava mais decidido: morrer mas não deixar o homem nos Leões. Todos eram leões com um só fim: derrubá-lo, devorá-lo.

A massa enfurecida desafia a morte, vai pra rua bater-se com as tropas. O pau comeu, sangue correu. Sangue de lama, de limo e lodo; sustança dos sururus cozidos e ensopados de camarões. Sangue coalhado, cachorros bebem, bala berrando, metralha malha: (um imenso grito por trás) Riba rolou.

Os cadáveres amontoados nas camionetas da polícia. São Pantaleão os espera, lá no fundo, cova rasa, casa para mais de um. Do outro lado, muro além, o fedor dos mangues, e os catadores de siris, como ele nos primeiros dias. Vão, corpos sobre corpos, cara nas virilhas, numa promiscuidade de morrer.

Então, o caboclo de 37 anos incompletos, nascido no Lago-dos--Bois, antigo Quero-Ver, mergulha numa bola violeta-alaranjada, um

frio verde-vertigem o embrulha total. Tu, Riba matado, Riba vivendo, Riba a falar. Ninguém procura quem é este, quem foi, que fez, e que aqui veio fazer. Onde mora, se tem mulher e filhos. Se foi um lutador.

– Fala, menino, falando uma fala de sons inaudíveis, passados longe, baladeira na mão, pombas nas capoeiras, por entre cuncas e pindobas do babaçu.

Uma camioneta em velocidade, rota de rua, andou perto de derrapar numa esquina.

Nossos Filhos Morrem

Caixãozinho de talo do buriti, coberto de papel-crepom branco e azul-claro, Maria dos Anjos ia para o Céu.

Minha pobre pequenina filhinha, morta, nunca mais vou te ver. Nunca mais Das-Chagas vamos ver nossa Maria. Branca ficando verde, testa azulada, escuros envolvendo os olhos, em derredor, redondando, deixando fundos, unhas roxas sobre o peito: cruzadas as mãos.

– Este interior é uma miséria da desgraça, é o fim do mundo, desse mundo sem fim, minha gente. Meu Deus, como tenho dúvidas, porque não aparece um Homem, só aparecem por aqui uns sacanas--cretinos. Dos-Anjos morreu, à míngua, de entrosada e diarreia, como a maioria dessas crianças daqui desses nortes.

Pitombeira frondosa, sombra grande achatando o chão, cruzes de pau e outras de ferro. O morro de barro vermelho do lado de lá, o babaçu de palhas-verdes-grandes se mexendo, o mato subindo morro acima. Um corte no tempo, uma nova paisagem: dor, choro, reza. Os outros meninos andando em volta cantam uma cirandinha. As pessoas grandes cantam, também, a ladainha do ABC para que o anjinho venha trazer vida e inteligência para os que estão ficando:

"A – Ave Maria
B – Bondosa e bela
C – Coro de anjo
D – Divina estela
E – É uma esperança
F – Fonte da flor
G – Gemido grande
H – Hóstia de amor
I – Igreja Santa

J – Jóia mimosa
L – Lírio branco
M – Mãe formosa
N – Nosso Senhor
O – Oremos aos teus
P – Pedimos preces
Q – Querido Deus
R – Rogai por ela
S – Serva sagrada
T – Terço de frade
U – Unção amada
V – Vale de lágrimas
X – Xadrez de dor
Z – Zelai por todos
quando anjo for."

Dos-Anjos me leva, me leva pra lá! Como me dói os torrões quebrando o caixãozinho, esmagando Dos-Anjos. Minha filha plantada como maniva de mandioca, só que não vai nascer com as chuvas de abril. Vai virar lama preta quieta e liberta.

Nos altares dos céus brilha demais tua lua.

Por que tanto?

Fecha-se a cova, Dos-Anjos minha, nossa filha, a noite alaga o campo de jitiranas sob o voo dos socós e jaçanãs.

Um véu de urubus escurece teu tempo. Enxergo com os olhos de ovelhas, no eclipse, que são fachos de lanternas. Entretanto, quem sabe, o povo não vê o brilho deles.

E Damiana de machadinha ao ombro é o golpe certo no cachaço das crianças. Constantemente, as manchetes:

VAMOS COMBATER A MORTALIDADE INFANTIL,

ou:

MORTALIDADE INFANTIL DESAFIA AS AUTORIDADES.

Mulher cor de porcelana, correndo pelos ventos, os cabelos se balançam, sobre charcos e terras estorricadas, Damiana vai-se.

Escureceu, Das-Chagas, vamos deixar Dos-Anjos com eles, plantada no chão da pitombeira. O turvo caminha cobrindo os planos, as pedras, as cruzes, ignorante do claro das velas, e das rezas das velhas.

Na visita de sete dias vou trazer uma cantoria do Divino-Aparecido, com caixas e tudo, a fim de rasgar o eclipse e Deus ouvir a desgraça. Quando o gado vai urrar e cavar nas sepulturas é porque os que ali dormem já estão no Céu. Três dias depois, o gado esbarreirou a cova de Dos-Anjos. Nossa filha está no Céu, escuta Das-Chagas. Uma dúvida mais grande me segue perseguindo.

Braços fortes sobem e descem: os coveiros. Só se vê os braços e os enxadecos cavando a cova: barro vermelho amontoados dos lados.

As mulheres, umas prenhas, se arrastam pelos caminhos, cansadas, levam a semente do homem, plantada no ventre, coxas com coxas, planta para não vingar. Falta de adubo. Como em ti, Das-Chagas, plantei, meu facão-grande, na terra rija. As outras, as velhas, rezam, carregando as peles e o tempo de sofrer. Cabelos brancos, bocas sem dentes, cachimbo de barro. Na fonte, o barulho da lava das roupas.

Ouço os cantadores do Divino, as caixas, para que esses todos saibam, subindo os sons até nas nuvens, que está se morrendo.

É preciso alguém caminhar o chão de Norte ao Sul, e vice-e-versa, misturar terra-sangue-gritos. Cortar a safadeza, machado degolando galhos.

O sol invadindo os quartos cobertos e cheios de turvos. Cabeças, longe dos corpos, carregando o fardo. Furacões de flores chegam trazendo, aos ombros, os cadáveres dos heróis. Trazer de onde? Das suas entranhas. Corpos sem cabeças reclamam-nas, nas porteiras das capoeiras. E a Mata-Virgem geme de medo, antes que o clarão aparecer.

– Já vou, Dos-Anjos, a verdadeira vem, tarda mas se chega, ouviu filha.

Casamento e Viagem

O ENXOVAL FEITO EM POUCOS DIAS. Maria das Chagas sua mãe e irmãs, elas mesmas, fizeram: alguns vestidos, anáguas e combinações. Máquina de mão, algodão e cretone.

– Vim pedir a mão de Das-Chagas.

Todos quiseram. Casamento feliz. Cavalos selados. A igreja na cidade cheia de anjos pendurados. Festa bonita, mesa também: leitoa assada, os noivos na cabeceira. Eu e Das-Chagas. Sempre se espera que as coisas vão melhorar. Onze meses depois nasceu Antonio. Depois vieram mais, com diferença de ano e tanto de um para o outro.

– Riba, nasceu, é homem a criança!

Os tiros para ser macho forte. A redondeza toda responde. Espingarda enche o baixão de estrondo. O mijo do menino, cachaça forte de cair. Derrubar homem, no oitão, do lado de fora. Fosse mulher era bom se dar tiquira. E que fosse, também, boa e enxuta como a mandioca que deu a bebida. Mulher tem que ser séria como uma freira de pedra, senão os filhos dão com os burros nágua: marginais, viados e putas acabarão, quase sempre. O pai devasso não conta muito, mas ser filho da puta faz qualquer um mijar fora do caco.

Meu filho, Antonio, tem que aprender muito para saber onde botar as ventas e não ser enganado. Vai para a cidade estudar no Grupo, Ginásio, Colégio até ser Doutor. Quero que ele seja político de combate, para mudar esses espaços. Li, faz algum tempo, um livro de dona Branca Fialho, livro que me emprestaram para se ler escondido. Gostei do que ela conta. Um dia, quando morar numa cidade, como pelejo, vou me aprofundar na coisa.

Mata-Virgem vai me perder, talvez, para o bem dessas gentes. Lavradores sem terras, embora tenham doenças: sezão, barriga-d'água, lombrigas. É preciso um sindicato como o dos operários lá das fábricas já têm.

Momentos bons e ruins, Mata-Virgem tem no alto o azul alagando suas terras sem água: o rebentão. Sol de cheiro de fogo cobre as copas que existem. Uma fera grunhe, um canto de fel levantando como luz. A terra está seca, sei que a secura não é o principal problema daqui, mas falo das marcas das feridas das lagoas secadas, barro esbranquiçado rachado, beiços grossos, ver calcanhares de gentes sem Homem e sem Deus.

Todavia, Mata-Virgem sonha. Sonho maior, eu, seu filho Riba, com fábricas, livros, mudanças. Casa velha se desmoronando, telhas velhas e lodosas escorregam, paredes descendo se amontoando no chão, lentas, igual a velha que desmaiou e, aos poucos, cai ao seu pé, antigamente.

Cascas de cal estalam e saltam. A nudez expõe o corpo: ventre magro, vendo-se as costelas. Um facão dependurado num chifre que serve de cabide, facão cortador, abridor de veredas, cipó de mucunã, fedegoso fechado, molhos de touceiras de mofumbos.

No outro quarto, no canto, tamborete deitado carrega uma mala de couro preto, de pregaria. Dentro o terno de brim comprado de segunda mão, para o casamento. O primeiro dono também se casou com ele, depois me vendeu, embora digam que faz mal se vender a roupa que a gente casa. Não vendo ele nunca, é para meus filhos saberem o começo.

Esteios para dentro e para fora, como dentaduras de cavalos velhos. Não é bem nossa casa, atualmente. É, sim, um casarão no Lago-dos-Bois, a cerca-de-faxina, as laranjeiras e bananeiras deixadas. Alguém ficou com aquilo. Os capangas chegaram dando tiros, podia ser um deles, "Os Souzas" ou "Os Constanças", e a carreira em desabalada, rumo da Quinta, mato-dentro, uma família toda. Nem é bom a gente se lembrar dessa aflição.

Cândida corpinho magro, nua, pelo terreiro, o cheiro das maçarandubas, as bostas das cabras, das vacas e dos jegues, canta e ninguém entende, mas amamos. Antonio também delgado, já bem duro, não canta, corre, trepa nos angicos e olha de cima, vai ver do alto. A nudez de Cândida enche o terreiro, o canto amansa as cabras e abre os olhos do pai para a consciência.

As seis horas da manhã, Dos-Anjos partia de casa, o quarto inteiro está cheio de fricção de alho e coronha. Do quintal, entre pimenteiras e taiobas, chega o canto do galo. Deitado na rede de listras, penso na carta. É a oportunidade. Será que vai dar certo, quando nada tenho a hospedagem. Acho que devo ir logo. Na Capital até que posso, ainda, estudar. Os meninos, ah os meninos, podem chegar a Doutor.

A mulher, Das-Chagas, dorme sono solto. É de madrugada, me apaga o fogo nas tuas águas. Meu balde traz elas do fundo do poço. Há um rumor de boto desabrochando, para amar sua fêmea, o pendão-flor.

Pelo terreiro, as escaramuças dos bodes, o berro dos bezerros e o relincho dos jumentos, das vizinhanças. O dia é perto de amanhecer. A cabaça para buscar água, na cacimba. O pilão para esbrugar o milho e as mãos, no se fazer o pão.

Sempre um dia depois do outro.

– Isto consola?

Das outras casas, os gritos. Pelos caminhos vão e vêm os trabalhadores. Nós, pelos caminhos. Eu José de Ribamar, cabra forte, monto no meu cavalo, e sigo para Caxias pegar o trem. Cascos do cavalo chiam na piçarra da estrada, uma vontade de voltar, uma vontade de vencer.

– Até a volta, Das-Chagas, quando eu vier buscar vocês, se lá não me matarem, ou então eu morrer.

Primeira Mulher, Rosa

Chego ao meio-dia no Buriti-Cortado: um lugarejo bem melhorado. A gandaia aí é bem boa. Mulheres bonitas. Tinha feito a barba pela primeira vez. Queria deixar o prazer-em-mim, nas bestas, e provar as mulheres da vida, para depois continuar, pegar mulas e esquentamentos, ser homem mesmo. Como era bonito um rapaz caxingando da perna, rosto desfigurado, meio barbado, e o cochicho da vizinhança: – ele tá doente de doença-do-mundo, andar com essas quengas, sem--vergonhas, é o que dá depois.

Me dava inveja disto.

Um gato na janela, dezoito anos mais ou menos, rosa no cabelo, batom nos beiços grossos da morena. Primeiro negou seu nome. No fim disse chamar-se Rosa. Rosa puta, filha de puta, que vai ser mãe de puta se outro dia não chegar.

Por que a continuidade familiar no ofício? É o mais fácil de aprender, nem precisa ensinar, e é, por cima, o mais antigo de todos. Isso é um velho lugar comum, mas que outra forma? Que jeito para viver, se não tem o que comer nem onde morrer. Um rosário de putas, em verdade talvez, quem pode saber, mesmo mais puras, pois tanto é prazer e renúncia. A sociedade debulha os rosários, como bagas da Ave-Maria, perdão se mal comparo, para manter o contexto usando sempre o pretexto que oração é subversão.

Rosa me deu o primeiro gozo não-individual, solitário, é bonita, ninguém igual a você dentro da mala da memória. Nascida do ventre podre da mãe do mesmo mal. Criança maltratada, pela fome e na doença, tem a marca deixada do sezão e da catapora. Tira fora o vestido. Hoje, a pele é macia para o ofício de amar. De filha a filha até o mundo acabar? A mãe fica prenha, a filha já começa a sofrer, a diária violação pré-natal pelos diversos machos, varas a futucar sua formação. Depois do nascer é muito pior. Piorando de aumentar.

– Nasci às pressas, minha mãe quase morre, esteve na festa, a parteira medonha lhe quebra o corpo novinho, que um mês passado ela morreu.

Menina sem mãe fica rolando, aos trancos e barrancos, faltam-lhe alimentos e afetos. Cresce no limo da cozinha de alguém, resiste ao sol e à chuva para vender o corpo são. Mas a sombra de seu ser é um círculo vicioso. Pois tendo sido nada no passado, continua nada agora e no futuro. Para a metafísica um nada é tudo, para a realidade concreta um nada é nada, embora já o fora computado para trás, objetivamente.

Infância dura é o fardo que carrega e a fragilidade do corpo que amadurece. Vê os peitos que apontam e os pelos na virilha: a presença da mulher. Sangue lava-lhe as coxas, novo mundo que se abre.

Estrebuchando ver as jumentas se coiceando no lote, aperta o homem, lambe-me o corpo, vou deixando. Quero aprender a competência das mulheres, possibilidades e cômodos, para poder redear as faces e manhas da vida. Éramos bichos se comendo, cara de raiva, beiço mordido. Entretanto o belo dos olhos revirando, o gemido, o coração a saltar, aquele encolher-se para maior penetração e completo gozar, a gargalhada obscena como quem voltava da morte. Depois flutuar como bolhas sobre as águas da lagoa. Lembro-me da lagoa do Sucuruiú.

Tento entender as coisas da natureza. Um olhando para o outro. A mulher, Rosa, debruçada sobre os joelhos. Penso no mundo, na vida. Será que as pessoas trepam só pelo gozo ou para continuarem, ou por amarem a beleza, os rebentos? Acho que todos trepam para gozarem, simplesmente, sem preocupações de darem a vida. Por isso é que o jovem foge aos mais velhos, forma de amaldiçoar quem o fez. O cheiro de óleo. O medo de ser traído quando casar. Ser um chifrudo. O riacho. As águas deram nos nossos peitos: nus os corpos se mergulham. Lavados, andamos sem sentido, queríamos nos entender. Mas ninguém se entende, dizem tanto isto, como os pratos enfileirados, após o almoço, na prateleira da velha casa entre bananeiras cercadas de pau-a-pique.

Sem a certeza da aula e o possível da congestão, fico como a mangueira grande, no barranco da estrada, preste da grande queda a entulhar o meu seguir.

De novo, cavalo selado, rumo daquele princípio. Os espaços já conhecidos. Os mesmos bois sumindo no tédio dos mercados.

Espiar o corpo com vontade de achar diferenças. Olhando a virilha no espelho, vendo se o pau tinha crescido mais e engrossado, ou alguma marca de violência. Os nervos retesados debilitando este todo.

– Como é bom, Rosa, rosinha, rosita, meu amor, me acocha apertando, me morde bem aqui e mais ali.

Boi Como Pretexto

Havia ainda entre as trempes um foguinho. Acendo o cigarro devagar para não acordar os velhos. Pés sujos, cansado, goela seca de cantar. Boto o maracá na tábua enfiada na parede. Desde menino queria vadiar no boi.

Chegou meu tempo. Alegria de rapaz querendo tomar vento no lombo. O meio a informar. Coisa pouca. O dono da terra botando a gente no corte do arroz. Este ano a colheita se atrasou, foi causa da chuva. A gente cortando também o da gente.

Atender a tudo é ruim, dá raiva, mas que remédio?

Os agregados dele, além de trabalharem para ele, são sujeitos na venda e compra: tudo no seu comércio. Sempre se fica devendo. Há homens que lá nasceram devendo e lá vão morrer e ser enterrados devendo. Quando alguém rouba coco, ou outro trem, e vende fora, o castigo é medonho. Muitas vezes acontecem até mortes, quando não, como quase sempre, os capangas despejam, dão uma pisa de pé no pescoço e tocam fogo na casa.

Chapéu enfeitado de fitas, espelhos de todos os lados, calça vermelha, blusa amarela e verde, maracá de lata azul.

Saio para a festa do boi com a alegria no corpo, vontade de correr, pular, brigar, cortar corpo de macho, cabra safado, gente malvada. Facão descendo, gado caindo, couro espichado no galho da canafístula. Chifre tinindo na luta dura. Dois garrotes ciscando o chão que é de ninguém. Chão feito para o homem de Deus, homem que quer trabalhar, molhar de suor a terra sua. Levando na goela o canto que é seco e grito bom forte, também no miolo o verso que é estória do boi e destino, tudo parecido com a gente.

Garrote preto lavrado de branco, galhas finas, touro dobrado. Joca virando mulher: sendo a Catirina. Boi ferrado, boi amansado,

tangido para o mourão. Sola curtida, rostos de tamboretes, sapatos que engolem pés, chicotes para se bater. Chifre cabo de faca, carne no gancho de ferro.

Poeira levantando, lua esfriando o tempo e a lamparina ajudando alumiar. Muita gente ver o boi vadiar. Elas estão ali: Benedita, Maria, Josefa, Preá e Rosa. Os olhos nas roupas bonitas. Se perguntam: – Quem dança melhor e quem canta mais bonito?

Sentado na janela, Dozinho, filho do patrão, rapaz feito, outro dia era menino quando foi estudar na cidade, agora chegou diferente. Faz uns quatro ou cinco dias que ele pegando na fivela do meu cinturão escorregou os dedos entre o cós da calça e eu. Coçou meu umbigo. Disse que sou bonito. Me desculpei.

E o canto que sacode por dentro. Louvação aos donos do lugar, às moças, velhas e velhos, meninada, senhoras e homens. Cantar de aliviar a raiva, esmagar a humilhação, vontade de tudo virar. Estórias inventadas de rei. Para que rei se rei não existe. De mulher largando o marido pelo dono do boi. Quem foi o que disse que dono de boi é mais macho?

Boi preto vai morrer, é hora de tirar a língua. É tempo de se arribar, é hora de se aboiar o aboio de levantar:

"Te levanta boi valente
Veludo da cor da noite
pega a vara Ribamar
tange o boi pelo açoite

Boi valente é o Veludo
veio das banda de Rosário
Ribamar arranca a faca
não corra igual o Mário

Este boi muito valente
veio fazer a revolução
não deixar pedra com pedra
e levantar o pó do chão

Veludo da cor da noite
vai s'embora pro sertão
pega a vara Ribamar
e não deixa um só ladrão."

A vadiação me dá a sensação de ser livre. De um fôlego só chego até a areia, para lá da estrada que vai dar na ponta-d'água, nas várzeas do não chegar. Sinto as pernas dormentes do esforço e a zoeira dos outros indo longe, já meio de dia, com o boi para dormir. Quem pode imaginar que eu, metade morto de cansado, nesta posição, de cócoras na própria sombra, gostaria de dizer coisas sérias, só sabidas com muito aprender, porém não aprendi ainda. Adivinho ter outro mundo pelas cidades grandes.

Aqui só sei o que existe aqui: a festa do boi, por exemplo. O sol, o fogo, a foda, a dor, a perseguição, a miséria. Agora mesmo era escuro e vai ficando claro. Em casa, os velhos dormem, ignorantes como nós, nem percebem o dia amanhecer. Quatro urubus, asas abertas, o abraço é um pedido diante da natureza, esperam o sol que vem vindo. De pé espreguiço-me e vou. Tenho vergonha, não de chegar atrasado pois nos dias anteriores sempre cheguei cedo, mas de ninguém pensar assim.

Mesmo se gritando nem sempre o boi se levanta. Quando isso acontece tem que se pegar a vara e partir para o bicho. Se todos pensassem assim era bom. O Mário da cantiga existe de fato mas é frouxo. Mole por dentro, mole por fora. Correu do boi, teve medo de enfrentá-lo.

Vou para a cidade, para depois voltar, aprender encarar os bichos maiores que o boi é fácil. Embora muito valente, brigador, capaz de abalar seu pasto, virar a terra pelo avesso, entornar os potes, andar pelo mato-dentro e saber que os ladrões vão ter seu dia de ajustar contas, é boi.

Tenho a exata consciência que sou uma coisa, uma peça, posta neste lugar. Entretanto não consigo estar satisfeito pelo simples fato de estar neste lugar, assim parado, como se outro lugar não há do lado de lá daquele morro.

Uma Festa Linda

Nenhuma pessoa me viu. Bati palmas e Olália veio, da cozinha, ver quem era. Tínhamos ficado noivos um mês atrás.

– O pessoal, agorinha, estava dizendo: Riba não vem.

– Mas eu disse que vinha, e quando digo pode chover canivetes. Eu vou.

– É Riba, mas o tempo está feio, muito enfarruscado.

Seu Pedro, o futuro sogro, tirou os arreios e botou num cavalete. O cavalo, levou para o quintal.

– Senta na cadeira preguiçosa, rapaz. A viagem de cavalo é muito cansativa. Descansa um pouco para depois jantar.

– Primeiramente, me dá um bocado d'água que estou morrendo de secura.

– Quem é aquela moça, Olália, cangulando o quibano?

– É minha prima, Maria das Chagas, que veio para ir também na festa.

Deito-me na preguiçosa, fecho os olhos, enquanto ela foi buscar a água. Esta é muito mais bonita, mesmo noivo vou dançar com ela. É sobrinha da casa, não vão ajuizar nada. Entrar nos meus pensamentos. O diabo é que Olália já olhou de viés quando perguntei quem é ela.

– Olha o copo, Riba.

– Ah aguinha fria, obrigado minha santa.

– O que é que estava pensando quando cheguei, e batia os beiços?

– Nada não.

Altura média, cor rosada, Maria das Chagas, cintura fina, cabelos dando nas costas, quadris largos, pernas roliças, peitos de pé, sacode o corpo todo no balanço do quibano. Deixa o cuim do arroz cair na gamela.

– Riba, a janta está na mesa, vem logo.

A noiva se sentou ao meu lado, batendo com o cotovelo nas minhas costelas.

– Das-Chagas este é meu noivo, você não conhecia. Fala Olália, sem fitar a prima.

– Muito prazer! – dissemos ao mesmo tempo.

A prima se senta de frente para mim. Nos olhamos rápido, algumas vezes, para ninguém desconfiar.

– Quase eu não vinha nesta festa, mas dei a palavra, e quando dou cumpro.

– Se o tocador é um que vi tocar no Riacho-Seco é muito bom. Fala Das-Chagas.

Todos jantados, nos preparamos e fomos para a casa da festa. Casarão sem nenhum quarto, salãozão para se dançar. Botequim na biqueira, entre a casa e a latada. Nesta dançavam os pretos, as mulheres da vida e os rapazes que queriam aproveitar. Cadeiras e bancos ao pé das paredes. Os tocadores no canto do salão. No casarão só podiam ficar as famílias bem consideradas.

Olália vestia um vestido encarnado e Das-Chagas um azul-marinho com uma rosa vermelha no peito. As três primeiras partes dancei com minha noiva que, por sinal, não dançava lá essas coisas, só sabendo um pouco no arrastado.

– Olha, minha santa, eu vou tirar a prima que até agora não saiu da cadeira.

Das-Chagas pé de vento, leve que nem uma pena, foi uma beleza a parte em que dançamos.

– Gostei de você, logo na primeira vista, disse para Das-Chagas.

– Não quero saber disso, você é o noivo da prima.

– Sim, mas desconfiava que não gosto muito dela. É de outra pessoa que ia gostar, sem saber de quem era. Agora descobri, vou gostar demais de você.

– Já disse que não quero, e não vou mais dançar.

O baile estava animado. Era uma festa linda. Muita gente bebendo, violão, pífaro, caixa e a voz bonita do Antonio Borges:

"Quando vim de lá de casa
deixei dito pra Chiquinha

que esta semana não voltava
que esta semana era minha."

Duas moças. O incômodo noivado, o parentesco. E a cara de seu Pedro. Desavença em família é a pior coisa, talvez isso não seja para sempre. Mas de quem gostei mesmo até hoje, nestes 23 anos, é de Das-Chagas. Por que logo ela foi ser prima de minha noiva Olália. Por que, tão novo, fui ficar noivo assim, sem boa experiência?

Andando pelo salão, faceira, sabendo que eu estava doido por ela. E ela também, tenho plena certeza, por mim. Bonita, apetitosa, deixa apaixonado até o tocador que logo canta uma loa:

"Oh que rosa tão bonita
no peito duma donzela
mais bonito é o Antonio Borges
deitado no colo dela."

Fiquei tiririca da vida. O sangue fugiu, desceu e subiu. Vontade de brigar com o tocador, acabar com a festa alheia.

– Olha Borges, respeita a moça da rosa, disfarça e louva outras. Senão vamos brigar aqui, pois já estou danado de raiva, enfezado mesmo.

Antonio Borges que não era de briga, era como passarinho e só gostava de cantar, não deu crença naquilo e fez suas cantigas de improviso com os nomes de outras moças, inclusive Olália, que nem me importei:

"Menina quando eu morrer
me enterre demanhãzinha
com o choro da Olália
nos braços da Nenenzinha.

Quero ir pro cemitério
numa rede de varanda
com a Maria na cabeça
e Benedita numa banda.

Essas moças do Baú
nunca viram tocador
arrodeiam Antonio Borges
como santo no andor."

– Das-Chagas, vamos dançar.

– Não, estou com muita dor de cabeça. Vai Olália com teu noivo.

Ela não quis ir, amuada resmungou: – Vai prima, vai que eu não vou.

Só depois de tanto insistir, a donzela da rosa no peito resolveu vir.

– Como é, é dor de cabeça de verdade?

– Não, é invenção que tive.

Então Antonio Borges, como que para se desculpar e ficar tudo de bem, faz para nós, cara com cara, uma louvação, cantando os versos de tia Olívia Rodrigues. Apelo bonito que acho:

"Se o galo preto soubesse
quanto custa um bem-querer
não cantava de madrugada
para o dia amanhecer."

Com a barra do dia a festa acabou. Para casa, uns tristes, outros alegres por dentro e pensando no que ia fazer. Gente bêbada, pé dentro pé fora, pelo caminho. Os casos. Cada um toma seu rumo. Depois a decisão.

Datada de Mata-Virgem, envio carta desmanchando meu noivado com Olália.

Cachorro Cor Azul

– Vocês viram o cachorro da vizinha?

– Não, nenhuma de nós queremos ver o cachorro!

– A vizinha banhou o cachorro de anil.

As mulheres conversavam no tanque público.

– Ele, o De-Neve, parecia um carneirinho.

Ontem e hoje me levam até amanhã que é o produto deles mesmos. É o sumo. Os detritos ficaram no coador. Eles, como o cachorro, não voltam ao que eram, embora o cachorro venha a perder o pelo.

– Alguns dias para cá, noto que alguma coisa se passa comigo. O pensamento confuso. Vou anotando o que penso e vejo que nessas redondezas ninguém pensa como eu, no bairro.

– Será loucura? – A verdade, Riba, é que leio muitos livros, principalmente filosofia.

– Velho Zeca, nunca li sério nada de filosofia, gostaria de ler, com sua ajuda.

– Deixa ver que eu vou te emprestar uns.

Já é noite na Camboa, na ilha, no mar. Os livros, que o velho Zeca me emprestou, me deixaram aclarado. Talvez místico e ideólogo, com o sentimento da intemporalidade. Um ser adquirindo consciência para uma luta corredeira como rio. A memória está cheia de pensamentos horrorosos e outros belos. Ouço o barulho de sapatos no assoalho, re-sons nas telhas que não possuo cobrindo a casa que todos vamos morar.

As portas se abrem para um campo deserto onde homens trabalham em coletivo. Desse jeito se abrem, em mim, as portas da percepção. Todavia, para quem vai ficar o produto do trabalho coletivo dos homens, na casa?

Continua a zoeira, agora, na igreja muito fechada.

Caminho, caminho para lá, caminhando pelo caminho.

– Vamos, anda, diz alguém que não vejo no escuro. A dúvida, a bondade são dotes que te livram do ateísmo. Ateu mesmo, quem sabe, e não se prova, ou se prova, foi o Sade.

– E a sede? Pergunto-lhe.

O campo está para todos. A porta está fechada, mas pode ser aberta. Há vezes que se abre sozinha.

Eles no campo, agora visíveis, trabalhando na terra, dia e noite, quer seja frio ou quente, sem leis de insalubridades, e a mudez das pedras-magmas violando o que resta de pudor e virgindade nos orfanatos.

Exata posição no andar, vamos no escuro das ruas, ombro a ombro, em direção do João Paulo.

O tanque-público, onde as mulheres falam do cachorro cor azul, está perto de secar. Cimento seco, nada de água. Neste momento, ainda, a gente pode olhar as caras no fundo. Problemas, muitos problemas, são descobertos nessa procura das caras. Observar para saber se por enquanto somos gentes. O homem não aguentando o peso da realidade, pois os tempos são Hoje.

– Riba, leia sem atropelo, noto a evolução sua.

– Também a desmemoriação, velho Zeca.

Volto ao campo e eles estão na mesma posição. O produto inexiste, por-momento. Vai vir não muito longe.

– Escuta Riba, não custa e vai ter uma revoluçãozinha.

– A revolução bem poderá consertar isto, velho Zeca, na forma que é é que não melhora nunca.

– É verdade, mas a que me refiro não é bem esta, Riba, refiro-me a uma revoltazinha qualquer que vai acontecer por aqui.

Discute-se até a forma das lutas e das artes.

Nossas caras rígidas, com a marca da lama dos caranguejos, estão trituradas pelo ontem que não volta, e se voltasse de que adiantaria, e pelo reflexo de amanhã no hoje: a utopia do porvir. Caras enchidas de monstros e vagas realidades-conflitadas. Uma indecisão que tira o gosto da vida, mas eu vim para melhorar. Tenho que mandar vir Das-Chagas e os garotos.

Vão até deitar-se no fundo do tanque. Descem demais em profundo, além da solidão.

– A família, velho Zeca, me preocupa. E se eu morrer, se me matarem. Essas coisas são perigosas.

A escuridão no coração. O privar que ela nos obriga. O campo vai ser destruído e o produto do nosso trabalho. Estorricados nesses lugares, os pensamentos. A realidade, só ela, dominará eles. Os tempos de enfeites, latejamentos nas camadas misteriosas, a alma, serão substituídos por novos valores.

O tanque público caminha para ficar seco totalmente. Os rostos desaparecem, em abstenções de querer, metidos no lodo adormecido no fundo.

– Que riso horrível das mulheres se preocupando com um cachorro que era branco e tingiram de anil, hem Riba!

– É isso mesmo. Sempre vai ser assim, o absurdo dominando. As coisas sérias ninguém que saber. A gente é que pode se prejudicar, mas é preciso que alguém se prejudique. Vale a pena alguém se machucar pelos outros?

O assoalho ainda range com os passos. Lado a lado vamos pela porta que se abre para o campo. A produção aumenta. Eles continuam: enxadecos, machados, facões a cortarem.

– Vamos, as mulheres querem levar a sobra da água.

Naquele Tempo Danado

Em janeiro, as chuvas aumentando aqui na ilha, começo de maior lama.

Como empregado da Estrada de Ferro, graças aos amigos de ideias, deixei a lama, melhorei, juntei a família. Contudo me flagelo, os outros, aqueles no campo de lama, catando sururus, caranguejos, sarnambis.

Cofos, mangues. Maré quebrando na beira. De xamatós, velhos tamancos, na lama esmagam o santo: São Luís, Rei de França, Capital do Maranhão. Divina São Luís com seus casarões, azulejos, sacadas de ferro, ladeiras, vielas, ruas de nomes às vezes pitorescos. A Fonte do Ribeirão. Ó terra, ó beleza.

A ponte me liga ao continente onde sofro os terrores do tempo parado demais antes. Hipóteses, sínteses, não resolvem estes problemas, quando nada, agora. Pensamentos e ação reconciliados são uma possibilidade. Mas o impossível ilumina igual o sol no Canal dos Mosquitos.

– O negócio é o momento, nada de passado e futuro, porque eles estão aqui.

No próximo mês, parece que adivinho, as coisas vão ficar pretas. Não podemos aceitar esses resultados. A união de todos é muito importante. Operários, imprensa, clero, militares, grande parte está com a gente. Embora os Poderes do Governo, o cambalacho nos bastidores, a negociata dos eternos partidários dos que estão por cima.

– Fazemos barricadas, comícios, e não vamos deixar o homem tomar posse.

– E se a gente morrer. Eles atiram mesmo, para matar. Como fica a família, quem vai olhar?

Meninos nas ruas sem pai e Estado, com os peitos no vento e os pés na lama. Tábua no ombro, pirulitos de maracujá, o grito enchendo o vazio. Mata-Virgem se perdendo nos ossos e na memória.

Elas, as meninas, vestidas de fino pano, mostrando debaixo a seda brilhante das combinações, as unhas pintadas de duas cores, lábios berrantes, rubros beiços, ressaca nas caras. Nenhum pai, vivo ou morto, gosta de saber de suas filhas perdidas, mulheres da vida.

– É um problema, Riba, mas essa gente vai se levantar. Quer o Antenor no lugar.

Tempo danado, água salobra mornando no tanque. Perdeu-se tudo, até a chave. Saiu da casa, nunca mais voltou.

– Cuidado, tem gente sendo fuzilada.

Perdeu-se tudo. Ninguém pode mais voltar atrás. Carreira nas ruas, o chumbo e os meninos. O pirulito. Tábua furada igual corpo de homem com bala de metralha.

De manhã, faz anos que aquilo aconteceu, José, o Ribinha, sai para o gritar nas ruas. Nem chegou conhecê-lo bem. O bonde o leva ao centro da cidade. A parede inclinada é a dobra da esquina. As letras, no alto, como manchetes: "MERCEARIA SÃO JOSÉ DE RIBAMAR". Será uma homenagem, pensa. Não, tenta raciocinar, pessoa nenhuma conheceu ele, como também não soube que ele morreu.

Cedinho, diariamente, todos saem de casa e vão lutar no campo que tanto preocupou o pai. Levando-o à desgraça. Porto e janela, colmeia subpovo, aqui moram, entra-se: é a sala, desta se passa ao quarto e deste à meiágua e cozinha. Vivem aos montes, na casa caiada de branco em retalhos com barras azuis desbotadas.

– Meu filho! levanta, acorda, está na hora, os outros já foram. Chama Das-Chagas, viúva, que vai resistindo às tentações, ao diário insistir do quitandeiro Chicão.

Ribinha, um menino em constante procura do perdido, na esquina, para ver um enterro de luxo. Correndo entra na igreja próxima. Olhos fitados, quase vidrados, luz esmagando, na imagem do Santo, chora, fala consigo: – Pai! Em que pedaço de chão plantaram, acaso um olho viu, meu pai?

Pesadelo Muito Real

Se foi sonho não sei com certeza, meio acordado, meio dormindo, vi a fina Olália.

– Que é isto Riba, como Olália vinha acertar aqui, se ela nunca saiu de lá.

– É, mas não foi aqui, foi lá, ela se aproximou e me deu uma rosa-vemelha para cheirar.

Cheirei e morri. Foi horroroso me vendo morto, sobre a folha da porta, estirado, velas em derredor, o pessoal falando e rezando. Vestido com o terno do casamento. A ida para o cemitério, era o de Mata-Virgem, numa rede. A carreira e os gritos de "chega irmãos das almas". Ser enterrado vivo, vendo tudo, não podendo falar, que agonia.

No mesmo instante, se misturando as visões, estou a ver as pedras, aquelas, que formam mundo de bichos.

No azul comprido dos olhos, como símbolos, enxadecos caem e espantam galinhas-cocás que entram mato-dentro, pombos brancos nos galhos secos. Vou passando pelos campos de Perizes, no amanhecer do dia, num mar de garças, jaçanãs, socós, inumas, voa. O trem rumando para o sertão, a ilha ficando para trás, quando fui buscar Das-Chagas e os meninos.

– Reza para Nossa Senhora do Desterro desterrar o agouro, diz Das-Chagas, parecendo um tanto preocupado, como que com remorso da prima.

Olália morreu de parto do primeiro filho.

Estou junto da cerca, é boca-da-noite. Alguma pessoa se aproxima, vem do outro lado da Quinta, montada num cavalo ruço. Reconheço de pronto quem é. Não fico com medo porque não me lembro agora se ela tinha morrido. Apeia-se.

– Trouxe para você esta rosa, é cheirosa.

– Obrigado, não quero a rosa.

Olália insiste para que eu fique, ou, ao menos, cheire. Não aceito de jeito nenhum. Mesmo somos intrigados.

– Vai cheirar com gosto ou sem gosto!

– Vamos ver, digo.

Chego para perto dela, agarro-a pelos ombros e tento sacudi-la. Está escorregadia. Desliza-se por entre meus dedos. Faço menção de correr mas não posso. Estou fraco, sem ossos. Saio trôpego, atropelado por ela que me segura pelo braço e pula nos meus cabelos. Vira-me e esfrega a rosa no meu nariz. Cambaleando desço para os pés.

Então, ela foge no cavalo ruço, deixando uma fenda na escuridão.

– Não vai agora, homem, ficar só com o juízo nessa coisa horrível, foi coisa de sonho.

Após o que aconteceu, vocês chegam e me levam morto. Vejo tudo, exato, com pavor: as cenas todas de como se cuida de um defunto.

Enterrado Ainda Vivo

De repente, não demorou coisa alguma, tamanha a correria. São Pantaleão: portão largo, a camioneta entra. Homem sobre homem, na Terra-da-Verdade, é jogado. Uns gemem do baque e do peso dos que caem por cima. Aquele gordo, de calça marrom, botou a comida, vômito mesclado de sangue e verde, arroz e feijão.

Riba, meio-morto, meio-vivo, em estado de choque, balas nas tripas, fezes derramadas, gosto de bosta na boca, testemunha do enterro dos outros, os do campo, das mulheres do tanque-público, e do seu.

– Falar quero, falar não posso. Penso.

A semente, diversa da semente plantada no ventre das mulheres, não vai germinar igual aos cravos, boninas, melindros e gramas, cuidados na parte de cá do cemitério. Eles, os revoltosos, vão ficar na parte de lá, nos fundos, para além do portãozinho, bem de perto do mar, na vala comum, como manda a lei.

Riba a pensar: bem que Das-Chagas me disse: "– Cuidado, tem gente sendo fuzilada." E o sonho não era simples agouro, coisa nenhuma. Era um aviso. A ex-noiva-defunta veio me buscar. Já vou, como disse, faz algum tempo, quando Dos-Anjos partiu.

Como é que podem fazer isto. Em vez de levarem a gente para o hospital, acabam é de matar. Cachorros nojentos, esses vermes, lacaios dementes. "Hoje é meu dia, amanhã será o teu" – versos, talvez sejam, duma musiquinha afloram na lembrança. Meu pessoal nunca vai saber que fim levei, qual o buraco me meti, melhor: vão me meter. Hora chegando, será se vou merecer a glória de acabarem de me matar? Só no pensamento. Ou ser enterrado vivo, terra cobrindo, falta de ar, tentativa de reagir, levantar, correr, gritar, continuar na revolta.

No esforço de procurar a respiração, virar-se, e estourar a borboleta do ouvido, surdez sem tímpanos. Sangue pela boca, ventas, pulmões espocados. Petróleo de sangue, linfa sugada, unhas de hulha no

seu polir, carne apodrecendo, boi no açougue pelo preço da cara, ossos botões brancos, estruturas do povo, da nação, pedras e ferro das nossas jazidas latentes. Roupas rasgadas, fábricas fazem outros tecidos, panos para mortalhas e vestidos-de-noivas que não são nossas.

Os soldados de fuzis em bandoleiras, botas rangendo, pra-lá pra-cá. O fedor dos mortos, o feder dos mangues. Lama do mar, lama de homem. Ratos entre as catacumbas.

Os coveiros, indiferentes, desta vez não pela rotina do serviço, estão vestidos de brim-azul, no entanto, guardam o asco da semelhança.

O monte de enxadecos e pás, para direita e para esquerda, tirando e botando o barro, é o movimentar dos talheres desse banquete que a história não dirá. A história é objetiva, oficial ou contra, e por isso tem pouca, escassa, memória. A ficção, o poema, eles não. São, pelo contrário, a verdade do real, mesmo quando não falam, dizem o tudo pelo avesso, nos claros espaços do não-dito, por tempos do mal-dito.

– O diabo desta revolta veio só trazer trabalho demais pra gente.

Os coveiros confabulam, trabalham, às vezes perdem a esportiva.

– Tempo passado eram só os que vinham do interior: do Mearim, do Pindaré, da Baixada e do Sertão, ser operados, e morriam no Hospital Geral.

– Dois aqui, é bem grande esta vala.

– E a lei, vocês não obedecem a lei, isto o que vocês estão fazendo é contra a lei, é crime. Um dia vocês vão prestar contas, seus vermes.

Riba ainda balbucia essas frases, sem sentido, cheio de dor. Por sua vez, o chefe dos soldados de fuzis em bandoleiras retruca com força e saúde:

– Que lei, estamos fazendo e cumprindo a lei, a lei é a palavra do Governo. A lei é este pedaço de papel, é este jogo de palavras que discrimina, que diz o que é certo e o que é errado. Vocês são os errados!

– Não me enterrem, estou vivo.

– Vivo nada, quer saber mais que o Dr. Pedro que deu o atestado!

– Estou vivo, estou vivo, estou vi...

O chefe dos soldados ordena ao coveiro torto do olho esquerdo:

– Planta um olho de enxadeco na testa do defunto falante. Qualira, comunista escroto. Fala,

ADAILTON MEDEIROS

POEMA SER POÉTICA

e mais oito Pré-Textos

achiamé

POEMA SER POÉTICA

E MAIS OITO PRÉ-TEXTOS

[1981]

Para
José Sarney
Josué Montello
e
à memória de
Odylo Costa, filho

Para
Emmanuel Carneiro Leão
Helena Parente Cunha
Mário Camarinha da Silva
– *bravos*
& veros

A linguagem é a casa do Ser.
– MARTIN HEIDEGGER

Teoria & Prática

Francisco Venceslau dos Santos[1]

A obra em curso de Adailton Medeiros tem um significado que se afirma além dos textos propriamente ditos. Ela se justifica pela alternativa de produção e veiculação fora do mercado. Digo alternativa, no sentido de que se desliga do sistema de relações de troca capitalista dominante, e o indivíduo banca a produção e distribuição. O importante aqui não é a opção do mimeógrafo ou da gráfica. Ambos são produtos industriais. É certo que o mimeógrafo confere maior mobilidade e desburocratiza a produção. Mas a gráfica dá maior resistência ao produto e maior capacidade de competição. São opções colocados pelo próprio sistema, mas que criam contradições dentro dele.

Poema Ser Poética, agora publicado por uma editora que conquistou o seu espaço, não deixa de conter o gesto alternativo no terreno da organização e produção da cultura. A obra foi originalmente produzida como Dissertação de Mestrado em Teoria Literária na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trata-se, contudo, de um poema, portanto, de um corpo estranho (como tese) dentro da Universidade.

Em que consiste, então, a dita interferência no plano de organização da cultura? Em primeiro lugar, as instituições culturais ligadas ao Estado, ligadas à pesquisa ou à produção do Saber, buscam a Verdade da Ciência. Ora, Verdade da Ciência é predicativa, busca o imediato, o útil. Ignora a verdade lacunar da transcendência, a atemporalidade própria da Arte. Com esta dissertação-poema, a Universidade, em um dos seus raros momentos, estabelece uma aliança com a Arte. Tal dialética acontece graças à inteligência vertical de intelectuais do porte de

1 Ensaísta, professor de Literatura e Comunicação. Mestrado em Teoria Literária na UFRJ.

Afrânio Coutinho, Eduardo Portella e Emmanuel Carneiro Leão. Estes intelectuais, em sua atividade crítica, evidentemente já teorizam contra a Razão-Poder. Entram no jogo dialético da Razão-Dionisíaca com a Arte – que é paixão. Este não foi o primeiro exemplo de um OBJETO NÃO IDENTIFICÁVEL – a Arte – ser admitido como título "acadêmico". Antes, houve o caso de Esdras do Nascimento com o romance *Variante Gotemburgo,* aceito como tese de Doutorado em Letras.

Poema Ser Poética dá muitas pistas de leituras. A primeira delas, talvez a mais "nítida", é a zona de sombra da confluência entre a obra e a teoria. Aqui, a subjetividade organizadora do poema dialoga com a poética fundadora de Eduardo Portella, Carneiro Leão e as produções de Carlos Drummond, Mário Chamie, Nauro Machado, João Cabral. Evidentemente, existe até um certo limite, um acordo criativo entre o Poeta e os teóricos. Tal acordo ocorre no nível de constituição do fenômeno literário.

O fenômeno literário, segundo Eduardo Portella, se estrutura na tensão do real e do ideal, considerados como formas da experiência humana. Estes, entretanto, são encarados não como dados antagônicos, separados, mas integrados numa estrutura coesa, onde o homem se põe como articulador das duas dimensões.

É esta tensão dialética (real x ideal) que é lida por Adailton Medeiros na teoria, e se instaura como o pôr-se do HOMEM/POETA, agora empenhado na des-realização da teoria que se tranforma em obra. O que está aí não é mais nenhuma "teoria", no sentido de uma verdade dita, mas a energia fono-sintática organizada e "lida" pela subjetividade do indivíduo.

Uma outra via crítica, relacionada com a primeira, é a prática da vanguarda práxis que atravessa o poema. Esta leitura deve, todavia, ser feita com reservas. Isto porque Adailton Medeiros teve suas ligações com o pessoal da práxis, mas nunca foi um ortodoxo. Esta ponte entre os poetas atuais e as vanguardas (concretismo, práxis, poema-processo) precisa ser vista com o senso da totalidade, a fim de que não se caia nas setorizações, nas rupturas sem sentido, ou mesmo nas exclusões. Para princípio de conversa, a poesia alternativa (produção desburocratizada, utilização do mimeógrafo, identificação arte/vida,

valorização do aqui e agora, transformação do cotidiano em arte) nasceu de alianças táticas e influências das vanguardas. Os irmãos Campos subiram ao "palco" com Caetano, Gil. O próprio Mário Chamie estabeleceu alianças com o Cinema Novo, o teatro de arena e outros setores da cultura.

Voltando à poética práxis, podemos identificar na obra de Adailton: o compromisso com a "área de levantamento" (no caso as teorias poéticas), o privilégio concedido ao fônico (jogo de vogais e consoantes que criam uma dicção cortante), e a importância do espaço preto. Porém, não lemos aquela ortodoxa autonomia do poema, aquela suposta onipotência da palavra capaz de dizer o real "como ele é". No poema entra a intervenção da subjetividade criadora. Ora, para a práxis, a verdade não continha lacunas. Na sua ânsia de dar o salto qualitativo, ela eliminava as mediações da Individualidade e reivindicava poemas que terminavam por se identificar com o objeto útil. Diga-se de passagem que esta não era apenas a Razão de práxis. Era também a Razão do concretismo e do poema-processo. O poema concreto pratica a mimese do produto industrial e termina por assimilar a utilidade deste. O poema-processo "reproduz" a mimese do consumo e acaba por se identificar também com o mesmo. Em todos os casos, se nega a característica fundamental da arte que é negar o Real e criar um espaço novo, porque a realidade, como está, já não serve ao homem.

A teoria que serve de parâmetro para a criação de *Poema Ser Poética* recusa terminantemente a Arte como objeto útil e acabado. Para ela, a palavra é a energia que desrealiza a realidade e manifesta a Verdade do Homem, com todas as suas crises, lacunas etc. A palavra tem o Poder de mostrar o Homem, mas não tem o poder das soluções definitivas. Portanto, o que se depreende, tanto na obra de Adailton quanto na mimese teorizada na sua "área de levantamento", encontra-se muito distante, da prática poética das vanguardas. Embora se visualize aquela estratégia de intervenção nas relações de produção e de compromisso com a literatura, que constituíram a modernidade da práxis.

O leitor pode ler também no poema o percurso existencial do indivíduo em busca de si mesmo, da compreensão do mundo e da Arte. Não existem referências temporais nítidas ao contexto cultural.

Mas temos o "índio", o "vaqueiro", o "nordestino" atravessando a selva da técnica, do mundo objetivo sem abrir mão do seu compromisso histórico com a verdade humana – o seu transitar constante em meio às contingências do momento e a sua integridade constitutiva.

Rio, out. 1981

Desnecessário, Talvez

Depois de um pesadelo muito real, como em Kafka, acordei. Um dia qualquer. Faz tempo, havido. Longo meditar. Descoberta ou achada a vereda, melhor, a forma, a trilha de trilhar. Chamar assim uma possibilidade – É, pode ser. Meditar sobre perguntares:

– que é poesia?
que é poema?
que é poética?
que é estética?
que é crítica literária?
que é teoria literária?
que é teoria da literatura?
que é literatura?
que é teoria da arte?
que é teoria?
que é arte?
que é tempo?
que é espaço?
que é história?
que é ação?
que é agir?
que é viver?
que é con/viver?
que é texto?
que é pré-texto?
que é entretexto?
que é signo?
que é *signo*?
que é língua?

que é linguagem?
que é *linguagem*?
que é gramática?
que é árvore?
que é *árvore*?
que é floresta?
que é flor/esta?
que é pássaro?
que é literariedade?
que é energia?
que é técnica?
que é *techne*?
que é vida?
que é nascer?
que é morte?
que é morrer?
que é umbral?
que é morada?
que é palavra?
que é dor?
que é prazer?
que é devir?
que é fenômeno literário?
que é *logos*?
que é *nonada*?
que é deus?
que é dizer?
que é não-dizer?
(aqui ficam inclusos outros
perguntares).
Enfim:
que é ser?
que é homem?

Loucura, cre/ação? – Ora, perguntares, perguntares e "nunca de núncaras" para responder-se. Como fazer, como dizer o indizível? –

Dizendo, meu poeta! Dizendo não-dizendo, pelo avesso, sempre por dentro adentro na flor/esta verde-in: *clorofila.* Todavia, sem resultados (o poema não conduz resultados, é): os teres, eis o problema e a solução: dizer qualquer, jogar o jogo.

O poeta Carlos Drummond de Andrade vai em versos e *signos* veros recriando (o que viu, amou, sofreu; a vida, o humor, a crítica, o tudo na memória guardado) o seu *Boitempo.* Também, o poeta Nicolas Boileau, em versos, fez os quatro cantos da *L'art poétique*.

As memórias de Drummond deram-me o alento. E o canto de Boileau o modelo, toda-via diverso como é dito no *umbral* deste per/curso a seguir adiante.

Poema Ser Poética é uma possível recriação (poema-tent/ação/ativa), dissertar entretextual, viagem adentro no poema/reflexão "O processo de constituição do fenômeno literário", de Eduardo Portella; ou, ainda, mergulho nas águas dos que nos pré-existem.

Não cabem neste narrar, neste resistir, poema/texteoria, notas de pé-de-página nem enfile bibliográfico.

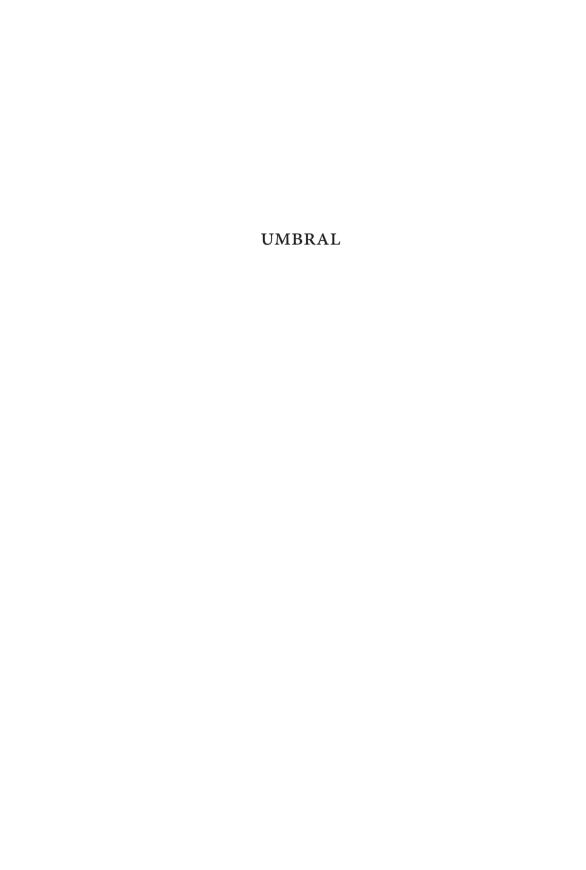
Re-vestido, este prólogo (s) em cerimônia diz que *Poema Ser Poética* foi, originalmente, dissertação de mestrado em Ciência da Literatura (Teoria Literária). Defendida e aprovada, recebeu o conceito *excelente*. Agora, excluídos os detalhes metodológicos, busca novo viver. E é o que é:

poema
metapoema
poética
teoria
texteoria
ensaio
texto
pré-texto
entretexto
poesia
pasticho
nada?

– assim
por quê?

"Saiu o negócio assim, e se não ficou de outra forma, é porque assim mesmo é que deveria ser." [2]

2 Exórdio Dispensável. A Casca da Canelleira. San'Luiz, 1866.

UMBRAL

Poema poema poema
três vezes
três mil
sete / quatorze
mil portas
incógnita numeração
labirinto labirinto
te sinto labirinto
te recrio creio pinto
poema do poema
teoria / ética
teorética:
texteoria crítica
minha poética

Recriação ou ato tentador
num querer ser buscado
à maneira de Boileau
toda-via diverso um por um
meu verso/pluri: no ritmo
metro e enfoque
tudo todo ave/palavra

Desrealizar o poema/teoria
fundando outro também real
poema/poética mais ao meu
jeito formas de andar e
por portas hei de entrar
passar: poeta licença
peço pra esse investigar

Janelas e portas abertas (no
fazer novato) careço de tua
comunicação teórica poema
pré-texto corpo pro novo texto
que busca poética/ser: donde
amigo Portella caro bardo
fala quero do poeta Eduardo

Se o poeta é um criador nunca
mente finge pois o seu fazer
é sempre total novo saber
por isso neste arquipélago
cada ilha quer ser plena
sem erro: floresta e verdade
um discurso à *literariedade*

FLOR'ESTA

No per/curso es/fera círculo perfeito de fato como serpente evoluindo pois andar por caminhos vias veios veredas corgos novo odisseus floresta adentro imita a cobra – imitar aristotélico: *mímesis* que o poeta no fingir (fazer) ama morre vive armado de saber e *techne* – o cobra píton hominizada indo e vindo no devir em busca do fato fenômeno reflexão do homem sobre si mesmo: Ser/tensão

Vai ele aberto a refletir – por dentro a floresta – sua poética revisada (revisão ao longe dos acessórios (do banco de dados) do poema no fazer) que se organiza "conforme o processo de constituição do fenômeno literário" sim: na energia do poema sem calendário estilo amizade de quem o fez pois sabe-se que os genêros literários as escolas as gerações não dizem da energia (local) para lá do salto

Tal lugar para léa do salto fica
no *logos*. Lago único de todas
as águas do poético: substância
não visível/medida (ar / viração)
eis aqui a *literariedade* (vida)
no poema (corpo). Corpo vivo
construção pluridimensional.
Corpo morto (cadáver) não poema
só sua história é na cova exato
história não novelo é árvore

Árvore – *signo* ou *anti* da floresta –
tempo unitário i. é.: história onde
a arte é radical como o homem e seu
vigor. Nela o homem (na arte) se hu-
maniza. Explica-se: refletir a lite-
ratura (sobre) é vário: reflexão
literária e demais. No fazer a arte
a palavra *unificar* ordena esse
fazer pois "a experiência estética
é experiência humana": é poemomem

Floresta adentro meu poeta vai
vem a ver/de perto por núcleos
geradores de linguagem: galhos
raízes folhas frutos clorofila
pau/análise (língua) entretanto
o saber pede olhar-redondo em
torno ao redor no total flor-
esta (*linguagem*) : unidade.
Para pensa fala o poeta:
Unidade não é uniformidade

Sujeito e objeto em con/viver
estrutural no meio o homem o
artista – mediadores – conformam
a unidade. Sujeito igual arte
(energia) objeto igual língua
(matéria) dual compreensão sem
fragmentos do movimentar vital
da obra. Dialética tensão: real
e ideal (formas diversas) mais
o homem na obra de arte total

Obra de arte é ser vivo vital
uno inteiro humano experimentar
pois “imagem da totalidade do
real”. Plantada aí no homem
que é troca permanente entre
as formas do real e as do ideal.
Oposição essa germinada na es-
tética iluminista e racional-
mente por ela tratada a abrir-se
em dialética até os ares luzes

Tocar e varar a fenomenologia
salto à frente chegando ao seu
cristal claríssimo. Onde vê-se
– fala o poeta – a possibilidade
da identificação de formas di-
versas do fazer-se dinâmico de
tal dialética. Edital eis aí:
(primeira) percepção/imaginação
no inventar. Nessas diversas
fazer arte é criar o des/real

Um valor próprio autônomo não carente
doutro dum referendo pois estético.
Quer dizer portal de porta de passar
que no poema a literatura chega ao
livre ilesa dos freios e brides que
a domam (companheiros de viagem) sem
antes passar operando em matéria e
forma. O poeta cria o poema indo por
via desrealizadora do real ao *real*
não tema nem forma: tensão dum novo

Um novo novo/ato fenômeno vida da arte
a tensão. Criar criar impulso motiv
ação estão no tema diverso de alma
estrutura a riqueza da obra. Entre-
tanto o tema setorial é divisor: se
mostra nu e despe o seu usuário: este
é poeta e aquele é poeta (no meio
abismos e montanhas de turvos forma-
dos e elas altas de pé anteparos sem
penas não voam: de/marcam os dois)

Oh arte verdade manifesta veraz. O
concreto está anterior e é encobri-
dor (experiência). Manifestação
que se dá quando a forma é matéria
informada pelo toque do poeta nu-
ma tensão matéria/forma. *Natural*
matéria nas artes outras toda-via
cultural na literatura: poema pro-
duzido na interioridade (corpori-
ficação do fazer-se do espírito)

Partindo do toque do poeta chega-se
ao reino dos valores estéticos gle-
ba (integradora) entre os da forma
e matéria reinos tensionados. Mundo
terceiro (entre) configurado pela
palavra-lugar (*reell*) onde poeta
a opção de Husserl fundou-se. For-
mas criadas brotam emergem da ma-
téria distribuída e ordenada no
original: da mão/ação do cria/dor

Linguagem: ao nível dela imediato
aqui estão em tensão também e tão
bem fonema/semântica som/sentido.
Na riqueza dos sons (pássaros na
floresta) está a dinâmica que a ex-
pressão robustece por via forte
de contrapassos e contradanças.
Língua: eco aliteração cadência
recursos seus mais o sopro do fo-
nema sensivelmente vão aos voos

Voos são amplitudes campos livres
para o significante espalhar-se
maior no seu ato de fundar a li-
berdade sem algema forma/formal
pré-estabelecida. Já que doutro
lado a semântica pelo formal tur-
vou-se como na longa noite. Entre-
tanto a obra literária é um con-
junto de significantes projetado
pelo *ser* da *linguagem* em sentido

Na articulação do fenômeno também
em igual há elementos como o tema
e o processo. Entendendo-se tema
não como mero pretexto mas como o
pré-texto núcleo integração tensão
braço a trabalhar em disciplina o
produto literário no centro mesmo
do acontecer da arte. Enquanto a
escolha e o fazer do tema ditam o
meio de organização do processo

Da confusão do processo i. é.: do
romance do drama do poema dizendo
melhor do elaborar dos modelos vê-
se a importância do anterior dito.
Acontece – solar – “que o modelo
não pode ser o sistema estático e
opressor”. Ele dança em volta do
sol como a sintaxe aponta para o
fim (composição) síntese de meios
cipós em volta nós do tema/caule

Essa síntese alcança um ponto mar-
cado no interior do modelo por tal
chega-se passa-se compreende-se a
diferença modelar: o do poema di-
verso do da ficção. Pluridimensio-
nal complexo o quadro anda para vi-
ver com uma unificada estruturada que
é o cartão identificador da *escri-
tura*: o *estilo*. Este dado clorofi-
la verde verde-in cor na *floresta*

Fundação: ente da expressão fundador o *estilo*. Como obra igual linguagem poética aparência igual moda estilo igual cor-cloro-fila unificadora da estrutura. E mais o que transcende o nível desse per-curso floresta adentro. Ele o transcendente parada do processo fora pois sangue a vigorar o seu todo no vigor do poema: a história o mundo

Caminhando por veredas curvas de
cipós árvores amarradas barroca-
mente o poeta literário-pensativo
segue a refletir sobre a existên-
cia num abraçar árvores arbustos
arvoredos folhas frutos raízes
ninhos suspensos penas soltas de
pássaros de/tidos no mesmo espaço
pelo abraço querido em todo total
sem tecnologias no poema/selva

Poema/selva selvagia selvagem ja-
mais objeto técnico. Poema imune
ao dedo da ciência embora consci-
ente totalizante brotado do solo
da existência. Poema trazendo no
seu corpo forte másculo belo os
passos andares do homem em trânsi-
to por e para si mesmo do real
ao desreal na histori/cidade viva
mundo mundo vasto nele poemomem

Poema nunca em objeto técnico ou
coisa convertido. Se converso em
coisa objeto desalmado torna da
arte no seu fazer uma pobreza de
recursos. Torna-se mentira falso
pedregulho sem interioridade sem
ser. Faz-se o terror terra horror
e dor mata-se: “uma vez que a ar-
te é a verdade instauradora e a
ciência a verdade predicativa”

Porque no abraçar-se o homem na
sua totalidade a arte se eleva
em essência vigor energia pura.
Exemplo: a poesia canto-moreno de
Nauro Machado vai além dele do
espaço físico do poeta ultra-
passa ferina sol pela vidraça a
luzir sem ferir alma pelo corpo
viração do mar águas do Bacanga
ao deus di/verso: teoliterário

Teoliterariedade o fazer do poeta
Nauro cantar áureo aurora de ouro
pois é caminhar por todos os ho-
mens transitar de vai e vem verde
verde-in na *floresta* timbira por
todas as épocas do acontecer faz-
endo-se mais histórico e temporal
para lá doutro lado da gramática
do discurso do poema chegando lá
na *linguagem* aí onde o homem está

Na linguagem total onde se faz a
compreensão da obra liberta das
simplificações e dos elos de su-
per-valores acriadores demais na
língua linguísticos. A obra sem-
pre pluri nunca uni-dimensão mas
um conjunto de heterogêneas cama-
das várias como Roman Ingarden
refletiu grande a *teoria das ca-
madas*: na obra a *polifonia* fala

Real versus ideal de braços em
abraços na dialética nem sempre
se amaram ordenados órgãos per-
feitos. Talvez até nossos dias
desde os clássicos filósofos
gregos tal reflexões como palha
tem falhado graças dez/graças
ao dado metafísico. Aí no solo
brabo: de Martin Heidegger seu
inquirir viça igual palm/eira

Palmeiras em eiras ao vento de
frente pro mar/ação contra
o estar de causa e efeito arti-
culado dentro das teorias d'ar-
te. Vir/ação a dis-sol-ver as
antinomias. A vir/ação pensar
de Heidegger é lutar forte em
superar (não eliminar) dialeti-
camente a metafísica (todas) *on-*
de tudo é subproduto e *lógico*

Sim: é lógico. Oh metafísico pen-
sar. Oh árvore *onto-teo-lógica* no
seu elevar-se das raízes ao brin-
co dos pássaros na copa alturas
de voos libertos. Árvore em consti-
tuição *on*de a metafísica se iden-
tifica. Fundamento/fundado: rel-
ação determinante da dinâmica de
refletir em causa e efeito o fei-
to é de todo pensar meta-físico

Pensar metafísico todo no sentido
da pro-cura fundamental do *ente*
(*on, ontos*) i. é.: homens coisas
nada aconteceres i.é.: tudo mani-
festação da realidade é ôntico de
on ontos como antes de *ente* dito
se fez. E mais: "é *teo (theios)*
no sentido de supremo último o
que dispensa fundamento para si o
que é a força dos *entes*". É deus

O poeta dentro da floresta para
na clareira e contempla a circu-
lar sombra grande da mamorana e
a do turari comparando-as com a
"longa noite" do Ocidente. Nes-
se lugar ele pro-move a inter-
pretação do modo de ser do ho-
mem. Rememoração do Ser. Buscar
o homem verdadeiro Homem que "a
arte é pôr na obra a verdade"

Arte igual a existência e o so-
pro que esta recebe para existir
na flor/esta (*linguagem*). Pensá-
las é refletir total e dialeti-
camente sem o perigo das antino-
mias. Imaginação/percepção binô-
mio plasmado no *pensar* e *ver* de
dentro da clareira. A arte livre
da metafísica no dínamo da rea-
lidade atinge totalmente o *real*

Continuando o per/curso circular
encontra o poeta seu caríssimo
amigo Heidegger que lhe dá bonito
em geral beleza o florlogos belo
A Origem da Obra de Arte. Ergue-
se aqui ramagem árvore distinção
a esclarecer o fenômeno artístico
em sua configuração estrutural.
Distinção entre a coisa o *utensí-
lio* e a *obra de arte*: reflexão

Ato de refletir ou compreender a
arte no eixo circular onde o *ar-
tista* a *obra* e ela a *arte* (trin-
dade interdependente) estão com-
promissados rumo ao núcleo inven-
tivo do criar o Belo o Homem en-
fim Deus. Pois a experiência ar-
tística vai dum ângulo agudo em
abertura azul braços abertos (*ar-
tista/obra*) ao anzol fala: *arte*

Aqui da clareira dentro da flor-
esta falando de árvores bichos
grilos cipós de escada urtigas e
intrigas de verde verdade selva-
gem cipoal amarrando os passos
mecânica de um todo que sojiga
o homem no seu caminhar criativo
de liberdade falar-se de árvore
é crime quando há horror e dor
mas nem toda *árvore* diz árvore

Falar de *árvore* anti-pau/lada é
também dizer do livre caminhar
do homem no seu fazer recriador
da arte. É mergulhar no mar da
imaginação. E a literatura que
é um fenômeno imaginário transi-
ta nessas veredas guarnecidas
de *árvores* onde ele (o imaginá-
rio) está abraçado ao seu dina-
mismo: corpo são sem isolar-se

Na estrada do imaginário pensado-
res como Kant / Hegel / Sartre
Fichte / Merleau-Ponty formu-
laram indicações seguras setas
instigadoras de ensinares neste
per/curso humano do fazer artís-
tico. Já que a criação toda ela
o ato de criar ele mesmo são o
produto da força imaginativa do
homem (todos) no artista maior

Isto é um existir. Nele a distin-
ção em qualidade e profundeza en-
tre a percepção instauradora (es-
tética) e a percepção normal (co-
tidiana) é de-fato sim: nele ato
do artista quando no criar imagi-
nando. Para chegar ao lugar do
salto (no *logos*) o criar é trans-
cendental: aí na percepção esté-
tica a não-estética dentro está

Ao buscar-se a *literariedade* vi-
da da obra literária sangue lin-
fa sopro vir/ação clorofila flo-
restal no corpo vital o integrar-
se percepção cotidiana à percep-
ção pluridimensional é um operar
na arte fazer artístico. Aconte-
ce tal fazer “em função do tra-
balho fundador do imaginário”:
transcendentalização: ave voar

Voar ação da ave é o tempo/espa-
ço onde “a imaginação organiza
a multiplicidade compões a uni-
dade e daí resulta a obra”. Oh
dura porém verdadeira distinção
aclaradora: artista versus ho-
mem comum. Pois no primeiro a
imaginação é produtiva ao passo
que reprodutiva no segundo no
homem comum: na gente domada.

A gente domada não radicaliza.
Não vai até o fundo do poço na
imaginação em si nem além. Já
que o imaginário é mais radi-
cal a percepção é menor é ele
em autolimite. Toda-via a arte
em girar radical caminha pela
mímesis e a *catarses* em tensão
energia veiculadas na *Poética*
de Aristóteles: ver vertical

Se a *mímesis* (ir v/ir da coisa
total à obra) na criação lite-
rária é o núcleo energético a
catarsis é o voltar da morte:
purificar puríssimo olhar vaza-
do dor de purgar como em *Édipo
Rei* ou a vida em explosão ao
nascer o filho de mestre carpi-
na no poema *Morte e Vida Seve-
rina:* Ser/tensão de João Cabral

Imitação do ato de imitar leitura
horizontal cópia xerox segunda
natureza poema espelho difer-
entes da *mímesis* pois ela não
quer dizer submissão ao objeto
e sim sua trans-figuração seu
re-criar agir de ir v/ir de X
a Y conspirando em Z. Lukács
fê-la da *mímesis* um setor da
"teoria do reflexo": alpendre

Terrível erro tal setorizaçãoo
para um conceito rico de co-
res tantas. Porque a *mímesis*
não é o simples reflexo porém
a interioridade/exterioridade
em relação dialética em ten-
são criadora. Já que o concre-
to real (a coisa o a-histórico)
é incapaz de re-velar pleno e
total tudo aquilo que é *real*

Razão para dizer-se que através
da *mímesis* a arte faz emergir
plenamente na obra o *tudo* que a
natureza a realidade objetiva o
imitar não podem dizer. A obra
poética (*Praxis*) de Mário Chamie
é exemplo do processo da *mímesis*
criadora: o poeta criando o des-
real instaurador ex.: seus últi-
mos três estágios usando o real

Três estágios dizendo melhor três
metáforas de linguagem poética no
texto/textor: o *agrícola* vai do
campo ao *Lavra Lavra* o *industri-
al* do ABC da pauliceia-monstro-
tecnológico-conflitado ao textor
Indústria e o *institucional* des-
ses tempos liberticidas vai do
regional/universal espaço crítico
perfilado ao *Planoplenário*: belo

Bela confluência de todas as asas
ou possibilidades ao voar para as
belezas à tensão totalizadora no
esgotar-se foi o que Sófocles cri-
ou em *Édipo Rei* (tragédia/perfei-
ção). Aí pousando na *catarsis* to-
do (ao voltar da morte) após furar
os olhos de Édipo (oh símbolo) e
criar o terceiro olho como fala
o poeta Hölderlin: o olho da arte

Para criar o olho da arte carece
aperfeiçoar a *mímesis* até o azul/
cegueira. Aperfeiçoar imitar pro-
fundo não é copiar "é descer ao
plano de articulação das possibi-
lidades subjacentes na *coisa*". A
catarsis pelos empregados do mar-
xismo foi condenada pois horizon-
tal como "desumanização" enten-
dida. A *catarsis* é res/surreição

Res/surgir sair da catacumba da
treva ver novo/ato emergir alto
no topo da desrealização e voar
no ventre da *literariedade* pelo
corpo do poema. Aqui neste cor-
po vivo (no poema) a *linguagem*
fala faz seu dis/curso literário
linguagem que é fonte de criação
onde uma *imagem* do real é sem
dicotomias para signos e *signos*

Da tensão estrutural significado/signifi-
cante a expressividade do poema aparece
dinâmica e transparece a unidade desnuda-
se a novidade "o modo de ser da linguagem
literária". Di/verso do seu significado
pois o artístico não carece dele de ser
signo mas de anti-signo: "coisa no grau
maior de ser coisa": o poema: a obra poéti-
ca livre aberta falando por si *sendo* (no
homem) na incomunicável poesia que é: **Ser**

MORADA

Palavra palavra palavra
morada morada: *casa.*
Casa do Ser: palavra.
Ave em voo desenho de cor
no espaço: liberdade.
Liberdade é o espaço o
tempo duração aqui na *casa*

Estar na *casa* é transitar
morando na palavra no seu
ventre. O poeta no seu ir
e v/ir flor/esta adentro
viaja nas asas da ave/palavra.
Aí na flor/esta (*linguagem*)
vê tal mecânica (língua/pau)

No per/curso dis/curso na
flor/esta nas árvores nos
bichos na palavra no *todo*
i. é.: no homem o poeta vê
total multívoco o corpo e
a ação vital além do ter
no ser-total novo/saber

Que enfim: o poema é
                    a poesia é
                    a poética é
(sendo na *linguagem* no
logos no *real* no *homem*)
e *é* é Ser
total não relativa/mente

OITO PRÉ-TEXTOS

Divagas
nas vagas.
E as místicas águas
vagueiam
devagar.
– STELLA LEONARDOS

Alegre ou triste,
em qualquer canto,
se algo inexiste,
eu canto o canto!
– ÁLVARO FARIA

....
e pejado de ti me encontro e me pesquiso,
e redescubro
a poesia imanente da palavra.
– FERNANDO PY

Pré-texto Para
Adonias Filho

Da nação grapiúna ou ilh'as d'eus:
ilhéus de são jorge e gabriela ela
filha/criação de jorge amado de lá
filho é: adonias filho – poeta: há

neste pré-texto/meu texto va-ta-pá
di-verso: como eus d'ilhas no mapa
grapiúna e por léguas da promissão
de cacau: homem e bahia santos são

cajango vero t/m/eu lázaro memória
vital corpo vivo e servos da morte
entes: bem/mal – bom/mau: se forte

ser forte: o velho túmulo das aves
'g'avião' de garra dor: n'arte boa
grande mar: águas de iemanjá/simoa

Pré-texto Para
Carlos Drummond de Andrade

das pedras dos caminhos pedrados
fica a fala das pedras dos fícus
amêndoas qual se seco fá-las dor
se seco do tucum sem amar doeira

tem mito há mato quando fazendas
se fazem das matas mito há falas
da ana apenas sentida na dor dói
na dor do arboi que fula ana tem

das rosas dos povos também lutar
pela e pala das gentes das dores
palavras como em bate avras elas
em bate de para onde ao desa-fio

com a paz da paz carlos-carlitos
viço e talo fala do anjo a lição
e sambando na calçada após a paz
há uma cadeira para nosso abrigo

Pré-texto Para Cassiano Ricardo

amanhã o bom dia
na difícil manhã
chão romã
clã reipã
no reVerSo SIGno
NU mEu poemachão
poemapa poemassa
fada fica
riso rico
falo fala
sobre / vivEntes e
ternos amigos do
peito ó Jeremias
sem choro
nem velas
canto RICo ARDOr
sabiá-do-rosa-mente

Pré-texto Para
João Cabral de Melo Neto

era a cabra preta correndo
uma cabra preta nem falada
ela mesma própria se cabra
ser mãe do cabrito lavrado
bem diferente sendo animal
ver morrer cabra inocêncio
embora parece outra falada
ela a cabra cabral do joão

cabral derivação da cabra
fê-la dele cabra não bicho
gente e local produto duro
estudo e mistura compondo
cabra macho mato capacho
outra cabra minha animal
vezes igual fato fenômeno
ser bicho em começo sexual

Pré-texto Para
João Guimarães Rosa

travessia: pros rumos direção dum ser/tão sem/fim voltas volteandas em der/redor em torno trilhas fundas d/entro das barrocas nos barrancos velhas veredas caminhos por serpenteantes andar adentro chãozão rumos do urucum urucuia e lá a cuia de azedar o leite coalhada queijo de minas e manteiga é meu remimento pra ti neste baile sem um corpo meu bailar amor/fo discurso todavia samsaras aleluia também tristura ver cujo olhar dos bois na carpição vacum lamentos bovinos em dias de dores cavação no barro jo/gado pra riba do lombo sobre vestígios da matutagem (boi/matado) de anterior dia de antontem urraria saudosenta dum boiamo adeus dos bois boi/dor lá nas urubuguaias eta buritigente falo buritipalmeira verde no chapadão mato cerrado campo geral roça unha-de-gato capabode rasgagibão canarana soca mamacachorra cipó-de-escada mucunã e árvores arvoredos ave pássaros passaredos crispim semfim peito-ferido é matimpererê e matintapereira matintaperera matitaperê relembranças dum entardecer maior de belo e perigar "o possível de coisas ainda por vir, no avante viver, a vida está toda no futuro" a morte encantamento cantomemento rosa de minas rosa geral rosa rosato rosa rosário rosáceo rosão erosão florosa rosa joão joão jão jão ão ão ão ão ao ao ao ao au au eu pobre cão vira/lata não veredado sabedor nem campeador como ver aqueles os companheiros dos teus vaqueiros rudes nas vaquejadas galopes ê boi ê boiada vaquejo buriti/grande buritizeiro buritifalo real imaginário simbólico dominador do mato do brejo dos homens – liodoro miguel zequiel gual glória lala behú – brejão prima/vera é amor no total roseiral mesmassim não se pode esquecer de dizer os outros boniteza de demais bonitos mesmo esquecendo outros relembremos juca bananeira manuelzão rio/baldo diadorim (dia/da/dor) miguilim como um cantar sombroso sonorotriste (sorumbo) ou simplesmente pessoas gentes entes ser/tão-grande tudo nada simnão minha rosa sã pra ti rosapoeta só vale nenhum é de fita papel crepom e palavra não é nada: *nonada*

Pré-texto Para
Josué Montello

é maranhão = (grande mentira? – não / *mara-ion ñon*) ave (flamingo/guará) grande rio caudalmar (*mbará-nhã*) ou matagal (*maraña*) maior um matão nossa terra: nossa eira/nossa vaga: nossa saga sagrada: paixão vida e norte & memória e corte história: raízes & *physis* no nosso caro mestre onde reina plena e cara nossa saga pleno reino tu: mão real-mágica re/crias após/ tu/lo: josué é maranhão = teu grande personagem o tempo-ser tempo-unitário de ponta a ponta: esta ponte de (arte) pontífice sobre todos nós ao des-cermos no curso das águas do barro eterno e mar és do maranhão: re/criador nº 1 do tempo e espaço no texto e contexto de coisas e gentes agentes entes povoadores de tramas dramas em redes os enredos de bordado em romance vê-se face face no espelho refletida em labirintos veios do fazer clássico na noite que não é nona é décima vera cidade: são luís (batem tambores) chega o povo herói em barco à vela catraia intemporal nossa ao cais da sagração na cabeça a coroa de areia pois já alto escura noite sobre alcântara falecida- (morta/ fantasma?) –de mansa/mente pelos de graus do paraíso até largo do desterro herói se faz vai e vem: dança no festim textual só real onde uma estrela morta clareia frestas e festa de casarões de azulejos e mirantes de fechadas janelas teia do tudo no todo história des-real paisagem psiquê personagem real ficção o tempo unitário por-ex: mestre severino presente nele no neto: ação duração tempo-ser *linguagem* vida na *linguagem*: saber: *poietike techne* teus céus teus romances lugar onde vital vero maranhão é

Pré-texto Para
Mário de Andrade

há sempre um ma(r) rio longínquo =
corr/ente corre/dor águas da gente
beber matar a sede molhar a língua
onda onde remamos a lição do feito
peito de mamar como nadar de peito
nas águas do tietê ir v/ir até ati
ouça a onça viu bicho/gente e veja
iauaretê massapê muçambê cauê oquê
e o remanso manso do romance moço
ê rei o rato rói nu/m ato e "herói
sem nenhum caráter" é ter cara não
agressão transgressão até os bagos

Pré-texto Para Mário Chamie

há sempre um ma(r) rio proximoso = re/gato forte caudal ver sete rios sete quedas sete vales sete portos sete partos sete palmos de fundura no salto do alto acrobacias de ser anima(l) ferino(a) felino(a): sete fôlegos quentes de gentes ou fogos chamas saltar do lugar na roda doa tempo fazer rodízios no poema real lavrar a lavra dor da terra terror textor humor amor industrial carro cigarro café pelé tv laço o abraço

LIÇÃO DO MUNDO
[1992]

à memória de
HONORATO MEDEIROS
– meu avô paterno

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.
– MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Este livro (1978-1990) contém
– entre outros ingredientes –
uma autoanálise; deve ser lido
sem qualquer preconceito:
– encontrarás nele as alegrias
e as tristezas de um viver que
se finda.
e os gestos iniciais de um novo existir
pleno em busca da Justiça e da Graça

Auto-retrato

Diante do espelho grande do tempo
sinto asco
tenho ódio
descubro que não sou mais menino
Aos 50 anos (hoje – 16/7/88 (câncer) sábado – e sempre
com medo olhando para trás e para os lados)
questiono-me (lagarto sem rabo):
– como deve ser bom
nascer crescer envelhecer e morrer

Diante do espelho grande na porta
(o nascido no jirau: meu nobre catre) choro-me:
feto asno velhote pétreo ser incomunicável
sem qualquer detalhe que eu goste
(Um espermatozoide feio e raquítico)

Como nas cartas do tarô onde me leio
– eis-me aqui espelho grande quebrado ao meio

Meu Amor

Eu protegi teu nome por amor,
em um codinome Beija-Flor.
Cazuza

1

Meu amor mora em Cordovil
Tem a cor que eu mais gosto
age do jeito que me satisfaz
na vil (não) na sagrada maneira de
amar

Meu amor
você parece um ser
selvagem
quando
ama

você é a súmula de
tantos
prazeres
tidos

e havidos?
Você é
poema
cavalo
galo
tigre
touro
pavão
cão?
Ana Célia Emília Graça Luíza Margarida Vera
(preta ou branca ou amarela
não importa – sua cor guardo comigo)

Meu amor
        você é como a relação sexual
daquelas plantas (hermafroditas?) do meu quintal
na Rua dos Velhacos lá em Caxias
do Maranhão – nos anos 50
        ao penetrar o pendão-flor
                        na folha-concha
à meia-noite invisivelmente numa cópula
                                    de perfumes

2

Meu amor mora em Cordovil
Por que você sumiu sem nada falar?
Faz tanto tempo que nos perdemos
neste mundo louco – nesta cidade violenta
                                    violentada
                                    violentadora
Já se foram cinco anos (completados
em abril) daquele último encontro
Meu amor
        a saudade viça no meu coração
Ontem mesmo
            sonhei com você (foi tão lindo)
Miseravelmente
            acordei
                        logo que no meu peito
lerda e suave tocou sua mão
Meio acordado meio dormindo
senti o calor e o suor do seu corpo despido

Meu amor
lembro-me quando nos encontramos
(pela primeira vez) na escada-rolante
da Mesbla-Passeio
numa tarde de julho
fazia muito frio
Meu amor
lembro-me ainda mais do seu sorriso
de criança levada
da sua pele
tenra
com cheiro
de alfazema
(como lembro outra tarde – perdida no tempo –
no Angical – ao pé da ladeira que dá pro
riacho do Praquê e quase debaixo da secular
mangueira que já morreu – uma luta mortal
que durou até o anoitecer: uma muçurana
engolindo uma enorme cascavel)

3

Meu amor mora em Cordovil
(ou morava)
Onde você está – agora – figurinha do meu
bem-querer?
Vasculhando as dobras da memória e os limites
da imaginação
recrio-lhe como uma onça pintada

(ou suave pantera da criação de Marly
de Oliveira) saindo de dentro do mato banhada
pelo orvalho da madrugada
bem como um pardal
assustado (num certo domingo de maio) entre as
folhas das trepadeiras que se escancham na
cerca do meu quintal maranhense

Você – criatura amada – foi minha heroína
cachaça respiração chuva loucura sedução
meu vinho-verde cigarro feijão café trovão
leite queijo-de-minas
angu torresmo e tutu
de preferência: arroz bife fritas e suco de caju
Você foi
minha escola-de-samba e folia
meu bloco-de-empolgação
canção
minha folha de cidreira flor de cajá
meu doce de buriti
minha goiabada com catupiry
espiga e semente
meu acordar sem rosa-dos-ventos
como em Katmandu – antigamente
Meu amor
adeus – estou em paz e feliz
ainda uma vez – adeus

Questão Ontológica

Se eu tivesse morrido no dia 16/7/1938
em terras de Angical (Caxias-Maranhão)
naquela bela manhã – tudo seria diferente
Ninguém teria tomado conhecimento desse
evento (se tal acaso fosse de fato um evento)
O mundo não teria sido acrescido de nada
ou percebido isso – nem minha própria família
mas (garanto) tudo seria diferente
– Seria? Como e por quê? – Eis aí uma questão
de saber ontológico e transcendental

Seu Dadá o negócio é gargalhar: quá-quá-quá-
-quá-rá-rá-rá-quá-quá-quá-quá-rá-rá-rá
(Palmas pra mim e música do Guerra Peixe)
Ah – agorinha me lembrei de Elis cantando

Cada Vez Mais

Não quero ficar sozinho
nunca nem nuncarás
(Ouvi a primeira frase num filme)
Sei que me deixarás
(– Pra que a rima sem graça?)

Não quero ficar sozinho
a andar por aí
(Como a mulher do filme)
puxando um cachorrinho pela coleira

Não quero ficar sozinho
nunca nunca (Pobre criança)
No entanto – sinto acumular-se
na minha pele
(Cada vez mais) o musgo da solidão

Homenagem

“Hoje nenhum de nós pode
impunemente
completar cinquenta anos
sem a publicidade
de uma homenagem dos amigos”
– diz Manuel Bandeira
no *Itinerário de Pasárgada*

– Pois sim
passei por essa data
e ninguém se lembrou de mim

(Senti uma vontade louca de pular fora da vida
Dei um passo atrás e escrevi meu “Auto-retrato”)

Amigos – perdoem-me – não lhes avisei
– Por que estamos todos tão distanciados?

(Ah – meu Deus – não passo mesmo de uma criança
cinquentenária)

Cucu

(No Maranhão: faz tanto tempo
– E como dói meu pensamento)

Como estria preta
tal debrum de fita
em redor do olho
                    lá vai voando –

no bico preto
se debate a lagarta
de jasmim ou de palmeira
(– Colorida?)
                    – aquela avezinha
que presente
guardo
na memória – hoje descontente

A Cobra Hipocondríaca

Já faz muito tempo
foi numa boca da noite
voltava da mata

Eu era um menino
saltando pelo caminho
– Meu pai me parou

Malhado cipó:
um corpo por entre folhas
arrasta peçonha

Logo ali na frente
quase me mata feio crótalo
com sua boca e guizo

Uma cobra torta
trago dentro de mim – bela
mas hipocondríaca

Quartinha Bordada

Quarta quartinha quartilha
(cântaro de barro) moringa bilha
aqui ali acolá lá lará lará lará
guardando água fresca
pra molhar a goela seca
de falar xingar e cantar

Minha quartinha bordada
quebrou-se num dia de mágoa
no chão da casa de palha
toda a água foi entornada
não restou um pequeno gole
pra molhar a goela seca
de mágoa na vida acumulada
aqui ali acolá lá lará lará lará

Rabequinha de Mandacaru

para Salgado Maranhão

Toca rabequinha – toca
toca rabequinha de mandacaru
Que saudade grande – grande
do negro Zé Baú
Estou sentindo uma tristeza grande
grande
do tamanho do açude da Pedra Grande
e do riacho do Praquê cheínho lavando
aquele mar de palmeiras
de palmeiras babaçu
no baixão do Angical
pois já encheu demais e vazou
lá pra cima a grande Lagoa Grande

Toca rabequinha – toca
toca rabequinha de mandacaru
Esta noite é de caretas
é de reisado
nas mãos do velhíssimo Zé Baú
Estou voando pra meninice
saltitante criança atrás de ti
como voa um
corrupião
como voa um
cancão
ou como no fim da tarde vai faceira a juriti
Estou doente de tristeza e saudade
e lá vou descendo a ladeira da idade
Quero desamarrar este duro nó
ouvindo num dia de chuva um sabiá
no galho da ateira ou na antiga pitombeira
ou ainda mais distante o piado da jaó

Quero uma tigela de alegria e uma caneca de
água fria pra alegrar meu coração
Toca rabequinha – toca
toca rabequinha de mandacaru
Lembra-me aquela antiguíssima canção
pelas mãos da alma do Zé Baú

No Divã Amarelo

Neste silêncio redondo de apenas 32 metros quadrados nessa
metafísica das fábulas inexistentes não vistas nem possuídas
e que nunca as tocarei pois sou mesmo um desajeitado que
não sabe se administrar nem correr atrás um tímido um
tolo um ingênuo um bobo que nada sabe e que se supunha
esperto e orgulhoso: eu e Eu Por que orgulhoso? – Perscruto
circularmente pra nada encontrar – Constato que não sou
orgulhoso coisa nenhuma – Não há qualquer razão pra isso:
sou de fato uma grandiosa M – De dentro dele (do silêncio)
vou ruminando minha real insignificância que eu mesmo
a construí pra mim sem qualquer reflexão ética e lógica ou
ilógica ou para além das possibilidades ou impossibilidades
desta vidinha vidinha vidinha

– Vidinha chata
suja
sem fábula
sem metafísica

Aonde foram os meus sonhos? – Sei lá – Morreram Suicidaram-
se nas sarjetas noturnas da maldição Onde estou? – Estou onde
estou: sozinho e este silêncio redondo a tecer a metafísica das
fábulas expostas aqui mas imaginárias e ausentes como o amor
o carinho a palavra de apoio a mão no ombro
a muleta

(Ninguém se preocupa (bom ser anjo) se tive projetos se hoje
apodreço – Exagero: alguns gatos pingados meus bem como
raros amigos se preocupam sim mas são desarmados simples
duros)

Angústia depressão premonição solidão corroem-me a carne
os ossos a alma – O diabo desse telefone não toca mais (– onde
estão?) – Tocou – Engano – É pro ramal 67 – Uns três amigos
me ligam pra dar uma injeção de ânimo – Instigam-me a
superar
o estar de
        réptil
                    em que me dissipo sem
                                                                língua

(Fraco fraco – e esta flor murcha sem poder)

Ah – minha irmã (a que se encontra mais próximo) me liga
sempre e assim relemos antigos palimpsestos – Ocorre que
(apesar das nossas variáveis psíquicas) somos unidos e mais:
depositários e cúmplices de alguns segredos de família (– mas
eles existem ou são inconscientes fantasias?)
                  em tempos
                                        idos e vividos
                                                                (– Dolorosamente)

Zero

Um homem é
primeiramente
a sua profissão
e depois
o seu amor

Não tive uma profissão
não tive um amor
logo:
– sou um zero

Recordando o Maranhão

para Arlete Nogueira da Cruz
Jomar Moraes
Nauro Machado
Rodrigues Marques
Tobias Pinheiro

Olho o mapa do Maranhão no mapa
do Brasil e o vejo feito como o meu coração
(– pelo desenhado)

Volta no tempo
volta ao lugar meu coração mole
(– no recordar)

Nesse voltar por dias e noites já perdidos com
mãos teimosas tento pegar impossibilidades:
emoções cores cheiros gostos ares terras e
águas estórias e árvores bichos e gentes
(– alguma coisa)

Vejo o corpo do Maranhão no corpo
do Brasil e o sinto bater como o meu coração
(–no peito)

Objeto Inteligível

Por que sou tão impermeável (pergunto)
enigma pedregulho tal o meu poema (po-
ética e poesia) – um seixo opaco mo-
nera a rolar no fundo de milenar rio
escuro – que não se abre nem para mim
Seixo e rio antiguíssimos vou romper
seus cernes e seus limites para que
o poema – objeto inteligível – viril
e cortante (como o verso do Armando
Freitas Filho) se faça e todos possam
participar dessa luta com palavras
(luta mais vã) guerreando até o final e
sobre o corpo aberto na página branca
matar a fome: comendo bebendo e amando

Colírio

para Ferreira Gullar

Num mar azul de mulheres
meus olhos olham em zoom
tangas – bundas
dorsos – dentes
olhos – caras
peles – pêlos
coxas – xotas
pernas – peitos
ombros – lombos
E este balanço moreno bronzeado provocador
aqui ao meu lado
agitando meu coração
nesta praia azul
mar azul
ar azul
(coloridos)
neste domingo
neste domingo carioca
neste domingo carioca de sol
neste domingo carioca de sol e samba
neste domingo carioca de sol e samba e futebol
desta mulher bonita
deste tesão e colírio

Amazônia / 3

De repente
de repente
de repente
essa química
essa piração
esse fumar polissêmico policromado
esse embrenhar-se na clorofila da
imensa Floresta Amazônica
esse imenso mormaço forte
de repente tão verde
esse deslizar da enorme Boiúna
esse sonhar dum Povo da Floresta
esse Navio de peixes pássaros e tarumãs
essa água sem-fim dos rios Negro e Solimões
enquanto o Áureo Nonato abrigado
no seio duma vitória-régia vai
ouvindo as cantigas da Iara
e as cantadas do Tucuxi

A Cigana da Praça do Russel

para Lucélia Santos

Aquela mulher de olhos pretos
como petróleo cru (nua – parada)
traja um vestido longo de seda
vermelho (vejo-a despida)

De dentro do fogo dos seus olhos
salta o corpo cigano sensual moreno
e alegre (os olhos dela (da cigana
(cabelos ondulados e densos) ali
parada) rondam por toda a Praça
de São Sebastião do Russel para
enfim desnudarem o belo da Igreja
de N.ª Sr.ª da Glória do Outeiro)
monumento de beleza esculpido
nu em pêlo ainda que vestido

A Fogueira

para Olavo de Alencar Dutra

Este sofá de brim preto com debrum verde
minha cama – sempre catre – de dormir
(as árvores amarelam as folhas lá fora)
suporta sem escrúpulo meus tolos sentimentos
No lado oposto: a arca e o candelabro judeu
Na parede sobre o sofá: um quadrado vermelho
dentro dum amarelo dentro dum preto vão
construindo um tapete ancestral e velho
fogo e chamas: a fogueira em covas perseguidas
Meus sentimentos são turvos nesta manhã
batem as asas e voam pela janela lateral
enquanto as crianças pisam as folhas
na Praça do Russel – aqui em frente –
chão cativo e bom para o suicídio de poeta

O Tapete

As catacumbas e as sepulturas mortais
vividas num seviciar inquisitorial
hoje repenso ressuscitando-as do
limbo dos abismos mentais adormecidos
na urdidura nesse tecido de sentidos
e nas três cores do tapete ancestral
e velho que nos cobriu naquela noite
Noutro poema as crianças pisam as folhas
na Praça do Russel porém neste recordo
meus amigos sumidos numa noite de fero
terror e vil prazer da ditadura: Edu
Alex Jorginho Roberto Jorjão Olivinha
Lia Bibiana Rodolfo Carlos Milton Lu
Meu coração dói de tanta dor coletiva

No Meio da Praça do Russel

De pedra – São Sebastião flechado no
meio da Praça do Russel sente no
corpo uma invisível e solitária
flor de adônis
No espaço verde dessa metáfora viva
algumas árvores caíram assassinadas
pelas mãos furiosas de um certo
agente-laranja
                    Sangue e clorofila
sujaram as raízes no útero da terra
As flechas ferem a dura carne do santo
diuturnamente
na chuva e no sol
                         Todavia ao meio-dia
ou na hora nona surge um sinal: a flor
vermelha que alaga a praça ao trazer
                         o antigo mar
e numa esquife de ondas o cadáver
(peixe) oxidado e nu do afogado Escobar

Plano Inclinado do Outeiro da Glória

Na minha rua existe um trem
no seu trilho
Esteve parado durante muito tempo
e agora segue a sua missão
Diariamente eu passo pra lá e pra cá
e o vejo entre o morro e a praça
mas aquelas crianças lindas já cresceram
Plano inclinado do Outeiro da Glória
meu velho vizinho restaurado
                                        ouça:
– para minha *vida inclinada* não
há restauração possível

Fauna Estranha

Olhamos em volta
o metrô estava em silêncio
mas todos mascavam

Meninos e velhos
jovens maduros e podres
lá todos mascavam

Nas bocas pra lá
                pra cá a goma de mascar
que todos mascavam

Essa fauna estranha
bípede má com razão
mascando chicletes
é a dos homens ruminantes

Saltamos na Glória

Morte Suspeita

Com *Madame Safo: Imperador de Lesbos* – riquíssima e
bela fantasia – ganhou no último Carnaval (no des-
file do Hotel Glória) o primeiro lugar em luxo mas-
culino
Fedeu no quarto até que o síndico comunicou à Polícia
Por trás da pesada cortina de veludo bordô – apodre-
ceu o cadáver de Marx Freud (Em tempos pretéritos foi
guru e mago de boa parte da massa)

O Enterro de Benvinda

para Duda (Tamarindo Duarte)
e Sílvio Júlio Nassar

Estávamos na calçadinha da nossa Casa
Raiava lerdo e sonolento o amanhecer no Angical
(Nossa família unida ali talvez fosse feliz)
De longe nos chegavam os gritos dos carregadores
e as rezas das carpideiras embaladas nos passos
da correria e pelos vigores da cachaça
Eis que – logo logo – em nosso pátio surgiam
todos eles e a rede com o cadáver de Benvinda:
um pé descalço
(ao vento)
balançava
fora do lençol
na borda da rede
Além ou aquém do pé de jatobá
estacionava o féretro
Enquanto bebiam e descansavam
– mamãe (parenta da defunta)
calçava meias naqueles pés gelados pela morte

História do Brasil
(fragmento 156)

para Edson Vidigal

"Luzia da Silva – analfabeta de pai e mãe
e por parte dos demais parentes
                                        e aderentes –
foi nomeada para o cargo de professora"

O pessoal da oposição rolava o papo
pelos quatro cantos do Estado

" – Luzia é analfabeta
Excelência"
" – Meu filho – isso não é problema –
se Luzia não lê então não vê
A coitada será aposentada agora mesmo
como cega"

Dizem que o episódio aconteceu no Maranhão
quando o velho PSD dominava explicitamente

História do Brasil
(fragmento 185)

Quatro ou cinco cinco ou quatro ou seis anos
quatro ou cinco cinco ou quatro ou seis anos
quatro ou cinco cinco ou quatro ou seis anos
quatro ou cinco cinco ou quatro ou seis anos

Jornal revista rádio tv e políticos
falando do tamanho do mandato do Sarney
(– E vão torrando os colhões da gente)
quatro ou cinco cinco ou quatro ou seis anos
quatro ou cinco cinco ou quatro ou seis anos
(– Que saco uma pátria sem dente)

Acabou 87 começa 88 como um disco rachado

História do Brasil
(fragmento 192)

Guardo na memória e no coração aquela tarde
daquele dia
quando visitamos o Museu Histórico Nacional
Fomos repensando os desvãos abissais do passado
brasileiro num abismar – peça por peça – pedaços
de glória fausto amor mistério dor vida e morte
Ângela reclinou-se
o ombro desvelado
desejei beijá-lo
Numa sala um tanto sombria – madeiras seculares
encardidas reificam o fato histórico – peças
do patíbulo de Tiradentes
Aproximei-me delas – senti um arrepio e dor nos
ossos – não consegui tocar-lhes

História do Brasil
(fragmento 222)

Estou bestializado (mais uma vez)
                                        e perplexo
nesta manhã de 24 de março
de 1988
Chumbo turvação e vazio – ontem
Hélio Pelegrino foi enterrado

Presidencialismo e cinco anos
de mandato presidencial
racharam o PMDB

Lula (PT) e Brizola (PDT) queriam
o presidencialismo
mas cinco anos pra Sarney
                                                     nunca

Carlos Cotta
Carlos Mosconi
Célio de Castro
Mauro Campos
Octávio Elísio
Pimenta da Veiga
Roberto Brant
Ziza Valadares
                              (mineiros)
Cristina Tavares
Fernando Lira
                              (pernambucanos)
descontentes saíram do PMDB
Juntar-se a eles outros virão
e um outro partido fundarão

Fernando Henrique Cardoso explicou
a estratégia:
se derem cinco pra Sarney
(nas Disposições Transitórias)
o novo partido decola já
se derem quatro
a estratégia será revista

(Todos (mais ou menos) estão de olho
na Grande Senhora Presidência
e no dote que sua mão dará
assim como no leitinho
de suas belas tetas
E o povo como fica? – Resistindo
resistindo resistindo
Mas apesar dessa resistência
o blefe o engodo
e a rasteira vencerão)

É por tudo isso que continuo bestializado
nesta tarde deste mesmo dia

História do Brasil
(fragmento 277)

Uma Besta-Fera com inumeráveis garras e dentes
em mandíbulas secularmente mareadas
mais 77 mil infinitas ventas de fogo
foi a Seca de 77 – esse horror
que desolou "a terra da Mãe de Deus"

(1877-1880) O Ceará e seus vizinhos caídos
sentiram a boca do inferno: fome sede sol dor fel
inanição fedor miséria clamor flagelo morte morte podridão
assalto cangaço peste varíola diarreia (*bomba suja*
– escreve Ferreira Gullar) beribéri veneno
cegueira vindita angústia crença solidão

"No auge do desespero
o povo comia cachorros, morcegos, cobras
e urubus. Até couro salgado serviu
de alimento."
"Esse espectro de terror
nunca mais sairia da lembrança do Padre Cícero."

(Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros –
querida amiga – pelo lance de dados nos seus
escritos antropológicos – obrigado)
Brasileiras e brasileiros de agora (como os
de antes) vão frugalmente comendo assim ou assado

História do Brasil
(fragmento 333)

para José Ribamar Cardoso

Agora mesmo – como desde o Descobrimento
do Brasil – o índio está morrendo
pela ação vil do homem branco
(Em verdade em verdade: vil de vileza)

Certa vez – Anchieta chegou numa tribo
e logo após os índios deram
de morrer em massa
Padre Anchieta deu graças a Deus
por ter chegado ali pra levar o batismo
e a extrema-unção aos nativos

(Os índios morriam contaminados pela gripe
que o catequista espargia nos espirros santos)

Receita

Amor bolor calor dor flor
rimadas não me dão emoção
Rima velha não é poesia
Rima velha é apenas combinação
de sons: bam-bam bum-bum pam-pam pum-pum
            Rimar é amigar os sentidos:
carne com feijão
coração com amor
lavrador com terra
arroz com boca
ânus com fezes
vagina com pênis
caminho com pé
fé com Deus
nada com tudo
sangue com alma
vida com morte
paixão com fantasia
Teus passos perseguidos
neste empório-azul de sonhos
mais emoções e palavras fazem a poesia

Rosa Encarnada
(grafitos)

para José Louzeiro

Rosa encarnada
rosa vermelha
rosa de luz
rosa de luxo
rosa nunca burguesa
Rosa Luxemburgo
rosa mulher
rosa flor de mulher
rosa de Marx e Engels
rosa do poeta Drummond
rosa do povo
rosa da vida
rosa de sangue
rosa de Vargas e Jango
rosa nacionalista
rosa nunca de esmola
rosa trabalhista
rosa da escola
rosa na escola
rosa socialista
rosa do Brizola

Objeto Torturante

Nada é mais torturante de que um relógio
ainda mais se é um daqueles grandes
de parede
com
seu

p
ê
n
d
u
l
o

freudiano
pra
esquerda
pra
direita

(Se a memória não me engana – essa constatação
referente ao relógio já foi feita
pela Clarice Lispector)

Quando eu era menino desejava ter
– algum dia – um relógio de parede
pra bater como um sino de hora em hora
(bam bam bam) contando o tempo

Mais tarde percebi que esse objeto torturante
não consegue contar o tempo que é unitário
agorúnico
Ele vai contando – isto sim – nossos passos
para a morte

Viagem

à memória de
Raul Seixas

Um homem ou uma mulher
sete luzes brilhantes
mais
sete luzes brilhantíssimas
uma mesa de ônix negro
um canudo de ágata
uma praia de areias branquíssimas
um jumbo multicor
uma lua de prata
um sol de ouro em pó
um campo
uma flor
um corpo
fina dor
O voo é longo
a paisagem paradisíaca
a vertigem profunda
um barato
Vida alma sopro viração
são
essa ave livre no pleno gozo
de suas leis: canto
voo
liberdade
numa viagem brevíssima
dúctil
pela contramão
pra nunca mais voltar
ao corpo
agora
simplesmente
inútil

Metafísica

para Fausto Cunha

Procurando o vislumbre do Ente e Ser
por entre ramagens da Floresta Negra
ia Ele – fauno bode corvo – na boca
o gosto da relva e das papoulas

– Papoulas? – Eram exatamente papoulas?
– Não sei nem isso me induz à Regra
do fazer nos ramos o som que me toca
na brancura do Linho antes de se tecer

Pequenino homem ou cão vadio ou rolas
sangue-de-boi noutra floresta negra
como fruta verde nalguma mesa posta

Pequenino homem só rumo do anoitecer
entre ramagens o corpo rubro coloca
nu no poema como no Livro que se gosta

Lição do Mundo

Adolescente – sonhei com tudo o que tive direito
contudo nada alcancei
nem os sonhos possíveis
(– E este cravo sempre murcho)

Batalhei – lutei até me danar

Aprendi de cor a lição do mundo
(isso – nem todo mundo sabe)
mas do meu coração – vaso pequenino e burro –
transbordam
                    as dores
                    de amores
                    nunca realizados

Diante da Estante

para Fernando Batinga

Prateleiras da bodega onde
trabalhei e vivi
do teu avesso livros me olham:
o velho Hegel me espreita

No tempo ruço agorúnico
a morte é geral pra todos:
flor de cajá e homens

Mas só achamos que o outro é
que morre: vai pro inferno
(Eu não (diz ele) eu sou imortal)
“Um filho da puta não morre”
digo eu – apesar do pó a cobrir
a vida os sentidos as capas

Limpo a poeira de tua
capa camarada
livro do amigo exilado
baiano morto no Chile:
José de Oliveira Falcón:

Canudos
guerra santa no serão
santo santeiro
antiladainha dos "milagres"
vida vitalina
sempre em cio contra a morte
e nossas faltas domingueiras:
de estéticas e táticas
de homens e macacos
de misérias e massacres
de guerrilhas e festejos
de tatus e cajus
(ouço agora no silêncio)

Neste instante mão fechada
esmurro meu peito
e esta dor seca sem
água pra beber me sufoca
no meu quarto três por três
sem nenhuma dialética em
dezembro de calor e saudade

2

Estante sem verniz e trato
do meu quarto – teu
outro lado é este recordar
coração de volta: pois

saudade é sempre lembrar
(flor de cajá e homens)

Novamente te deixo
livro camarada
no pó das prateleiras
da bodega intemporal
nesta noite de procura
nesta noite de loucura
numa luta com meu medo

Penso-me um bruto urubu
(sem nenhuma dialética me
visto de vários trajes)
e também:
um gordo banqueiro
um grave industrial
um bravo general
um surdo cardeal
um velho milionário
(cancerosos)

Mando seviciar explorar
infligir a dor
retirar o trabalho
roer os olhos e os ossos
dar um pau na consciência

sugar o sangue e o esperma
e por fim matar
(indiferente e saciado)

Esqueço que vou morrer
também (apodrecer feder:
o ânus (olho esbugalhado)
expelindo gases e excrementos
fedorentos)
e ser comido pelos vermes
poro por poro (carniça)
amanhã ou depois ou já

Os morcegos em voos
                                        cagarão
os coveiros sem asco
                                        mijarão
sobre o que já foi um rosto
um duro e autoritário
rosto de mandatário

A morte é geral pra todos:
flor de cajá e homens

As Sandálias

Prodamor preto e pobre caminha – Esguio e breve
Calça de brim: entre amarelo e caramelo – Camiseta
do Flamengo – Vende limão – Limpa automóveis
Lapa calçada da Mesbla porta do Serrador Rio
Branco Passeio Público Cinelândia: seu mundinho
de menino e adolescente – Nasceu no São Carlos
Filho de nordestinos

Prodamor preto e pobre para na esquina – Olha o
mundo – A banca de jornais do Paolo (olho de gato)
A carroça de pipocas do Mangueira – O gringo e a
dança erótica das formigas – Maísa bicha velha
contando seus mil amores centenas de milhares em
anos e anos – Maísa feia sem dentes corcunda
sobrancelhas de carvão boca pintada – Maísa a tal
(sem biografia) e igual a tanta gente – Gavião
Mala-fria – Camelô – Prodamor (produto do amor
de mulher e homem sem nomes) onde está?

Prodamor preto e pobre não foi mais visto
Sumiu no mundo – Sumiu do mundo – Sumiu
Dizem que virou notícia de jornal – Comeu o limão
Puxou o carro? Bebeu o fel – Melou-se no mel
Gritou: Mengôôô! – Sambou no Vasco – Vestiu-se
de América – Subiu o morro

Prodamor preto e pobre estava de calção azul
e havaianas pretas e surradas quando foi preso
Não reagiu – Foi-se – Esguio e breve
Não disse nada – Andou – Sem bilhões com grilhões
Sem amores com temores e dores – Sem ternura
com tortura – Sem discurso de político
Sem rosto de namorada e palavras da mamãe

Prodamo preto e pobre (ou outro qualquer) foi
encontrado (dias depois) num lugar qualquer
na Baixada Fluminense – Morto e podre
No peito as marcas do Mão Branca (Crachá vil)
Sente-se grande dor – Na boca um gosto azedo
de sangue – No nariz um cheiro pegajoso de merda
A TV mostrou pra todos aquelas havaianas pretas
rotas tortas com um ar de medo (um pé aqui o
outro adiante quase emborcado) deixadas na beira
do caminho – Velhas sandálias havaianas
– Velhas sandálias de ladrão ou do pescador?

Caxias Recordada

para a reflexão dos meus conterrâneos

– Caxias!
            – Caxias!
                        – Caxias!
                                    – ó Pátria
guardai no vosso peito
o nosso grito nunca proferido
– Sim – Exatamente isto: o nosso grito

No entanto sabemos (com alegria) que
a morte é a vassouro do tempo:
tudo limpa
tudo faz desaparecer
Tudo da carne: a beleza e o tormento
Depois (tudo varrido: – limpo e reconciliado)
resta-nos ancorar no esquecimento

Mulheres das Facas

– Mataram o filho do Zé Coutinho (o grito veio
lá do fundo do terreiro – naquela noite de fes-
ta – nos confins do Maranhão)
Maroca e Angelita (mãe e tia da vítima) tomaram
as facas dos assassinos e os mataram também ali
mesmo – fizeram justiça com as próprias mãos:
olho por olho dente por dente

Morrer Publicamente

Saiu lépido de um dos salões de cabeleireiros
do Avenida Central
Pele bem tratada – unhas e cabelos feitos
No cruzamento da Rua da Assembleia com a
Avenida Rio Branco
                  na porta do Banco Bozano-Simonsen
                                    o homem caiu
– ali na minha frente – fulminado
pelo infarto
Foram surgindo umas placas roxas no rosto
que foi adquirindo aos poucos uma tonalidade
de cera
Alguém se curvou sobre o morto (um gesto que
me fez lembrar a peça do Nelson Rodrigues) e
fechou-lhe os olhos baços salpicados de areia

– Será bom e digno cair morto na via pública?

Retrato N.º 1 – o Dançarino
(Rodolfo Solmoirago)

De perfil: lembra-nos
um guerreiro fenício
De frente: as sobrancelhas
    uma gaivota
                    no
                        ar
– De que País ele veio?
– Não importa: é ente total ser
universal: índio chim afro ariano
inglês gaúcho judeu argentino um
pau-de-arara um amazônico um rei
franco ou russo (sei lá)
olhos vadios de amêndoas
boca sensual de maçã pecada
cabelos lisos e soltos
como arrozal no viço
corpo de Apolo rubro
e palmeira brasileira
Te amamos nos templos da noite
ó filho de troncos heroicos: nossa grande paloma de
dorflormar
ludo-cavalo fogo dança voo e cor
Tua mulher (Mercedes) cultiva
essa ave rara e bela: condor
cabeça de Nefertite
a que damos o nome de Rodolfo
num corpo corpo: *pas-de-deux*
Nijinsky pássaro-azul livre nu ar'te

Retrato N.º 2 – o Mágico
(David Copperfield)

Mágico número um (Com nome de rei bíblico)
te sonhamos na transparência
dos arredores da poesia
e na dança dos teus dedos

Vejo-te (Por minha vez te faço belo)
alto e esguio como aquela aroeira hoje
tombada dos meus mundos de criança
Altíssima aroeira donde a velha Jacinta
do alto uma folha despencada uma gota
de orvalho caindo no abismo augurava um dia ser

Tu e todos os mágicos imortais novamente trazem
numa bandeja a nossa infância
Recriam o mundo com mãos ágeis ilusórias
com varas casacas lenços cartolas
gestos lúdicos de beleza
mais e mais tudo: ó mágico número um
sem salmos nos saltos espaciais chegando
casa adentro entrando em cores
rápido corpo ereto no
nosso vídeo como na tua própria mágica

Alto e esguio: poste do Parque
do Flamengo jogo de beleza
na frágua desta dança de leveza
dos teus dedos e da tua real escultura: ó David

Retrato N.º 3 – o Desmarcado
(Ilário da Costa Veloso)

" – Seu Ilário – Seu Ilário
– Tire a garrafa do bolso"
                Gritava a molecada
                (Éramos uma cambada de insolentes)
Pra minha geração
                seu Ilário já era bem velho
joelhos a se roçarem – torto de um olho – mulato
pés largos e grandes joanetes
(– Era assim mesmo?)

O velho Ilário morava pros lados
da Rua do Angelim
De um lado pro outro – caxingando – ia
agarrado no bordão de pau-ferro assado
(O inseparável jucá
com o que ele desejava rachar
as cabeças daqueles demônios
Nós – a corja safada)

Comentavam à boca pequena que dona Fulana
dona Beltrana e dona Sicrana – grã-finas –
trepavam com o invejado jumentão
(Antes – davam-lhe cheirosos sabonetes)

" – Seu Ilário – Seu Ilário
– Tire a garrafa do bolso"
                Gritava a molecada
                Aturdido – o velho devolvia
a provocação: " – Vá tumá nus quartu fius di puta
                a garrafa é pá rumbada
                di mãi di ocês"

Em Caxias – do Cangalheiro ao Barrocão
do Alecrim ao Ponte – garantiam que
o velho Ilário era um desmarcado
tinha um pênis
grande e grosso
cerca de 25 centímetros

Monte Fuji

Vejo-o num postal
como um seio de donzela
nu no chão deitada

Carta Para Deng Xiaoping

para Cristino Costa

Junho – como o abril de T. S. Eliot –
também “é o mais cruel dos meses”
(desgraçadamente – dizem uns e outros)
– Não cremos nisso não
        senhor homem forte Deng Xiaoping

Neste junho de 1989 vemos
a pele da grandiosa China
supurada – vazando pus
(– senhor Deng – coca-cola dá sangue?)

A inflamação é visível
Está inchado o Corpo Amarelo
que um dia o velho Mao Tsé-tung curou
da fome miséria ócio e ópio

A inflamação é visível
Algumas cabeças estão dopadas e
tontas pelo retrovírus de Tio Sam
sub-repticiamente inoculado em nome
da liberdade do dólar e
da democracia ocidental
                                        (demo-craca-cia e
                                                        aids)

A infiltração no país alheio
– esta sim: diabo sem rosto –
é cruel cruel crudelíssima
(nunca junho e abril ou agosto)
A Democracia (uma vez que é popular)
da China geme chora chora – gangrenou

– Não pode morrer a Flor Vermelha
que um dia o velho Mao Tsé-tung criou

Leis

Leis devem ser
as vontades da maioria
absoluta
de um povo
nelas escritas

Liberdade

Liberdade é
o cumprir as leis:
o sangue nas veias

E dentro delas
desses reinos:
um dos reis

Sou um homem livre:
eu cumpro as leis
antes: a Grande-Lei

– É – É – É
(Cazuza – não chegues ao fim –
dar-te-emos beijos de cor carmesim)

P. S. Para Li Peng

Ao pé da carta para Deng Xiaoping
esquecemos de anotar o seguinte
recado para Li Peng:

– Olhas as águas

(em catarata)

caindo

do

alto

da

pedra

Réquiem Para Raul Sendic

para Beatriz Bissio
e Neiva Moreira

glória
senhor
Sendic
Uruguai
Uruguai
a mar te
a mar ti
a mor es
a mor os
a mar as
tupa tupa tupa tupa
a mar os
a mar as
tupamaros
tupamaros
a vida
a luta
o mate
o r e m o s
s e n h o r
S e n d i c
l u a r
l u a r
R a u l
Uruguai
Uruguai
a mor te
ai ai ai

As Landras

"Sangue é vida
sangue é morte"

Serafim gritava na porta do hospital

Acidentado – deram-lhe uma transfusão
com sangue contaminado

"Olha só o meu pescoço cheio de nós
Está parecendo um saco de batatas
Assim inchadas as landras vão supurar"

Ontem – Serafim morreu de Aids

Erótica

Fodina: sinal signo vazio
da velha língua em desuso
(– ó DINA) (– ó FADO)
no sonho solitário
de nada de mim
Solidário teu sol etário
sem luz calor e
brilho: eu cá só e só
de noturno pra soturno
a dormir sem a canção e
a dança do gesto real
sob um lençol marcado
de medo de viver a vida
(– ó FADO) (– ó DINA)
malgrado púbis de sonho
machucado poço: *fodina*

Cantada

Na Praia de Ipanema
Carlinhos foi cantado pelo cantor
Respondeu amavelmente: “Não tenho
nada contra
                    mas não curto esse barato
                            não
                                meu irmão”
E saiu pensando

(Gosto da tua voz
da genial interpretação
tua voz no samba e na canção
Agora comer tua bunda
dois pneus de caminhão
não não não
isso não como não – meu irmão)

Doidão

Teve vontade de dar
uma porrada seca
na cuca da vovó
E deu – um tapa bem no cocu-
ruto dele mesmo – doidão
(Mário João) da ideia
colorida cabeça de cinza
cheia de fumaça e pó
fumo coca pico baseados
nos frutos de ouro
arco-íris e som roqueiro
Uma porrada na ideia:
coisa nossa cheirosa
(maconha? manga-rosa?)
(coca? pó da servidão?)
ele beija a diaba e
berra: – "coitada da vovó
tu: velha Maria Joana"

Cão Com Clã

para Aguinaldo Silva

Éramos três rapazes fortes
(pensávamos) vindos do norte
um – do Maranhão
outro – da Bahia
o terceiro do norte de Minas

Fernando – entardeceu triste
exilado por
Europas sombrias
Áfricas quentes
Ámericas latinas
(ou *latrinas?)*

Benedito – foi sumido em noites
de novembro (ninguém soube
ou viu nem abriu o bico
e o soltou) e talvez
ainda viva a apodrecer
nalgum salgado calabouço

Henrique – castrado e assassinado
foi encontrado nas redondezas
da Presidente Dutra
(perto da Universidade Rural)
Fios de nylon amarraram
seus gestos e seus passos
No peito um cartaz
brasão marca registrada:

CÃO COM CLÃ

Morávamos no Catete:
conjugado pequeno
alguns raros amores
livros e planos (sonhos)

Orelhinha

Qual um Van Gogh
oriundo de abrasado sertão nordestino
– sou meu cacto

A lata

lata de leite moça
lata de leite em pó
lata de nescau
lata de marmelada
lata de bananada
lata de farinha
lata de sardinha
lata de caviar
lata de poeira
lata de poemas
lata de sonhos
lata de coca
lata de cola
lata de morte
lata de lixo
lata de tudo
lata de nada
lata de vaselina
lata de mato
lata de barato

Jeba

Em sentido amplo – Jebaro P Grande
(Jeba para os amigos íntimos) era
e é um homem potente e bem dotado

Casou-se com três mulheres bonitas e ricas
também come a fortuna de muitos homens ricos

Cidadão-171

Era um indivíduo igual a milhões:
sôfrego solerte e politiqueiro
Não tinha paciência para
ler nem uma frase
Dormia ao ouvir uma historinha
com três linhas de fala digestiva
Só pensava em trepar
Entanto conseguiu tudo
(ou quase): ouro e poder
apesar das muletas verbais
Era mesmo um predestinado:
conseguiu até editar sua biografia

Invenção

para Décio Pignatari

Rosa azul é flor
desenho em círculo nunca
visto na paisagem

Ode a Pelé

para Ruy Rios

Negro
atleta
gênio
brasileiro
universal

Uma ode
sem ódio
redonda
dou-te douto
mago maioral

Tantos te odeiam
outros te invejam
Aqui no Brasil é
assim mesmo Pelé

Tortura

à memória de
Rubens Paiva
Stuart Angel
Vladimir Herzog
e tantos outros

Pin
pin
pin
pin
pin
pin
pin
•
•
•
pin
ga
va

a

á
gua

o

tem
po

to
do

na

la
ta

va
zia

so
bre

nos
sas

cu
cas

Ti
to

fi
cou

doi
do

Zu
zu

mor
reu

so
bra
mos

ele

ela

e

eu

mas

a

á
gua

go
ta

a

go
ta

con
ti
nua

pin
gan
do

na

la
ta

va
zia

as
sim

•
•
•

pin
pin
pin
pin
pin
pin
pin

A Bruxa-cega

Dizem que o presidente rouba
os ministros
os deputados
os prefeitos
os juízes
os delegados
os militares
os policiais
os pobres
os ricos
os comerciantes
os industriais
os ladrões
os doutores
os governadores
os senadores
os vereadores
os desembargadores
os tabeliães
os militantes
os não militantes
os trabalhadores
os latifundiários
os banqueiros
os fazendeiros
os desempregados
os pastores
os padres os bispos os cardeais os carolas
o papa
o povo
o rei
o gato
o rato
dizem que todos roubam
Diabos – pra que essa coisa toda?
A socializadora de tudo
– a bruxa-cega –
quando menos esperamos
chega e nos pega

O Tigre de José Paulo

José Paulo Moreira da Fonseca é realíssimo
poeta pintor carioca de Botafogo (do Largo
dos Leões) cristão católico do tronco Aragão
De porta em porta de janela em janela
com ela (a poesia) vai apreendendo o tempo
esse tigre na selva no circo felino feroz
olhar solene de fuzil – ou suave como
a suave pantera de Marly de Oliveira
Ali em frente cara a cara: ele (o tigre)
no corpo no sangue no imaginário sagaz
animal perigoso é muito bem verdadeiro
mas se saltar de lá pra cá comerá
primeiramente os argentinos do camarote
Portas azuis janelas amarelas quadros
pincéis espátulas tintas óleos bisnagas
telas nuas olhos mãos traços negros de
Rouault (e Matisse?) um arco-íris: cor e poesia
recurvadas sobre o mundo (vermelhos) mais a
emoção vital mortal oculta num salto possível
exato (susto) a ser dado por um dos três tigres

O Vazio dos Homens

à memória de
Mário Camarinha da Silva
– o Mestre

No vazio dos homens
mora talvez o melhor do Homem:
– o Nada
Aí – como no vazio da casa – está azulzênite
o espaço vazio pro voo do urubu-rei
do meu canário amarelo cantador
e do beija-flor – livre livre livre

No vazio dos homens
mora talvez o melhor do Ser:
– o Silêncio
Na casa (que me abriga do exterior)
– no interior do seu vazio uterino
entre paredes – o silêncio marinho
oxida meus ossos dentes e as pérolas dos olhos

No vazio dos homens
mora talvez o melhor do Tempo:
– a Unidade
Porque a construção do povo é um mais um mais um
mais um mais um mais um mais um até as multidões
Eu – no tempo unitário – e nós (homens
vazios) pescamos nossos signos (câncer: o meu)

No vazio dos homens
mora talvez o melhor do Ente:
– a Dor
Carrego no meu interior a dor – vago simpático
(ou antipático) – horóscopo sublimado
arrastando essa caveira antiga
mijada pelos ratos na casa assassinada

No vazio dos homens
mora talvez o melhor da Vida:
– o Amor
A quitanda intemporal onde trabalhei e vivi
ancora o Navio Fantasma numa noite de
Páscoa – no porão o mercador e eu cambiamos
as uvas e amamos aqueles de tudo espoliados

No vazio dos homens
mora talvez o melhor da Morte:
– o Real
Enforcado um homem sem cara balança na corda
amarrada ao galho da frondosa mamorana
nos jardins do Paraíso Perdido – aqui onde
a realidade se faz na borda do amanhecer

No vazio dos homens
mora talvez o melhor do Amor:
– a Liberdade
Os búzios de Mãe Nêtinha dos Guaiamuns
(Antonieta Rocha) desta vez ocultam Cupido
flechas e corações – nos mostram cavalo de asas
e rudes homens vazios de liberdade e emoções

Menino de Rua

para Joãozinho Trinta

Menino de rua
menino de rua
tem como pai – o sol
tem como mãe – a lua

Menino de rua
menino de rua
que triste é sonhar
nessa vida crua

Menino de rua
menino de rua
flor do asfalto
desta cidade nua

Menino de rua
menino de rua
mão pro assalto
que culpa a tua?

Miração

para Francisco Venceslau dos Santos

Bebi a água da folha
a água da árvore
a água da selva
a água do cipó
a água da floresta
a água da chuva
a água do rio
o vinho
o sangue
a vida
Bebi a vida da folha
a vida da água
e cantei cantei cantei
no gosto da miração
do Santo Daime

Fazendeiro da Palha

para Assis Brasil
Edson Guedes de Morais
José Paes de Andrade

1

Fazendas têm donos
e todos fazem por frutos
mas nem todos comem

Certa vez voltei
eu fazendeiro da palha
não os vi meus donos

Eles onde estão
eram tão duros severos
tombaram por quê?

Arrozal dourado
cachos virados maduros
pertences a quem?

Nada como ser
uma flor de puro azul
aberta no ramo

2

Vou daqui pra frente
do calabouço fugindo
livre na memória

Visitar aquele
geral velhos campos limpos
menino voltando

Sem pressa de vida
nem correr da morte já
porém ver de muito

Bulir descer fundo
cheirar pegar e sentir
palmo cada palmo

Da terra lembrança
ideia queimando braba
coisa sobre coisa

O geral é lá
contudo não é só lá
vem ser cá também

Aqui nesta luta
de viver sugado roto
olhado seguido

E des-em-pre`gado
titulado bem surrado
no lombo e no nó

Mas o geral é
grande lá: minha fazenda
de palha e gibão

Da nesga capão
de mato por dentro rumo
duma pitombeira

Um soco no saco
aquele choque na glande
que dor verde grito

Abafado grito
na noite no capuz noite
grande tão sem fim

Corredor de zinco
luz vermelhona curvados
nós por muito tempo

Água nas canelas
na sala tanque pra luz
chocar nossos corpos

Chocar nossos ovos
testículos semens filhos
sem nenhuma culpa

3

A cobra malvada
enrolada sujo crótalo
picou minha cabra

O bode chifrudo
lembra-me um quadro de infância
na jurema curva

Uma aranha negra
teceu uma teia de prata
na borda do prato

4

Um corvo em voo pleno
mostra a presença de Deus
na sua transparência

A mosca vermelha
pôs ovos numa ferida
mas nasceram flores

5

Uma pomba azul
bicou minha alma quebrada
e fez um vitral

Minha alma dorida
vitral de cacos renasce
pura em vivas cores

6

Sou porta de vidro
que o sol traspassa mas não
rompe nem cor-rompe

Também sou vitral
de um Templo lindo e terrível
sem mancha e ferida

7

Humilhei-me até
chegar ao fundo do poço
onde me encontrei

Nas águas do poço
banhei-me – limpo fiquei
para amar Jesus

Já posso morrer
mas cremem meu corpo gélido:
– no ar bailem as cinzas

Nós

para Ana
e Bira

Amamos o Ser
qual o olho do sol nascente
abrindo a janela

Queremos te Ver
qual o olho do sol nascente
na linda manhã

Daremos ao Ente
qual o olho do sol nascente
uma flor aberta

Flores Para Rosa Martins

Pequena rosa rosinha
rosa rosácea rosália
oferto-lhe rubra dália
e rosas feitas de linha

Vai meu verso pra você
ao recordar o passado
minha fala em tom cansado
cantarolando o a-b-c

Dentre os cantos de louvores
às mestras – ganha a primeira
odes ornadas com flores:
dálias rosas e jasmins

– Quem foi minha essa primeira?
– Foi você Rosa Martins

Cantar Para o Combatente Cavaleiro do Sonho: Paschoal Carlos Magno

à memória de
Adelmana Torreão

Lá vai a Barca pra Arcozelo
Lá vem a Barca de sonhação
descendo o morro numa canção

Vem dali do alto de Santa Teresa
bem pertinho da estação do Curvelo
Vem da rua Hermenegildo de Barros

Lá vai o bonde pra Paula Matos
Lá vem o bonde pra Carioca
e dentro dele – faz muito tempo –
íamos todos bêbados de beleza e azul

Teus grandes olhos prendiam a manhã
Do outro lado – o iniciante em poesia
beija (invisível) – com admiração –
a face do Poeta: arco-íris vibração
Sim: a tua face grande rubra viva
de santo encarnado – Paschoal – amigo
nossa Poeta e combatente Cavaleiro do Sonho

Faz muito tempo – dentro do bonde –
íamos todos bêbados de beleza e azul

2

Lá vai a Barca pra Arcozelo
Lá vem a Barca de sonhação
descendo o morro numa canção

Paschoal – gentil senhor –
hoje é festa – é dia de Páscoa:
teus amigos trazem braçadas de palmas
danças de roda e cantam a fala
de tuas cantigas:
"Para onde devo ir?
Sonhos paschoalando
Vencendo as distâncias
De vales e serras;
Vou paschoalando
Onde encontrarei
A felicidade,
Na mata ou no mar?"

"Esta casa não é a casa de meus pais.
Pelo quadrado da janela vejo um céu
Que não é o céu azul de meu país,
Aos meus ouvidos chega a cada instante
Monotonamente
O rumor de uma língua diferente."

"Quantos anos gastei à tua espera
– Amor desconhecido –
Fui nessa longa espera
Nessa angustiante espera,

Como o viajante
Que em noite fria
Espera numa estação distante
Um trem que não chega nunca."

"Cada ponte é um braço
Dizendo adeus
Aos que se vão
Aos que jamais
Me encontrarão."

Paschoal – gentil senhor
homem humano – doce cantor:
são tantas tuas cantigas pra se cantar
na tua ausência e presença neste lugar

3

Lá vai a Barca pra Arcozelo
Lá vem a Barca de sonhação
descendo o morro numa canção

Paschoal – velho quixote!
– Onde estás?
– Na Aldeia do Paraíso?
– Criando com amor – arco e zelo –
por aí – as mesmas coisas que criaste aqui?

(Teus amigos sabem com certeza e saudade)

Estás brincando – menino – com os anjos
nos arminhos brancos dos céus

Estás ensaiando com santos e beatos
um Auto-de-Natal no Duse de Deus
Estás criando com serafins operários
uma outra Barca pro Juízo Final
Estás animando barrocos festivais:
de música poesia voo e canto coral
Estás vigiando o *sol sobre as palmeiras*:
o sol e suas chagas – a palmeira e suas palhas
Estás contando o *tempo que passa*
na ampulheta da eternidade
Estás curtindo o *esplendor dos templos*
junto com Glauce e Sérgio Cardoso
Estás lutando uma luta sã
pra que todos sejam *sempre crianças*
Estás dizendo – solene – *poemas do irremediável*
e exemplares *cantigas do cavaleiro*

Estás fundando ampla Casa do Estudante
para os novatos que aí vão chegando:
vencedores e vencidos – pobres e ricos
belos e feios – alegres e tristes
simples partidos e partidos feridos:
do norte do sul do leste do oeste
da Rússia ou do Alabama da Líbia
ou Nicarágua ou Grécia ou Roma ou Tiro
sem fuzil todos vão entrando: saltitantes
acrobatas bailarinos estrelas atores
poetas pintores cantores pierrôs

colombinas arlequins – cores sem dores:
pretos brancos e amarelos:
sol de abril
E sambando – essa gente do Brasil

4

Lá vai a Barca pra Arcozelo
Lá vem a Barca de sonhação
descendo o morro numa canção

Faz muito tempo – dentro do bonde –
íamos todos bêbados de beleza e azul

Silêncio / 1

para Affonso Romano de Sant'Anna

O povo perdeu a língua
O povo não canta mais
O povo perdeu a língua
O povo não canta mais

O povo não canta mais
O povo perdeu a língua
O povo não canta mais
O povo perdeu a língua

O povo não canta mais
O povo perdeu a língua
O povo não canta mais

O povo perdeu a língua
O povo não canta mais
O povo perdeu a língua

Silêncio / 2

Nenhum barulho Nenhum
barulho Nenhum barulho
Nenhum barulho Nenhum
barulho Nenhum barulho

Barulho nenhum Barulho
nenhum Barulho nenhum
Barulho nenhum Barulho
nenhum Barulho nenhum

Nenhum barulho Nenhum
barulho Nenhum barulho
Nenhum barulho Nenhum

Barulho nenhum Barulho
nenhum Barulho nenhum
Barulho nenhum Barulho

Análise

Desejo
(ultrapassando os guetos
do consciente e do inconsciente)
esgotar os limites do possível
do meu possível
do meu conviver
do meu estar no mundo
do meu possível estar no mundo
do meu ser via-viagem
do meu viver dentro de mim – só
Cinzas

Abstração

Há homens horríveis
mais insignificantes que
um sujo e putrefato crótalo
numa vala morto
já no seu nono dia

"E agora, José?"

Continuo – ó meu poeta querido –
a intrigar-me acerca do homem doente
que atira pedras quando lhe dão orquídeas
– Abstraio-me e fico como um bom esquizotímico

Cremação

meu amigo
meu irmão
se uma nuvem nublou tua visão

cinzas

cinzas cinzas

cinzas cinzas cinzas

cinzas cinzas

cinzas cinzas cinzas

cinzas cinzas

cinzas

essa nuvem já foi meu coração
meu irmão
meu amigo

chora não

Revelação

à memória de
Déo Silva

Deus é o Silêncio-Total
pairando trino uno Anterior
acima do Vazio-de-Tudo

Sonetilho / 1

Bom
ser
sem
ter

Com
fel
por
mel

Pão
bom
pão

São
com
são

Sonetilho / 2

Amor
carnal
é flor
fetal

Amor
sacral
olor
vital

Amor
é dor
fatal

Amor
amor
final

Sonetilho / 3

para Antônio Justa

Senhor Deus
Pai Divino
dobrai meu
ser ferino

Dai-me força
nos caminhos
ao pisar
os espinhos

Tirai meus
sonhos tortos
Senhor Deus

Pai Divino
fazei-me um
ser lumino

Sonetilho / 4

Em louvor de São Bento,
no dia 11 de julho de
1990 – Festa dos 400
anos do seu Mosteiro no
Rio de Janeiro

Cantarei
a tua Glória
doce Rei
Tua Vitória

sentirei
Tua História
viverei
em memória

Quando eu for
seja calma
minha dor

E minha alma
branca flor
breve palma

Opção

Sou Cristão
Sou Católico
Sou Beneditino

– Minha Trindade de Ser?
– Em verdade eu creio: Pai
Filho e Espírito Santo

Optei amigos – Deus me quer assim
E pela vida afora vou com Fé até o fim

Sinal

para Carlos Augusto Corrêa

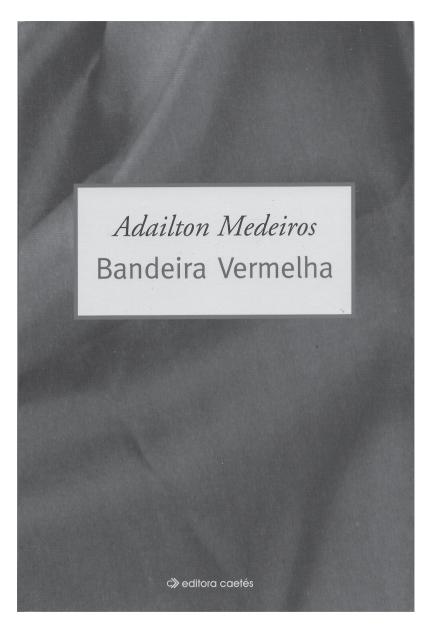
Sai de dentro do azul
uma borboleta com as vestes do arco-íris
e pousa numa flor amarela

Agorinha as vejo – desta janela
da Casa de Emaús – nos jardins de São Bento

Essa flor amarela me faz
lembrar o poeta Ivan Junqueira
com o seu belíssimo “Flor Amarela”
bem como o menino que eu era dentro dela

Eis aqui a Verdade e o Mistério criados por Deus

Deus existe

Um Ser infinito real
perfeitíssimo supremo
verbo veraz vero
vero: – Deus existe

BANDEIRA VERMELHA
[2001]

Com o título de *As mulheres & As coisas*,
este livro foi selecionado,
com apoio da Academia Brasileira de Letras,
e publicado pela Imprensa Oficial do Estado do
Rio de Janeiro, em 2001.

Para você, amiga, velha amiga

Qualquer poema é político, sempre e sempre
mesmo os que irrompem nos escuros do inconsciente
sem nos dar a chave do que é o pensar
a essência que esculpe a existência nos olhos do tempo.

– MOACYR FÉLIX

AS MULHERES

Toma-me agora que ainda é cedo
e levo dálias novas pela mão...
– JUANA DE IBARBOUROU

Não se nasce mulher, torna-se mulher.
– SIMONE DE BEAUVOIR

Adélia Prado

Adélia divina
plantação de Divinópolis
de Minas Gerais

trouxe na *bagagem*
riquezas palavras códigos
do mundo e do ser

pois *mulher é desdobrável*
no campo na flor
no corpo na dor

pois *mulher é desdobrável*
na fala no canto
na reza no pranto

pois *mulher é desdobrável*
no sabor no ver
no amor no saber

pois *mulher é desdobrável*
na lida na sorte
na vida na morte

Alcione Nazaré

Aquele rosto marrom de sol pleno
Aquela garganta a trompete de ouro
Aquele balanço de mar ave ilha
Aquela força da gente timbira
Aquele dengo da gente africana
Aquela voz de verdade e grandeza
Aquele canto vivo sem mentira
do Brasil do Maranhão da certeza

Canta Marrom! Canta Marrom! Marrom
canta pra gente uma canção do Tom!

Ana Maria

Em São Luís do Maranhão
há uma menina bonita
como lua cheia de São João
lua branca face de algodão
A menina é dengosa e dita
o sonho a festa a alegria:
– ela se chama Ana Maria
Rodrigues Lima Medeiros

Em São Luís do Maranhão
há uma menina sabida
com cabelos em cachos tão
formosos qual feitos à mão
A menina é manhosa na ida
e na vinda em piscina fria:
– ela se chama Ana Maria
Rodrigues Lima Medeiros

Antonildes Mota Gomes

A dentista cuida
da alegria da criança
no ajuste dos dentes

no branco dos dentes
pra beleza do sorriso
brilhante de anúncio

A meiga dentista
cuida do velho do jovem
do siso e do riso

A bela Antonildes
(a dentista deste canto)
canta doce música

(singular canção)
enquanto em seu violão
toca (afinadíssimo)

A bela Antonildes
(afinadíssima) canta

Arlete Nogueira da Cruz

Arlete Nogueira da Cruz
Machado: ar le/r te no tecido
da prosa do ensaio do poema
Arlete mulher mãe e escritora
Mulher do grande poeta Nauro
Machado – forte aço simbólico –
a cortar profundo na página
o belo requintado culto
exemplar e vertical poema
Mãe do cineasta Frederico
Arlete tece (ora) edifica
para a nossa amada São Luís
                    santa *Litania da Velha*

Astrid Cabral

Astrid caríssima
flor nativa do Amazonas
poeta do mundo

de déu em déu vai
bordando em ponto de cruz
um tecido mágico

de déu em déu vai
levando o *visgo da terra*
nos ossos e na obra

de déu em déu vai
trazendo a *rês desgarrada*
dos pastos brasis

de déu em déu vai
urdindo as belezas amplas
universais únicas

Carmen Costa

Benditos e ladainhas:
manjares (na mesa posta
no alto do Outeiro da Glória)
deu-nos hoje – a Carmen Costa

Delfina Maia

– Taí gente! – Taí povão! – Taí
a alegre União da Ilha: ave na Sapucaí

Livre arisca matreira gostosa
originária da África – voa formosa
a galinha-d'angola angola angolinha
angolista galinhola galinha-da-índia
galinha-da-numídia galinha-da-guiné
guiné cocar estou-fraca (a cantar)
capote picota pintada (tal qual)
chega pinta e borda no Carnaval

Dona Delfina (do alto dos seus 91 anos)
desfilando de baiana é deusa é bamba
no Sambódromo: Passarela do Samba

Dilercy Adler

A Dilercy zela
pela cultura latina
acarinha a língua
portuguesa: *minha*
pátria – nos disse Fernando
Pessoa (*nossa pátria* – dizemos nós)
Assim como a São
Luís é nossa Sé nossa
Ilha dos Amores

Dona Lota Macedo Soares

As folhas e flores
sós – do Parque do Flamengo –
te louvam no amor

Elizabeth Bishop

Posa – de mãos dadas
com Dona Lota Macedo
Soares – amando –

entre *flores raras*
e banalíssimas e úmidas
num jardim da América

Fernanda Montenegro

Oh Grande Senhora
brava e terna integridade
Dora e Donas múltiplas

Florbela Espanca

Flor bela flor bela
branca ou rosa-maravilha
flor de nossa língua

Flor bela flor bela
de um jardim de Portugal
doce amarga ardente

Flor bela flor bela
cortou-se do ramo a verde
flor de nossa pátria

Flor bela flor bela
(alma sempre viva) de alma
da conceição espanca

Greta Garbo

Enigma claro
divina mulher mistério
mar revolto mito

Helena Parente Cunha

Helena Parente Cunha é
da boa terra e da boa palavra
poética (ampla de emoção)
dada a *Jeremias sem chorar*
do bom Cassiano Ricardo
Helena molda um *corpo no*
cerco vivo livre da cerca
pra amar o mar ou amar no
miramar o verde do mar
de olho posto no mar de amar
Helena é tão singular nos
contos mínimos e redondos
(pura verdade sem mentiras)
fortes e belos como um ovo
de codorna num prato azul
(é *mulher no espelho* reflexa
abissal abismal complexa?)
Helena é permanente nos
provisórios contares e
na grande *casa* da amizade

Leila Diniz

Da Índia do céu do mar e mesmo
daqui – alegre livre feliz
jovem linda – de onde estejas
ó Leila Diniz mulher-vanguarda
dize coisas que eu já esqueci
Lembro-me todavia do dia em
que brincavas grávida – barriga
ao sol na praia de Ipanema –
e de leve pisavas na renda fina
de Iemanjá rainha-beleza em
águas azuis e espumas brancas
quando eras o ninho da Janaína

Liba Beider

Judia magra branca cabelos argentinos
os olhos críticos sombreados de verdes
Mulher erudita com séculos de leitura
um tanto rouca mãos de muitos anéis
e um cigarro aceso após outro cigarro

Enquanto velejava por oceanos de saber
e paixão – acumulava o silêncio em
tempos de solidão e espanto amargos
Morta – flutua docemente pelos campos
de trigo de urze de tulipa de agapanto

Lygia Fagundes Telles

Tanta beleza em
Lygia Fagundes Telles
mulher paulistana

criadora de
signos e de emoções
perenes nos livros

rodando *ciranda*
dançando com *as meninas*
em um *baile verde*

Nossa imortal Lygia
conversa no Roda Viva
com o Saramago

Maria Clara

O dia está claríssimo
na Ilha – Bela menina
hoje não vai chover
nem mesmo chuva fina

A claridade forte
de Clara – como lâmina –
corta a linda manhã
nas águas da piscina

Dentro da dança – dança
e baila a bailarina
na ponta dos pés ágeis
(pássaros da menina)

Maria Clara Rodrigues
Lima Medeiros – nina
flor – escreve seu livro
futuro ao som de vina

Maria Emília

Deste-me os *Sonetos* de Lorca (mas só ganha
quem não te perde) Maria Emília Saldanha

Maria Hilma Medeiros e Silva

Mãe desdobra não somente
o coração – se desdobra
toda: vida e coração
Superbacana boa gente
generosa e supermãe:
Maria (minha irmã caçula)
professora prestimosa
pequenina olhos azuis
a cultivar num jardim:
espinhos flores e filhos
Desejo-te belas flores
flores flores sem espinhos
rosas rosas amarelas
(como desejo à Maruja)
Já faz tempo que quebraste
teu braço e até hoje sinto
a dor da minha pobreza
a dor do medo e descuido

Marlene Dietrich

Anjo azul vestido
de amarelo – sonho rubro
no meu coração

Nélida Piñon

Tempo: de plantar de colher *madeira*
feita cruz após feito um *guia-mapa*
do arcanjo pois é *tempo das frutas*
no todo da *casa da paixão*? - nos
cômodos: hall varanda quarto de
dormir de banhar de guardar (despensa)
provisões cozinha sala de música
visitas lutas ver ler jantar e
de outras coisas como sombras lembranças
da *casa da paixão*? na *sala de armas*?

Sonho: dentro do real da memória
do mover fantástico cantar mágico
dentro da natureza das ideias
do texto bordado do fazer belo
ao fundar dor mundo coração traço
de arquiteto (distorço?) planta porta
coluna arte urbana e sacra de Tebas
ao seguir com *a força do destino*
colhendo ares cores de uma *república*
dos sonhos (dupla): a dele e a da Nélida

Neuza Borges

Garra e luta de
operário em construção
teu trabalho – Neuza

no palco na tela
na canção no coração
– faz tua arte forte

Olga Savary

De Belém do Grão Pará
é mulher a trabalhar
a poesia a ficção
a tradução e o jornal

Em *espelho provisório*
brilha o rosto duradouro
Fala a língua eternizada
no *magma* do poema

Da *altaonda* da selva do
riomar ou do *sumidouro*
ou da *natureza viva*
flui magna a poesia

Olga está solenemente
(qual a Mona Lisa) no
retrato que vejo aqui
no *repertório selvagem*

Rita Hayworth

Bela Gilda Gilda
Gilda Gilda Gilda Gilda
Belíssima! Gilda

Stella Leonardos

Serena elegante
magna estrela a brilhar
na terra na lírica

nos céus da canção
na *grande visão* na *flama*
sagrada na *pedra*

no lago na página
do amigo *Jornal de Letras*
do saudoso Elysio

em *tempos alados*
cantares na antemanhã
cantabile e *ar lírico*

com *passos na areia*
palmares e romanceiros
no fazer poético

Serena elegante
magna estrela a brilhar

Suzana Vargas

Suzana Vargas (– senhoras
                      senhores)
é gaúcha de Alegrete
não é triste nem alegre
é poeta

Suzana Vargas (– infantas
                      infantes)
conta *o mistério* e serve
doce de casa na página
trabalhada

Suzana Vargas (– leitoras
                      leitores)
é sempre melhor olhando
escrevendo mas vivendo
o poema

Teresa Benedita da Cruz

Edith Stein: judia filósofa
cristã católica carmelita
lírio branco branca flor do céu
fenecida
no campo nazista
de Auschwitz-Birkenau
Carne do santo lenho
exterminada
na câmara de gás horrível e nefanda
Holocausto no altar da barbárie
oferecido a Deus por seu povo
pela Fé e pela Liberdade
Vida paixão e morte
morte paixão e Vida
Santa Teresa Benedita da Cruz
Santa Edith Stein
Rogai por nós

Teresa Cristina Meireles de Oliveira

De oliveira um ramo
aos *Cantares de Marília*
mineira ou meireles

Ulda Wood

(só
estou
só)

Diuturnamente só
solidão
olvido e solidão
Ulda
(minha vizinha)
às vezes doce
às vezes amarga
avessa ao amor e ao lirismo
– mesmo assim –
não desconhece
a dor da solidão:
a dela
a minha
a de todos

Do outro lado da parede
(como num confessionário)
de sol a sol
Ulda
(minha vizinha)
lê poemas
lê jornais

Zélia Gattai

Do mar da memória
a vida emerge na foto
viva e colorida

Homens a lutar
por liberdade total
aqui ali e lá

Anarquistas, graças
a Deus na ação política
na paixão no sonho

A *senhora dona*
do baile pega um chapéu
pra ir e pra voltar

à *casa do rio*
vermelho onde vivem o
engenho e a arte de

Zélia Gattai do
muito amado Jorge Amado
amado amadíssimo

Zezé Motta

Afro dita flor
negra negra negra negra
papoula mulher

Zora Seljan

Zora Seljan: anjo
tutelar do Antonio Olinto
amor e calor

musa e companheira
Zora escritora de vários
conteúdos formas –

Festa do Bonfim
3 Mulheres de Xangô
Contos do amanhã –

faz o banho das
moças de corpo cheiroso
com chá de alecrim

num festim nos dá
Iemanjá e sua lendas
(o divino mar)

Zora Seljan: doce
musamor do Antonio Olinto

Zuleide Faria de Melo

Por que incomoda tanto
um buquê de flores de flores?
Buquê de rosas vermelhas
Buquê de rosas da Ceres
Buquê de rosas centelhas
Buquê de rosas mulheres
fortes camaradas guerreiras
doutas filósofas parceiras
Olga Maria-José Elza Jandira
e todas as outras obreiras
na mesma causa companheiras
Onde a Utopia
                    Cavaleiro?
Onde a Esperança
                        Cavaleiro?
Ali está – Zuleide – brava
empunhando a nossa bandeira
da cor dos amantes corações

SENTIDO DE COISAS

O dominó que vesti era errado.
— FERNANDO PESSOA

Quem disputa com Deus, será vencido.
— RAIMUNDUS LULLUS

Sentido de Coisas

A razão de ser de tantas
coisas antigas emerge
como sombra ou negativo
do filme que estou sentindo

ao revelá-lo sem cores
melhor dizendo: esmaecido
Mesmo assim as coisas são
contadas pelos seus traços

e contornos demarcados
Todas estão nas memórias
de alguns entes solitários
que teimam fazê-las nítidas

Percebo ao rememorar
o jeito rude do velho
vaqueiro: laço na mão
e o aboio pelos campos

O gibão bordado (que
tio Enock fez com arte)
nenhum museu o tem guardado
apenas o pó do tempo

(grande tempo inexorável)
Quanta unha-de-gato na
lida enfrentara sem medo
do fracasso e do rasgão?

Perneira (calça de couro)
chapéu guarda-peito esporas
chinelos chicote rédea
na mão faca presa à perna

lá foi o homem ereto
a galope e logo adiante
curvado por entre angicos
espinhos cipós juremas

Os estribos companheiros
como o cavalo castanho
correram léguas e léguas
rápidos nas vaquejadas

Afivelado à sela
o loro prendia a caçamba
de prata que virou adorno
no esquecimento da sala

Caronas alforjes cilhas
peças desses arreios nobres
passaram completamente
como passaram seus donos

O casarão foi tombado
junto com muitas lembranças
muitos segredos de chumbo
de muitos parentes mortos

Na sala central estavam
a mesa grande sem brilho
as cadeiras de altas costas
e os retratos nas paredes

Os parentes moldurados
(uns brandos outros sisudos)
com indiferença olhavam
os que andavam pela sala

O quintal – repleto de árvores
frutíferas: sapoti
laranja banana manga
tangerina ata mamão –

(que ostentava a sua grandeza
indo além da fontinha) era
guardado por cercas altas
e trepadeiras suspensas

Os homens: avôs pais tios
irmãos primos eram donos
das terras dos bois das vacas?
– Uns sim outros nunca foram

Um avô – olhos e cabelos
azuis de Portugal vindos –
levava o gado ao curral
e dava-lhe pasto e sal

O outro – olhos negros cabelos
crespos de África trazidos –
com linha e agulha cosia
ternos mantos e mortalhas

As mulheres: avós mães
tias irmãs primas lerdas
caminhavam pela vida
pequena sem horizontes

alargados (vida – cheia
de cochichos e traições
entre paredes – tecida
nas tramas dos corações)

O sentido verdadeiro
de coisas antigas é
o que resta em transparência
nessas memórias herdadas:

miragens saudades sonhos
passados de pai pra filho
como são também a dor
o código o amor o sangue

Sensações

Vejo uma esquadrilha de urubus
descendo em voo rasante
sobre as carniças fétidas
de nossas reses – bem distante

Ouço dentro da noite sem lua
o rincho das éguas no lote
e o chocalho da cascavel
enrodilhada pronta para o bote

Sinto um almíscar de urina
presa no prepúcio já extinto
do menino arcaico em busca
do tempo perdido que não pinto

O gosto bom das maçarandubas
enche a minha boca de água
adoça a minha língua amarga
e me conduz à moça de anágua

Tateio o chão de barro batido
pé ante pé sorrateiramente cruel
para perscrutar a obscenidade
e a traição da casada infiel

Fazendas

Palmeiras
Angical
Estreito
as terras de meu avô
são apenas
palavras vazias
mapas rasgados
lugares mortos
barcos doutros donos
noutros portos
Em Palmeiras
meu pai nasceu no ano de 1908
para mais adiante noutro lugar
ser ferido perder sangue
amar sofrer perdoar
No Angical
meu pai (adolescente) viu a sua
casa saqueada por aqueles que se
diziam seguidores da Coluna
Prestes (– Levaram
todo o ouro
toda a prata
e até as redes de varandas
que dormiam nos escuros
baús de pregarias)
Muito depois eu nasci numa
manhã de julho

Meu pai (Nad – assim era chamado
pelos seus parentes) foi
um homem pacato simples
terrivelmente generoso

(surrou-me uma vez – no dia em
que um cão danado mordeu a
minha irmã Amauriza)
No Estreito
que fica bem perto
dos beirais de Caxias
lá estive por duas vezes:
na primeira – houve desamores
e hostilidades
na segunda – quase morri
de tanto comer
araçá de vez
As fazendas de meu avô
Honorato (o velho Senhor)
hoje são
inatingíveis latifúndios
perdidos
no pântano
do recordar

Angical

Ao chegar à casa velha arquejante
(a cumeeira de aroeira ancestral)
no Angical quase nada encontrei
poucas coisas estão: teia de aranha
grilos alguns mourões carcomidos
restos mofados entulhos de paredes
monturos cacos lembranças sadias
folhas caídas secas em redemunhos
e o zunido estridente das cigarras
na boca da noite pairando sobre
os bichos e as árvores floridas
nos campos idos da minha infância
O Angical sem eles e sua falação
é a terra desolada no meu coração

A Caça

Papai chegou da ceva
trazendo a caça
(dessa vez não foi
veado nem cutia):
três ou quatro jacus
com os papos
cheios de delícias
Tiramos as frutas
pelos bicos
das aves
Lavamos as frutas
e as comemos
sem nojo
com barulho e alegria

O Bruxo

Fedia por demais e praticava bruxarias

Miguel Cipriano montado num cavalo
preto – nas cangalhas entre jacás –
saía da Macambira e cavalgava
de fazenda em fazenda
de porteira em porteira
de tapera em tapera

A ferida crônica na perna disforme
não o atrapalhava em nada
dava-lhe – por encanto – forças
e motivos à prática de atos mágicos

Miguel Cipriano era um ás da magia:
fechou o corpo do tio Lindô para –
tal um raio – matar o touro Bezerrão
(lendário e encabojado nos seus alados
pés de aço e chifres de prata afiados)

O caso mais fantástico aconteceu
no Angical – O homem chegou e foi
lacônico: "Me chamam no fim da ração
– Compro o cavalo por um tostão!"

Com uns galhos de maravilhas
benzeu três vezes o meu cavalinho
Passeiro pardilho marchador
O animal cobiçado – que estava
doente do fueiro – rinchou correu
caiu três vezes bufou e morreu

O mistério terrível perdura até hoje

A Serpe

Quando eu nasci fumaram maconha
num cachimbo de barro
                e beberam o mijo do menino
cachaça em minha homenagem

Algum tempo mais tarde – enterraram
um sapo na minha porta
varreram o meu rastro com flores do mal
cantaram dançaram praguejaram
                e arriaram um despacho
                sobre o meu retrato

Consultei os búzios as cartas as mãos
os mapas e outras leituras que
me desvelaram e desvelam
fatos fatos após fatos fatos
significados pela palavra
correspondente exata – Destino

Deus em seu amor incompreensível irado
está marcando todos a ferro e a fogo

– Por que Serpe torta? – Por quê?

O Casmurro

Potro: um monte de músculos
Chegou bem discreto fugindo
das terras do Loreto
Com rotundo porrete de ipê
esmagara a cabeça da madrasta
A malvada tinha assassinado a
sua pequenina e querida irmã
de cabelos longos e lisos
O jovem Zé-Aleixo era casmurro:
"homem calado e metido consigo"

Burro: para o serviço pesado
Carregou nos ombros tanta
água lenha melancia ração
Ao amanhecer – no fundo pilão
socara muito milho e arroz
Mana – a minha irmã Adailma
– ele a chamava com saudade
da sua pobre menina morta
O velho Zé-Aleixo era casmurro:
"homem calado e metido consigo"

Os Monges

Os monges postos em sossego
eterno – libertos da regra
libertos da acídia mortal
desincumbidos dos rituais
dos disfarces dos afazeres
(no silêncio de pedra e cal)
– não reparam se os demais
estão nus ou estão vestidos
nem escutam (sob estas lápides
neste velho claustro esperando
pela ressurreição da carne)
os passos e as murmurações
dos vivos prenhes de pecados
com seus desejos sublimados

O Gênio

Pretendi escrever um poema
sobre e para Oscar Niemeyer
                                        Não consegui
O Gênio inventor de belezas
é Grande Grande (Não cabe
na minha pobre cabeça)

É-me inconcebível pensá-lo

O Sino

O sino bate
dentro de mim
O sino toca
na Catedral
ou no Mosteiro
O sino soa
surdo por mim

O Sono

Dormir não posso
mesmo querendo
o sono foge
Dói-me ficar
como tetéu
ave sem sono
na beira da água

Esses Olhos

Esses olhos não me olham
São felinos (cegos para mim)
e guardam um mar de ressaca
(Estamos aqui cara a cara)

Esses olhos azuis ou verdes
(talvez pérolas oxidadas nos
mares profundos) escarnecem
do meu desejo e amor ocultos

Esses olhos cegos para mim
não veem os meus mareados
pelas ondas e gentes do *surf*
(Olham os de um outro gato)

Esses olhos azuis ou verdes
Esses olhos não me olham

Espelho Fosco

Olho-me neste espelho fosco
que tenta ocultar o meu rosto
Do rosto com brilho com viço
resta apenas o sal do gosto

Caminho para o quarto turvo
e cheiro o quimono já sujo
Por algum tempo fico pasmo
dentro do meu ser caramujo

Exposto como um lençol novo
estou na cama dos amores
Isto me traz o rosto antigo?
Não (Carrego marcas e dores)

Por que tanta ruga pele e osso
espelho fosco (espelho fosso)?

Amor Perfeito

Ele e ela se conhecem na esquina
perdem os limites trepam ao teto
da casa dançam loucos de paixão
e sem razão findam o doce afeto

Ele e ele se encontram no cinema
andam pelas saunas lojas e bares
jogam porrinha transam e derivam
como barcos perdidos pelos mares

Ela e ela se descobrem no pátio
do colégio quando uma delas pula
Gozam e brigam ao pé duma santa:
tela fulva pintada com espátula

Amor perfeito pode ser a planta
ou somente a duração duma cópula

Cândi

Saltou da cama e logo foi
tirando a sua roupa amarela
Pegou um miquinho de pelúcia
Linda linda nuinha e bela

Roçou o bichinho levemente
nos seios no sexo e singela
curvou-se amando a gargalhar
Linda linda nuinha e bela

Fiquei olhando da varanda
toda a manhã para a janela
do quarto onde ela estava só
Linda linda nuinha e bela

Cândi Cândi cor de canela
Linda linda nuinha e bela

Nó

O nó de marinheiro dá segurança
e fortaleza à corda
pen
den
te
do gancho de ferro que muito antes
prendia o punho da rede verde-anil

O salto é perfeito

O corpo do homem está hirto
como um judas de Sábado de Aleluia
pendurado solenemente
no galho do *flamboyant* sob o sol carioca

Nu

A clareira é feia insignificante
longínqua e deserta
O córrego (que a corta) é
também insignificante
Na margem esquerda de suas águas
(num Domingo de Páscoa)
Messias se despe e nos dá
toda a nudez a beleza e a riqueza
eternizadas
nesta foto arquivada na memória

Princípio

Cada coisa é o que é
e nunca pode ser outra coisa

Caminho (sem eira nem beira) pela margem
– sem regras sem gramáticas –
desde o princípio e sempre desigual desleixado

– Corrijam-me – Corrijam-me

Caranguejo

Uma águia sem as garras
Um condor com as asas cortadas

Do signo de câncer
ele era um menino que loucamente sonhava

?

Que é uma bola ?
A bola é esfera ?
A pele é sola ?
O homem é fera ?

Que é um carro ?
O carro é perna ? O corvo é garro ?
A garça é terna ?

Que é uma fola ?
A fola é canto ?
A pomba é rola ?
O xale é manto ?

Que é um balão ?
O balão é bolha ?
O salto é galão ?
A coca é folha ?

Que é uma craca ?
A craca é bicho ?
A carne é fraca ?
O corpo é lixo ?

Que é dar amor ?
Fálico carinho ?
Cavalgar a dor ?
Pinto no ninho ?

Que é um falo ?
Falo é galinho ?
Peixe é cavalo ?
Cavalo-marinho ?

Coisa

Procurei uma sorte e achei uma praga
Procurei uma santa e achei uma seita
Procurei uma religião e achei uma separação
Procurei uma transcendência e achei uma imanência
Procurei uma liberdade e achei uma prisão
Procurei uma vida e achei uma morte
Procurei uma coisa e achei uma outra

A Túnica

O lugar cheira a jaca e a bacalhau
enquanto trajo
(da cabeça ao pé)
a túnica
                a túnica
                             a túnica
luminosamente áurea até o âmago da alucinação

Pit stop

Quase sempre saí na frente
No abismo fiz a pequena parada
e jamais cheguei ao fim da corrida

Meu carroção amarelo-girassol virou cinza

Estética

Há todos os tipos modos maneiras
conteúdos e formas de estética:
do belo do feio do horrível
do luxo do lixo do amor do ódio
aprisionada livre fina abstrata
concreta requintada clara escura
horizontal vertical culta burra
do olhar cega colorida incolor
profunda superficial
do erro do certo
fechada aberta
                estúpida grosseira
                                et cetera
Ao acaso laboro sem vergonha
pelas entranhas pelos túneis
do errado e pelos
charcos da grosseria da estupidez

Poema

Poema é o que a gente chama de
poema – verso poesia canção
prosa romântica amor emoção drama
lirismo sentimento tragédia dor xingamento
criação invenção tradição confusão
mesmice qualquer coisa e demais referentes
Poema pode ser tudo isso aí – mas é radicalmente
desenho pintura com letras com palavras
(pensadas sem discriminações) na página

Poesia

A poesia é a linguagem do poema
Tenta a construção própria dele
um objeto novo direito ou esquerdo
Mais: um objeto inteligível

Disseram-me que todas as coisas
captadas ou não por nossas retinas
usadas (antes e depois) são poemas
Mais: as coisas intraditas

O melão é fruto (o obelisco não é)
O patíbulo dá uns frutos mortos
Mais: os reais objetos postos

Amanhã será dia de chuva ou de sol
Constrói um poema belo ou feio
Mais: as coisas com palavras

Poeta

– Sou poeta coisíssima nenhuma
(Já disse isto algumas vezes)
– Sou plateia
POETA POETA POETA
é Homero
é Virgílio
é Dante
é Shakespeare
é Villon
é Camões
é Góngora
é Goethe
é Pushkin
é Whitman
é Baudelaire
é Gonçalves Dias
é Bandeira
é T. S. Eliot
é Pessoa
é Mário de Andrade
é Brecht
é Cecília
é Drummond
é ELE: o Salmista
e mais alguns no peito guardados
Sobram os coadjuvantes os coristas os plateias
– Eu sou plateia – Eu bato palmas

Criptograma Para Sousândrade

BEM MAL
BEM MAL
BEM MAL
COMENDO PEDRAS
PEDRAS COMENDO
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS
(SIM: POETA) (da Quinta da Vitória)
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS
PEDRAS COMENDO
COMENDO PEDRAS
BEM MAL
BEM MAL
BEM MAL

Bandeira Vermelha

NADOU
ADOU
DOU
OU
U
NADOU
NADOU NADOU NADOU
NADOU NADOU NADOU NADOU NADOU
NADOU NADOU NADOU NADOU NADOU NADOU NADOU
NADOU NADOU NADOU NADOU NADOU
NADOU NADOU NADOU

(– e morreu na praia)

Invenção / 2

Milhões milhões de
círculos dentro do Círculo
(rosa azul sem nome)

Grande explosão nos consome

As Sombras

As sombras encobriram a minha vida
cobriram de pó as minhas pegadas
descobriram os meus tolos projetos
                                                            e sonhos
recobriram com a couraça virótica do medo
o que poderia ter sido
                                                ou não
fora da duodécima margem
desta longa noite

Resta a sombra parca do meu corpo
mínimo que irá comigo ao Crematório do Caju
às nuvens poluídas e aos infernos sombrios

Os Resultados

Meu amigo minha amiga
– Como estou?
– Um *evereste* de fracassos

Fracassei como jornalista
Fracassei como professor
Fracassei como político
Fracassei como escritor
Fracassei como religioso
Fracassei como amante

O mundo dos meus sonhos acabou
Acabou (acabou) acabou a Utopia

Espero não fracassar (companheiros)
“quando a indesejada das gentes chegar”

– Tragédias? – Só as gregas
Minha amiga meu amigo

As Duas Alimárias

Os jumentos eram dois: Periquita e Gavião
A gente não falava de assombração
nem era noite sem lua:
noite negra cor de carvão
Foi numa tarde de sol que
todos presenciaram aquele caso de amor
– Caso de amor ou caso de bestialidade?
– Ninguém sabia nem queria saber ou julgar
O que ocorreu não foi muito interessante
mas a sua narração era desejada
De repente adentrou pelo pátio um magote de
jumentas ensandecidas mordendo e dando
coices no indefeso e cinzento Periquita
(animal frágil médio e possivelmente tímido)
A gente não entendia o sentido de tamanha
violência: várias fêmeas adultas e novatas
aplicando uma surra de pé no pescoço
num solitário macho
Não tardou muito – logo logo irrompeu do
mato ventas acesas o Gavião (animal forte
preto com uma pinta branca no meio da testa)
e escorraçou as fêmeas ciúmes e preconceitos
Antes daquele dia terrível (lá no Angical)
ninguém conhecia Periquita e Gavião:
os inacreditáveis jumentos amantes
Nunca se soube de
que lugar eles vieram e a quem pertenciam

Na boca da noite (arrefecidos os ânimos)
– após algumas carícias – Gavião trepou
nas ancas do Periquita e se amaram
enquanto mastigavam um acre capim abstrato

O orgasmo duradouro inumano inarrável intemporal
chegou no tempo de ser e de não-ser (Apartados
debaixo da canafístula se espojaram saciados)
A cópula das duas alimárias não foi um ato
único – repetiu-se mais vezes
Durante dois ou três dias a guerra continuou:
as jumentas davam pisas dantescas no fidalgo
Periquita quando o encontravam sozinho
Os filhos do Pedro Silva – que achavam
aquilo estranho e ao mesmo tempo engraçado
– prenderam o Periquita na Quinta do Baixão
antes que o desgraçado tivesse os seus
bofes arrebentados pelas patas
das suas inimigas mal-amadas
Gavião procurou as fêmeas – entretanto dias
depois postou-se ao pé da cerca da Quinta
com os olhos brilhantes de paixão e desejo
No terceiro sábado de abril de 1950
os meninos (burlando o pai) promoveram o
acasalamento das duas criaturas apocalípticas
Foi uma loucura monstruosa e fantástica:
Periquita e Gavião relincharam pularam
escaramuçaram e treparam o dia inteiro
até que caíram cansados e exauridos

Choveu demais do anoitecer ao amanhecer do
dia seguinte quando os jumentos deitados
lado a lado foram encontrados mortos

O velho Miguel Cipriano – dissertando sobre
o caso jamais visto – falou com sabedoria
que “os espíritos impuros baixam em qualquer
cavalo (animal vegetal mineral) para que
as suas vontades não realizadas
e as incompletas sejam materializadas”

Vingança de Papagaio

Os papagaios e os periquitos
naquela gritaria frenética
as mangas entre as folhas
de diversos verdes (pinturas)
voos vadios de galho em galho
e os meninos com baladeiras
e pedras dispersando a alegria
matando a liberdade: penas
pelo ar e o baque na queda
(lembrança da maldade infante)
Um papagaio fala do alpendre:
"tua mãe é puta é vagabunda"

O Diabo

O diabo
(dizem) é a obra-prima da criação divina
O diabo
é a testemunha ocular da História
O diabo
é a Globalização (o IV Reich)
O diabo
é o dono do Poder e do Direito
O diabo
é o que leva o archote
O diabo
é a estrela da manhã
O diabo
é Lúcifer
O diabo
é Adão de falo ereto correndo atrás de Eva
O diabo
é a dúvida que Abraão sente antes de levar
Isaac para o holocausto
O diabo
é a culpa que Rebeca sente antes de benefi-
ciar Jacó lesando Esaú
O diabo
está destruindo a Igreja de Cristo e outras
Igrejas
O diabo
é a orquestra dos instintos
O diabo
é o quinteto dos sentidos
O diabo
é a Razão

O diabo
é a imperfeição da inteligência
O diabo
é o dinheiro o capital o BM e o FMI
O diabo
é o inenarrável inumerável espelhante pa-
radigmal
O diabo
atira fezes e urina nas cabeças coroadas
O diabo
é a bomba a pomba o gavião a mosca eletrô-
nica
O diabo
é o tordo o tordilho a águia simbólica
O diabo
não sente nojo: estupra e faz sexo anal
O diabo
tem a vulva e o pênis gigantescos
O diabo
é puta puto contraditório polissexual
O diabo
papa as mulheres os homens e tudo o mais
O diabo
ama as adúlteras as bichas os ricardões
os fanchonos
O diabo
(sôfrego) cheira lambe chupa e masturba
as meninas e os meninos
O diabo
é político: agrada a gregos e troianos
O diabo
é a propaganda e a publicidade
O diabo
joga (todos os dias) a bomba atômica sobre
Hiroshima sobre Nagasaki sobre o Mundo

O diabo
é falso quando cheira a enxofre sangue
pólvora-queimada merda gases sêmen alho
ovo-podre açafrão vela em combustão
O diabo
é perfumoso: tem cheiro de flores e água-
-de-colônia francesa
O diabo
é saboroso: tem gosto de chocolate caviar e
champanhe
O diabo
é um Shopping Center sem princípio nem fim
onde as coisas estão expostas
O diabo
fabrica as drogas mas não as usa (trafica)
O diabo
é colorido polifônico pluriformal tridimen-
sional
O diabo
é a Moda com suas consequências
O diabo
é a Tecnologia com suas ramificações
O diabo
é a Arte e a teoria sobre a sua inutilidade
O diabo
é antigo medieval moderno pós-moderno
O diabo
é a Economia o Mercado e a Internet
O diabo
é a AIDS o DNA o telefone celular
O diabo
aplica na Bolsa joga nos cavalos e faz fé
no bicho
O diabo
é fissurado em computador rádio e TV

O diabo
come e bebe pantagruelmente por ocasião do
Tríduo Sagrado
O diabo
cultua a liberdade
O diabo
conduz a libertinagem
O diabo
vai ao Salão de Beleza
O diabo
é vaidoso egoísta invejoso mas também é
amoroso caridoso
O diabo
é a multidão de Super-Heróis e a Grande
Mídia
O diabo
é cientista financista economista corrupto
corruptor e apátrida
O diabo
cria vírus retrovírus bactérias micróbios
bacilos e outros bichinhos para depois
manipular antídotos nos seus laboratórios
de usura
O diabo
cata chato nas virilhas apara os pentelhos
exibe o membro cabeçudo nos jardins da Casa
Branca nos salões do Kremlin no Coliseu
sobre as Muralhas da China na Torre Eiffel
na foz do Tejo no Minho no Estádio do Real
Madrid no deserto de Saara no centro do
Cairo nas margens do Jordão ao pé do Muro
das Lamentações na Catedral de Colônia no
Palácio da Rainha da Inglaterra na Praça
de São Pedro quando o Papa dá a bênção
urbi et orbi nas avenidas de Tóquio numa
rua de Istambul num beco sujo de Bombaim

na Praça Celestial em Pequim no limbo de
Sodoma e Gomorra na margem de um pequeno
rio na Índia em Seul na Praça de Maio no
Arroio do Meio no Anhangabaú na Vila Maria
na Praça Maria Aragão em São Luís do
Maranhão no Pelourinho na Casa Amarela na
Praça dos Três Poderes no Pão de Açúcar no
Leblon na Cinelândia no Largo da Lapa
diante dos gênios de Cingapura (e gargalha)

O diabo
é intelectual poliglota rico bonito *clown*
clone e poeta

O diabo
admira o marujo afogado e resgatado com
os olhos comidos pelas gaivotas

O diabo
além de ser o anônimo sem rosto enforcado
no mês de abril é o esquecimento de Deus

O diabo
de escafandro mergulha em busca da mandíbula
ancestral e oxidada no fundo dos mares
enquanto o seu olho intemporal vigia
as profundezas

O diabo
é um rato roendo no escuro da despensa a
interioridade dos seres

O diabo
é um camelô camuflado circulando pelas
Feiras e Bienais

O diabo
(dia e noite) quer mais luz como Goethe
ao morrer

O diabo
é Einstein criando a teoria da relatividade
($E=mc^2$) e depois mostrando num gesto
infantil a língua quase obscena

O diabo
é o Big Brother fumando *crack* sobre um
jazigo ilustre no Cemitério de Arlington
O diabo
é o fantasma de Jean Genet ritualizando
as pompas fúnebres numa aleia florida do
Père Lachaise sob a chuva e muito frio
O diabo
é o escravo javanês pedindo esmolas para
a sobrevivência de Camões
O diabo
é o estúpido cocheiro amante de Whitman
O diabo
(cínico) desce as calças e mostra a bunda
para os soldados chineses
O diabo
odeia o Comunismo o Socialismo a Religião
o Humanismo o Sonho e a Utopia
O diabo
(anjo rebelde) semeia cultiva aduba rega
engorda colhe e distribui o pecado que
(se arrependido de verdade pelo pecador)
faz maior a alegria maior a glória de
Deus?
O diabo
sendo a criatura que não deu não dá nunca
dará certo é o avesso
O diabo
(enfim)
é o homem

Imortalidade

Não Nascer
        Logo:
Não Morrer

(Viver – Eternamente)

O Cheiro

Aquelas coisas ali na minha frente
são conhecidas e até familiares
No entanto parecem criaturas incomuns
inusitadas naquele momento apesar de
suas formas funções e ares por demais
explícitos: sapato cueca meia chinelo
luva calcinha sutiã batom tampax anel
camisola camisinha toalha tapete vaso
cama lençol pijama fronha robe penico
Tudo está limpo limpíssimo no lugar
Examino peça por peça porém aquilo
me persegue sem trégua agora e sempre
está colado no meu nariz e no meu ser
Lavo-me todo por fora e por dentro
diariamente mas de nada serve o meu
agir pois nunca me liberto deste peso
desta carga desta realidade social
deste fedor deste cheiro de podre

Arrepio

A morte passou por aqui
agorinha
e roçou o seu bigode de sopa
na minha nuca

A morte é a única realidade real
A morte igualiza os desiguais

Amanhecer

Sentindo um cheiro forte de vagina
e esperma misturado a sabonete
de hotel barato na Rua das Marrecas
– saio do sonho como quem vem
saindo da mata orvalhada
numa sanguínea e fresca
e distante madrugada
                                        de maio
Às 4:30h – o Irmão Sineiro dá o ar
de sua graça: badala badala badala
Na cela – o crucificado na parede
o antifonário o saltério o hinário
sobre a mesa
                        me espiam
                                        de soslaio

A figura

Sou um breve grilo falante
sou um irrequieto bem-te-vi
às vezes sou débil mental
às vezes língua mortal aqui

Noutras sou turvo cascavel
lacrau lacraia cobra-tipiti
coisa grande copo de pus
na figura entalhada por ti

Sou um breve grilo falante
sou um irrequieto bem-te-vi

Moeda

Quem não diz não
não diz sim

Quem não crê
não descrê

Quem não fede
não cheira

Quem não nasce
não morre

Quem não corre do diabo
não corre pra Deus

Revelação / 2

Deus é o Silêncio-Total
indizível impensável Antiguíssimo
tocando o Vazio-do-Nada

POEMAS AVULSOS

Laura Beatriz Pinto Medeiros

Laura Beatriz
esteve na Disney World
e brincou feliz

Viu o Pato Donald
(quá! quá! quá! quá!) e rato Mickey
e sua rata Miney

Laura Beatriz
nasceu e mora em Laranjeiras
Ela é carioca

Gosta de dançar
Estuda no Santo Inácio
Gosta de pintar

Laura Beatriz
pedala a sua bicicleta:
vai linda e feliz

Heloisa Helena Pinto Medeiros

Heloisa Helena
nasceu no Rio de Janeiro
Ela é carioca

Ela é carioca
É carioca da gema
Nasceu na Tijuca

Ali em Botafogo
estudou no Santo Inácio
Mora em Laranjeiras

Canto de beleza
Deixou o curso de Direito
Faz de Arquitetura

Ama o belo da
Cidade Maravilhosa:
sua alma e seu corpo

Tertuliana Medeiros Mota dos Reis

A Tutu chegou
antes dos outros – luz cor
linda! linda! Flor

– pra curar salvar
vidas com saber e ética
salve! salve! Médica

Tutu minha doce
primeira sobrinha – nesta
canção! canção! Festa

– dou-te muitos beijos
abraços sons de clarim
sol! sol! no Jardim

A Tutu chegou
antes dos outros – luz cor
grande! grande! Amor

Patrícia Karla Medeiros Mota

Pat – mulher-cabeça antropologicamente
correta passo a passo no compasso da realidade
Lembro-me de ti na ECO-92 aqui no Rio
de Janeiro dançando – com tua veste
alva e leve / pés descalços e braços nus
como no poema casimiriano – no histórico
pátio do Palácio Gustavo Capanema (pro
jetado pelos arquitetos Oscar Niemeyer,
Afonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos
Leão, Lúcio Costa e Ernani Vasconcelos,
segundo risco original de Le Corbusier)
Lembro-me de ti na ECO-92 aqui no Rio
de Janeiro dançando – ao som de Elomar
Figueira de Melo e Xangai – sob os
olhares dos monumentais jovens de Bruno
Giorgi / das carbonizadas árvores-es
culturas de Krajcberg / dos azulejos
quase "líquidos" (plenos de estrelas
conchas e hipocampos) de Portinari
Pat – mulher-cabeça antropologicamente
correta passo a passo no compasso da realidade

Adriana Valéria Medeiros e Silva

Faz tempo – Valéria –
que tens meu velho ferrinha
(latim bem latim)

A língua de Sêneca
que chamam de língua morta
pra nós está viva

Varha varha vezes
palavras palavras voam
ficam quando escritas

Cuida bem da língua
onde Camões canta as glórias
eternas dos lusos

Cuida bem da língua
(“a última flor do Lácio”)
que é a nossa *pátria*

Luciana Valessa Medeiros e Silva

Luciana Luciana (lembro-me da canção
premiada) és a minha solidária Ana Néri
anjo da guarda anjo de branco (eu com
veste de outra cor) mitiga o sofrer
daquele que geme do moribundo daquele
que ficará e daquele que partirá logo
do mundo / trata com muito carinho e
amor quem no leito sente terrível dor
Podes amenizar os males de meu corpo
malacafento achacado ruim maltratado
(não podes – ninguém pode – remediar
a minha alma ulcerada pela tristeza
humilhação indiferença e solidão)
Luciana Luciana (lembro-me da canção
premiada) és a minha solidária Ana Néri

Anna Carolina Cavalcante Medeiros

Anna Carolina
tem estatura tem graça
e boa disciplina

no modo de ser
Tem mesura tem grandeza
certa pro saber

Modelo e medida
são trilhas para o direito
processar a vida

Anna Carolina
com a balança e bons códigos
será cristalina

mulher forte e tal
pra defender pra julgar
correto e legal

Sobre o autor

ADAILTON MEDEIROS (1938-2010). Poeta, jornalista, professor e ficcionista. Nasceu em Caxias, Maranhão, onde fez os cursos primário e secundário e iniciou a atividade literária. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1961. Graduou-se em Jornalismo na então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também concluiu mestrado em Ciência da Literatura. Foi membro da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, da Academia Brasileira de Literatura e da Academia Caxiense de Letras, na sua terra natal.